

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



Habitação Algarvia: tradição e contemporaneidade

Projeto de reabilitação de uma casa Algarvia

Bárbara Matinhos Piedade

Trabalho de Projeto

Mestrado em Design de Equipamento

Especialização em Design Urbano e de Interiores

Trabalho de Projeto orientado pelo Prof. Doutor Raul Cunha

2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Bárbara Matinhos Piedade, declaro que o presente trabalho de projeto de mestrado intitulado “Habitação Algarvia: tradição e contemporaneidade – Projeto de uma habitação algarvia”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tais como todas as citações diretas ou indiretas têm a devida identificação ao longo do trabalho, segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 31.10.2023

RESUMO

A importância do espaço interior tem-se tornado cada vez mais evidente. O design de interiores tem tido ainda mais importância, uma vez que a humanidade tem passado cada vez mais tempo em ambientes internos e isso impacta diretamente no nosso bem-estar e na nossa saúde. Tivemos uma noção do que é estar “fechados” dentro de casa durante um longo período de tempo, com o recolher obrigatório devido à pandemia mundial, Covid-19, que enfrentámos e onde tivemos mais uma vez a noção do quão importantes são os espaços interiores para o nosso bem-estar.

Antigamente, as habitações eram vistas como um local para ir dormir, descansar e fazer as refeições com a família. Hoje em dia, com a mudança de mentalidades e evolução da sociedade, observamos que o espaço interior é visto, maioritariamente, como um local de lazer e bem-estar e inclusive um local de trabalho para muitos. A reabilitação dos edifícios será, nos próximos anos, uma das principais atividades na arquitetura e no design de interiores e urbano. O excesso de construção levam à perda de valores identitários das cidades e do seu património, daí haver a necessidade de recuperarmos e tirarmos partido das construções já feitas e realçar a beleza que as mesmas têm e mantê-la por longos anos preservando a história e os valores identitários. O Algarve contém muitos valores históricos e arquitetónicos e ao longo deste trabalho irei mostrar como as casas algarvias são caracterizadas, agregando conhecimento e inspirações para o projeto final.

Este trabalho de projeto tem como objetivo principal a reabilitação de um espaço interior de uma habitação tipicamente algarvia, localizada em São Brás de Alportel e cuja função é continuar a manter esse mesmo destino. Verificando que existe uma relação intrínseca entre o Homem e o espaço, pode-se concluir que os dois têm uma grandiosa interação no design de interiores, onde o objetivo final é desenvolver um espaço ideal que corresponda às necessidades do utilizador.

Palavras-Chave:

Design de Interiores; Algarve; Tradição; Construção; Projeto

ABSTRACT

The importance of interior space has become increasingly evident. Interior design has become even more important, as humanity has spent more and more time indoors and this has a direct impact on our well-being and health. A typical notion of being “locked” inside the house for a long period of time, such as mandatory accommodation due to the global pandemic, Covid-19, which we faced and where we once again understand the notion of how important interior spaces are for our well-being.

In the past, homes were seen as a place to sleep, rest and have meals with the family. Nowadays, with changing attitudes and the evolution of society, we observe that the interior space is seen, for the most part, as a place of leisure and well-being and even a place of work for many. The rehabilitation of buildings will be, in the coming years, one of the main activities in architecture and interior and urban design. Excessive construction leads to the loss of the cities' identity values and their heritage, hence the need to recover and take advantage of the buildings already built and highlight their beauty and maintain it for many years, preserving the history and the identity values. The Algarve contains many historical and architectural values and throughout this work I will show how Algarve houses are defined, adding knowledge and inspiration for the final project.

This project work has as its main objective the rehabilitation of an interior space of a typical Algarve house, located in São Brás de Alportel and whose function is to continue maintaining this same destination. Verifying that there is an intrinsic relationship between Man and space, it can be concluded that the two have a great interaction in interior design, where the ultimate objective is to develop an ideal space that corresponds to the user's needs.

Keywords:

Design of Interiors; Algarve; Tradition; Construction; Project

Aos meus pais e à minha
família e ao meu tio que olha
todos os dias por nós por
sempre me incentivarem a
seguir os estudos.

Agradecimentos

É com grande satisfação que expresso aqui os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que tornaram possível o desenvolvimento desta dissertação, pois foi o completar de um grande sonho que acalentava desde sempre. Assim, é com imensa satisfação que vejo o sonho em vias de se tornar realidade.

Para mim o design é uma paixão, tal como a arte nas suas mais variadas vertentes e aqui, nesta faculdade, pude ver de perto e contactar com muitas delas. Poder estudar onde tantos inúmeros artistas estudaram para mim é uma honra enorme e é com um tremendo respeito e imensa consideração que agradeço a todos os que me acompanharam neste percurso. De facto, não há palavras para descrever tamanha gratidão.

Em primeiro lugar, quero deixar os meus agradecimentos a todos os docentes que fizeram parte do meu percurso académico. Neste ponto, quero deixar um agradecimento especial ao professor Raul Cunha pelo suporte e pelo tempo que despendeu a ajudar-me neste processo de orientação.

Em segundo lugar, quero agradecer à minha família, e aos meus pais em particular, pelo apoio incondicional que me deram durante esta fase, mas também por ter o privilégio de os ter sempre ao meu lado na vida, que me fazem crescer e evoluir, apoiando-me sempre e motivando para conseguir atingir os meus objetivos e, conseqüentemente, a minha realização pessoal e profissional e em terceiro lugar, agradeço ao meu bombom.

Um grande obrigada a todos!

Bem hajam!

Índice

RESUMO	3
ABSTRACT.....	4
Índice de figuras.....	9
Introdução	10
A) Definição do tema.....	10
B) Objetivos da Investigação.....	11
C) Estrutura do Trabalho	12
D) Metodologia.....	13
Parte I – Enquadramento geográfico do Algarve.....	15
1. As três Sub-regiões Algarvias.....	18
1.1 Baixo Algarve.....	18
1.2 Alto - Algarve.....	21
1.3 Algarve Calcário	23
2 Casa Algarvia	24
3 Materiais e processos de construção.....	27
3.1 Materiais Vernaculares	28
3.1.1 Processo de fabrico dos tijolos adobe	35
3.1.2 Processo de fabrico de blocos de Taipa.....	37
3.2 Revestimentos	39
3.2.1 Paredes em Taipa	39
3.2.2 Paredes em Pedra	40
3.3 Caiação e suas cores.....	40
3.4 Pavimentos	43
3.5 Chaminé Algarvia.....	46
3.6 Platibanda.....	50
3.7 Açoteia	52
4 Características da casa rural e casa urbana.....	54
4.1 Casa Rural	54
4.2 Casa Urbana	62
5 Elementos decorativos Algarvios	69
6 A influência da habitação popular algarvia no contemporâneo	70
6.1 Modernismo no Algarve.....	74
7 Seleção de Casos de Estudo	77
7.1 Casa de Agostos	77
7.2 Casa da Açoteia, Vale do Lobo.....	82

7.3	Casa Estalagem da cegonha.....	86
8	Proposta.....	89
8.1	Programa de Intervenção.....	89
8.2	Problemática, Necessidades e Objetivos	93
8.3	Memória descritiva e justificativa	102
8.4	Renders.....	107
8.5	Desenhos técnicos	123
9	Considerações Finais.....	10
	Bibliografia	12
	Anexos	15

Índice de figuras

Figura 1 - Esquema das Divisões geográficas do Algarve.	17
Figura 2 Mapa do Algarve (Barlavento e Sotavento) e os 16 distritos do Algarve.....	19
Figura 3 - Praia Rochosa na zona de Portimão.....	20
Figura 4 - Praia Rochosa na zona de Portimão.....	21
Figura 5 - Esquema em planta dos tipos de telhado	26
Figura 6 - Materiais e geologia da região.	29
Figura 7 - Terra modelada com as mãos, a mais básica técnica construtiva (Nigéria) ...	30
Figura 8 - Tijolos de adobe moldado, fabricado manual com pouco equipamento	32
Figura 9 - Recolha de blocos de terra cortada, extraídos em locais específicos (Kari) ..	32
Figura 10 - Parede “Gaiola Pombalina” Técnica de tabique, técnica de aplicação de terra sobre fasquiado em madeira, localizada no centro histórico de São Pedro, Funchal	33
Figura 11 - Parede de tabique de um edifício multifamiliar, localizada na freguesia de Santa Maria Maior, Chaves.	33
Figura 12 - Materiais e geologia da região.	37
Figura 13 - Casa típica Algarvia com a predominância de Cal	41
Figura 14- Cal com diferentes pigmentações	42
Figura 15- Calçada irregular com lajes ao baixo e a cutelo, Alcaria Queimada, Alcoutim	44
Figura 16 - Criação do ladrilho de Santa Catarina, ver o anexo I.....	45
Figura 17 - Habitação tipicamente algarvia com ladrilho de Santa Catarina.....	46
Figura 23 - Chaminé de planta retangular com grelha de ladrilho, Paderne.....	49
Figura 23 - Chaminé monumental de ladrilho simples, Porches.	49
Figura 23 - Chaminé rendilhada na Nove do Barão, Loulé.....	49
Figura 23 - Chaminé de balão de saia Olhão.....	49
Figura 23 - Chaminé de saia, Monchique.....	49
Figura 23- Chaminé rendilhada na Nove do Barão, Loulé.....	49
Figura 24 - Fachada da Casa das Figuras, Faro.	50
Figura 25 - Habitações com açoteias, Olhão.	53
Figura 26 - Habitação com açoteia, Olhão.	53
Figura 27- Habitação Rural.	55
Figura 28 -Habitação Rural. Bordeira, Aljezur.....	56
Figura 29 - Nora mourisca, Picota.....	58
Figura 30 - Exemplo do interior de uma habitação Rural, Moita, Serra de Monchique. 59	
Figura 31 - Habitação Rural, Moita, Serra de Monchique.	59
Figura 32 - Habitação Rural, no Algarve Central.	60
Figura 33 - Habitação Rural, no Baixo Algarve.	61
Figura 34 - Habitação em banda em Olhão.	63
Figura 35- Pátio da Habitação Urbana em Olhão.....	64
Figura 36 - Tipologia da habitação urbana da habitação de Olhão.....	65
Figura 37- Tipologia da habitação urbana da habitação na Fuzeta.....	66
Figura 38 - Habitação em banda, Fuzeta.	66
Figura 39- Mapa tipológico das diferentes habitações algarvias.....	67
Figura 40 - Esquema das diferentes habitações rurais e urbanas no algarve.	68

Figura 41- Lamparina algarvia.....	70
Figura 42 - Olaria.....	70
Figura 43- Cidade de Quarteira, nos anos 60	72
Figura 44 - Cidade de Quarteira, nos anos 60.	72
Figura 45 – Casa Gago, 1955	74
Figura 46– Interior da casa Gago (2023).....	74
Figura 47 – Imagem atual da Casa Gago (2023).....	74
Figura 48 – Edifício na avenida 5 de Outubro, Faro.	75
Figura 49 – Edifício, Faro.	75
Figura 50 – Edifício, Faro.	75
Figura 51 – Aldeia das Açoteias.	76
Figura 52 – Verde Pino, Resort, Vilamoura.....	76
Figura 53 -Habitação Tradicional, Lutão, Alcoutim.....	78
Figura 54 -Atual habitação Tradicional, Lutão, Alcoutim	78
Figura 55-Atual habitação Tradicional, Lutão, Alcoutim.....	79
Figura 56 – Poial	80
Figura 57 – Açoteia	80
Figura 58 – Açoteia	80
Figura 59 – Planta piso térreo.	81
Figura 60 – Cortes da Casa de Agostos.....	81
Figura 61- Planta dos três pisos, Casa da Açoteia, Vale do Lobo.....	83
Figura 62 - Casa da Açoteia, Vale do Lobo.	85
Figura 63– Casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago.	87
Figura 64 – Casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago.	87
Figura 65 – Fotos do interior e exterior da casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago.	88
Figura 66 – Fotos do interior e exterior da casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago.	91
Figura 67 – Quarto 1	91
Figura 68– Instalação sanitária.....	92
Figura 69 – Quarto 2	92
Figura 70– Espaço de ligação entre a cozinha e a casa	92
Figura 71 – Cozinha.....	92
Figura 72 – Identificação em planta do levantamento fotográfico com ângulo de visão.	93
Figura 73 - Esquema de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças.....	94
Figura 74 – A Programa de Necessidades	95
Figura 75 – Telha de Santa Catarina e esquema de disposição no telhado.	103
Figura 76 – Ladrilho de Santa Catarina e esquema da respetiva disposição no chão...103	
Figura 77 – Azulejo Algarvio azul e branco	104
Figura 78– Azulejo no formato de escama turquoise green.....	104
Figura 79 – Planta de zonas.....	106
Figura 80 – Planta de alterações.....	106
Figura 81 - Recorte da planta de distribuição de mobiliário, simulação 3D.....	108
Figura 82– Render do alçado principal - exterior.	108
Figura 83– Render em perspetiva exterior.....	109
Figura 84 – Planta de piso (indicação de cortes).....	109

Figura 85 - Render do corte EE' .	110
Figura 86 – Render do corte FF' .	110
Figura 87 – Render do corte GG' .	111
Figura 88 87 – Render do hall de entrada.	112
Figura 89 – Render da sala de estar e zona de refeições.	113
Figura 90 – Render da sala de estar e zona de refeições.	114
Figura 91– Render, visão da cozinha para a sala de estar e hall de entrada.	115
Figura 92– Cozinha.	116
Figura 93 – Render da instalação sanitária.	117
Figura 94– Render do quarto (10.30 m2).	118
Figura 95– Render do quarto (18.25 m2).	119

Introdução

A realização deste trabalho de projeto, com vista à obtenção do grau de Mestre na conclusão do Mestrado em Design de Equipamento, com especialização em Design Urbano e de Interiores, na Faculdade de Belas – Artes da Universidade de Lisboa, tem como assunto e título “A habitação algarvia: da tradição à contemporaneidade, com o projeto da habitação algarvia”.

A) Definição do tema

A importância do espaço interior tem-se tornado cada vez mais evidente. O designer de interiores tende a procurar a comodidade e a qualidade nos espaços, ocupando-se das técnicas e normas que envolvem a acústica, a iluminação, os requisitos elétricos, a imagem e a ergonomia que são projetados em espaços interiores. O maior desafio do designer é adequar estas técnicas e normas à personalidade, estilo de vida e gostos do seu cliente, dependendo da serventia que se pretende dar à habitação. É sabido que a mente e o corpo estão constantemente interligados e podem ser afetados por diversas razões, incluindo o ambiente em que vivemos, que deve proporcionar conforto e bem-estar.

O trabalho passa por diversas fases desde o enquadramento histórico da região do Algarve aos tipos de materiais utilizados. Uma habitação no Algarve possui características próprias, mas também pode ser influenciada pelos tempos modernos.

Este trabalho tem como objetivo principal a reabilitação de um espaço tipicamente algarvio, localizado em São Brás de Alportel, e que se destina a uma habitação pronta a ser usada na sua plenitude. O objetivo é encontrar e propor uma solução para um dos problemas que o edificado apresenta, nomeadamente a degradação evidente de certas zonas, passando pelo respeito e o valor patrimonial que a mesma apresenta, gerando uma nova vida a esta casa, integrando-a no espaço envolvente, tirando proveito da sua história e dos valores que presidiram à sua construção.

B) Objetivos da Investigação

Após a definição do tema para o presente trabalho de projeto, determinou-se como objetivo geral de investigação: Propor um projeto de reabilitação de uma habitação algarvia. Assim, houve a necessidade de caracterizar o Algarve tanto a nível geográfico como a nível arquitetónico, para conhecê-lo melhor geograficamente e entender a diferentes regiões.

Determinou-se, então, os seguintes objetivos específicos:

- Caracterização geográfica, para entender onde se localiza o Algarve e quais são as suas principais regiões e respetivas características e costumes;
- Breve contextualização sobre a habitação algarvia;
- Materiais utilizados na construção das habitações algarvias;
- Casa Rural e a casa urbana;
- A influência do turismo no Algarve;
- Definir aspetos marcantes do interior da habitação para o utilizador;
- Examinar casos de estudo semelhantes aos da habitação a requalificar;
- Desenvolver um projeto tendo em conta os requisitos pretendidos.

C) Estrutura do Trabalho

O presente trabalho está estruturado em duas grandes partes, antecedidas pela atual introdução que apresenta toda a investigação, definindo a temática e os objetivos a cumprir.

Na primeira parte, apresenta-se um enquadramento teórico da temática estudada. Dessa forma, estruturou-se em cinco capítulos com o intuito de englobar as várias temáticas. No primeiro capítulo, contextualiza-se o enquadramento geográfico do Algarve, contendo 3 subcapítulos cada um referente às várias sub-regiões algarvias. No segundo capítulo, contextualizam-se os vários tipos de habitação algarvia existentes e os mais importantes elementos construtivos e ornamentais que os constituem. No terceiro, abordam-se os dois tipos de habitação Algarvia, a habitação rural e a habitação urbana. O quarto capítulo tem como função caracterizar a região Algarvia bem como os seus costumes. No quinto capítulo, pode-se encontrar a caracterização da habitação popular algarvia contemporânea, linguagem formal, modernismo e pós-modernismo. Por fim, o sexto capítulo explora na prática os princípios definidos anteriormente, através dos casos de estudo apresentados.

A segunda parte deste Trabalho de Projeto apresenta uma proposta para a reabilitação de uma habitação algarvia em que é elaborado um programa de intervenção. Este inicia-se com a apresentação das propostas e a definição do projeto final, onde será projetado e desenvolvido um espaço doméstico que será o culminar de todas as temáticas supracitadas.

Por fim, são apresentadas as considerações finais extraídas da presente investigação, procedendo-se a uma síntese das principais conclusões deste estudo.

D) Metodologia

A metodologia adotada neste Trabalho de Projeto foi delineada a partir da definição do tema tratado e contém uma componente teórica e uma componente prática. Para a maioria do enquadramento teórico será utilizada a pesquisa bibliográfica, procedendo ao levantamento de conhecimentos com base em materiais bibliográficos já publicados. Estes foram consultados e analisados de modo a conhecer o parecer dos seus autores e a refletir sobre os vários pontos de vista apresentados de forma a poder abordar o assunto com conhecimento de causa e corroborando as opiniões com a análise de documentos legais que sustentam as abordagens expressas ao longo do presente estudo.

De referir que, ao longo da presente investigação, foi desenvolvida uma reflexão e uma consolidação de informação sobre as características da região do Algarve em geral e a casa Algarvia em particular. Com esse fio condutor em mente, foram utilizadas diferentes metodologias de investigação para que fosse possível encontrar respostas válidas aos pontos teóricos e práticos definidos nesta tese. Assim, foram adotadas e conjugadas diversas metodologias:

- **Revisão de literatura:** Esta metodologia é necessária para o desenvolvimento de uma investigação coesa, possibilitando a recolha de toda a teoria necessária para a elaboração do corpo da investigação. Deste modo, é possível explorar, identificar e expor toda a informação revelante no campo em estudo, enquanto se aprofunda o conhecimento da temática. Esta recolha recai numa parte de contextualização sobre diferentes aspetos que possam envolver, desde a parte geográfica do Algarve, aos materiais utilizados observando as suas características, processos construtivos assim como a influência do turismo e uma visão da habitação popular algarvia contemporânea. Toda a informação foi obtida através de arquivos digitais, consulta de livros especializados, entre outras fontes, onde foram consultadas desde meras questões informativas até à investigação de necessidades de utilização e questões gráficas, assim como outros aspetos que se mostrem pertinentes para o presente trabalho. Em suma, as principais fontes teóricas utilizadas foram livros, documentos e artigos on-line, dissertações e teses de diversas instituições científicas e educacionais, de forma a obter informações credíveis e fidedignas acerca da temática estudada.

Casos de estudo: No decorrer deste processo foi necessário identificar problemas e ainda outros aspetos que fossem revelantes para o estudo, numa tentativa de possuir maior entendimento e conhecimento da problemática investigada. Estes casos de estudo servem ainda de apoio para o desenvolvimento do projeto prático.

As seguintes metodologias foram utilizadas para a fase de trabalho de projeto.

Análise SOWT: Esta metodologia tem como objetivo fazer uma análise coletiva dos pontos fortes e fracos, assim como das oportunidades e ameaças do espaço em questão, com vista a uma melhor compreensão dos interesses e objetivos que um utilizador pretende para o espaço habitacional.

Programa de necessidades: Esta metodologia surge como meio fundamental para a organização esquemática de todas as necessidades do utilizador. Aqui é feita uma avaliação funcional, de oportunidades e condicionantes do espaço o que contribuirá para a avaliação das soluções de projeto nas etapas posteriores.

Painel de Ideias: A elaboração desta metodologia, à qual chamamos painel de ideias ou *moodboard* tem como objetivo apresentar algumas opções de soluções visuais (inspirações) para o projeto, nomeadamente para cada uma das divisões a ser intervencionada.

Em suma, o recurso a todas estas metodologias de design é feito para que se consiga construir e estruturar uma argumentação coesa em relação à problemática apresentada, mas também para que seja possível analisar e chegar a conclusões e soluções. Este estudo será o resultado da pesquisa, análise e tratamento das informações recolhidas, finalizando o trabalho de projeto com o objetivo de concluir o Mestrado em Design de Equipamento, com especialização em Design Urbano e de Interiores.

Parte I – Enquadramento geográfico do Algarve

Para compreendermos e nos contextualizarmos acerca da região algarvia, será necessário fazer uma abordagem tanto a nível geográfico, como histórico, climático e urbano. Para se conhecer um determinado local é necessário entender os seus antepassados, culturas, povos, costumes e a evolução que tem tido ao longo do tempo.

Desta maneira, sentiu-se a necessidade de pesquisar e recolher algumas informações relevantes que nos ajudassem a complementar conceitos e estruturar ideias, formando um fio condutor que contribuirá para a melhor compreensão do produto final a que se pretende chegar neste trabalho. Assim, será efetuada uma breve caracterização do território algarvio.

O Algarve é uma região portuguesa situada no sul do país, com a capital localizada na cidade de Faro, tendo uma área de aproximadamente 5000 km². Segundo os resultados provisórios dos censos de 2021, Portugal contém cerca de 10 344 802 mil habitantes, dos quais cerca de 467 475 mil são habitantes algarvios numa área geográfica de 5412 km², uma extensão de 135 km de comprimento e uma largura máxima de 40 km. No território algarvio, existem cerca de 194 397 mil (6,3 % variação) habitantes agregados por tipo, 392 315 mil (3,2 % variação) alojamentos e cerca de 201 078 mil (1,1 % variação) edifícios (INE, Censos, 2021).

O Algarve é considerada a quinta região mais populosa de Portugal e a quarta região mais extensa. Sendo considerado um território bastante amplo, conta com 16 municípios: Vila do Bispo, Aljezur, Monchique, Lagos, Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé, Faro, São Brás de Alportel, Olhão, Tavira, Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António. Divide-se em três áreas principais com diferentes características: Litoral, Barrocal e Serra.

O Algarve transformou-se numa das regiões portuguesas com maior número de residentes estrangeiros. De acordo com o Jornal do Algarve, o jornalista Nuno Couto fez uma notícia dedicada aos novos cidadãos presentes no Algarve. Em termos de crescimento recente, o destaque vai para as nacionalidade italiana (42%), sueca (30,3%), francesa (26%) e

britânica (10,6%). Ano momento, as nacionalidades mais relevantes no Algarve são a britânica, a brasileira, a romena, a ucraniana e a francesa. Vários relatórios indicam que os cidadãos de nacionalidade britânica continuam a ser os mais representativos entre a população estrangeira residente no Algarve (Couto,2018).

Os portugueses e os estrangeiros adoram o Algarve principalmente pelo seu clima bastante agradável. Na verdade, trata-se de uma região em que há sol durante o ano inteiro, as chuvas são esporádicas e as temperaturas são relativamente amenas no inverno, comparadas com as de outros países europeus. Beneficia de um clima próprio, com características mediterrânicas, apresentando sempre verões quentes com temperaturas entre os 26 e os 40 graus centígrados; os invernos são suaves, com pouca chuva, mas com bons níveis de humidade do ar. O povo algarvio costuma dizer que “o Algarve tem 300 dias de sol por ano” e isso torna-o uma região convidativa. Devido às alterações climáticas, prevê-se que este clima poderá sofrer alterações com o passar dos anos, assim como tantos outros lugares em todo o mundo.

Em Portugal, como já foi referido, o Algarve é uma das zonas mais procuradas pelos turistas, dada a sua reputação conferida, maioritariamente, pelo clima que tem contribuído para uma excelente reputação turística. É considerada uma das mais lindas e típicas províncias de Portugal e da Europa.

“A região Algarvia, que se designa potencialmente predestinada a fins turísticos pela permanente amenidade do seu clima e temperatura das suas águas, pelas suas belezas naturais incomparáveis, pelas suas relações históricas e arqueológicas, é «formada por uma estreita faixa longitudinal – de um pouco mais de 5000 km² – o extremo meridional do território metropolitano português, é limitada ao norte pela vasta planície alentejana – da qual é dividida pela ribeira de Odeceixe, pelo alinhamento, em parte, das serras de Monchique e do Caldeirão, e pelo ribeiro Vascão – e a leste pela Espanha, de que a separa o rio Guadiana” (Costa,1965).

Geograficamente o Algarve é caracterizado por vários autores, um deles é Silva Teles que cita:

“ (...) O Algarve é um retalho de território português que não se confunde com a terra andaluza próxima, nem com a província alentejana contínua. Porque,

chegando ao alto da serra, o Algarve é um anfiteatro que desce em degraus até ao mar, aquele mar do sul que às vezes é tão azul que parece o céu” (Adragão,1985,p.12).

Segundo a pesquisa e conceito de alguns autores, o Algarve divide-se em três faixas: a Serra, o Barrocal e a Beira-Mar. No livro “Algarve” (1938), o Dr. Medeiros Gouveia afirmou:

“ O algarve é uma região complexa, constituída por 3 sub-regiões tão características que, se não fora a pulverização excessiva do território, se poderiam considerar como pequenas regiões autónomas: o Alto Algarve, o Algarve Calcário e o Baixo Algarve.” (Gouveia,1938)

A fig.1 contém um mapa que acompanhou este estudo feito por alguns autores, é apenas um esquema muito genérico, que foi desenvolvido pelo o autor Orlando Ribeiro, em Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.

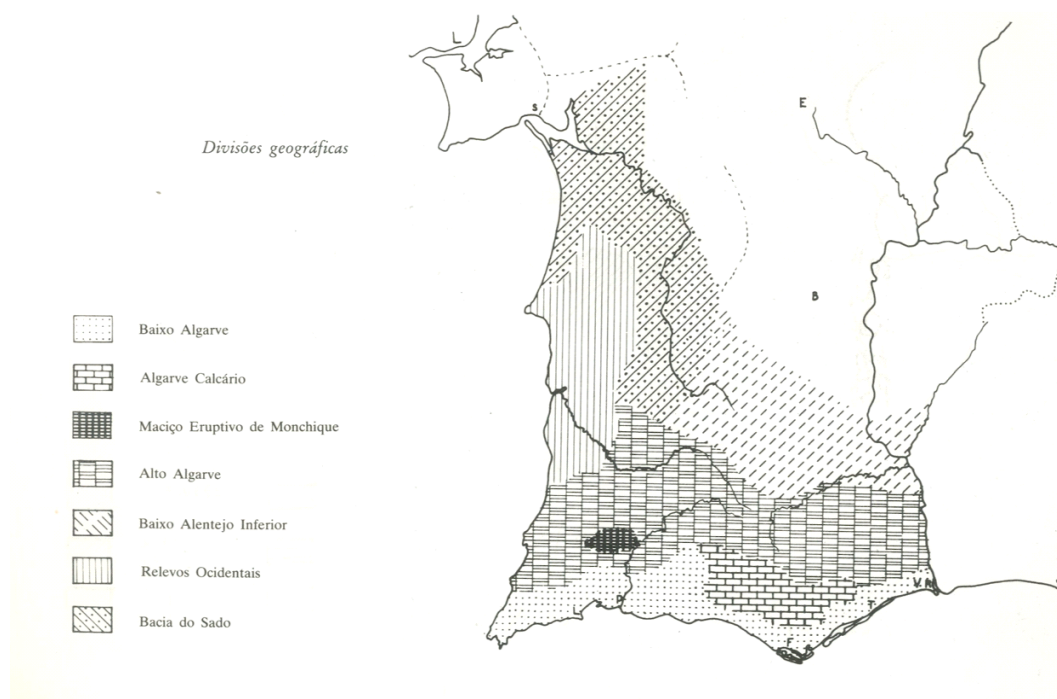


Figura 1 - Esquema das Divisões geográficas do Algarve

Fonte: Livro *Arquitetura Popular Portugal*

1. As três Sub-regiões Algarvias

1.1 Baixo Algarve

O Baixo-Algarve ou Algarve Litoral é uma sub-região algarvia que se estende até ao mar, onde se encontra a maior densidade populacional. Nesta sub-região a população vive essencialmente do turismo, das atividades piscatórias e das indústrias delas derivadas. As indústrias de conservas de peixe, atum, cavala e sardinha sempre foram uma importante riqueza económica da província algarvia.

“As salinas algarvias também são consideradas das mais produtivas de todo o país. Inclusive nos seus antepassados, na época de D. Afonso III, reservava para a coroa o sal todo das salinas que já ali existiam e as que viessem a construir-se posteriormente, bem como o monopólio da venda do sal. No tempo de D. João I, era tanta produção das marinhas de Faro, que o monarca concedeu a mercadores estrangeiros a licença de exportação de sal algarvio” (Ribeiro, et al. Arquitetura Popular de Portugal, 1988, p.126).

Devido aos recursos da pesca e de navegação, começaram a surgir as principais aglomerações no Algarve, nesta região do Baixo-Algarve. Inclusive nos anos 60, o Algarve começou a sofrer um surto turístico, gerando assim uma maior densidade populacional, havendo a criação de mais hotéis, edifícios e das famosas *villages* (aldeamentos turísticos).

Esta sub-região é comum dividir-se, no sentido Este-Oeste, em duas partes, a parte de Barlavento ou Sotavento. Para entendermos melhor estas partes, coloquei o seguinte esquema (fig.2) Barlavento é a parte que está virada na direção do vento, ou seja, está do lado do vento que se situa mais à esquerda (Oeste) da região Algarvia. No lado direito denomina-se por Sotavento, que é o lado oposto ao vento, ficando uma zona mais abrigada. A divisão é difícil de se precisar, uma vez que existem diversas opiniões acerca desde assunto, mas vários autores referem que existe uma “linha imaginária” que separa Silves e Albufeira de Loulé. Segundo os autores, Gomes, Pereira e Antunes compreende-

se que há várias maneiras que interpretar estas divisões segundo o livro *Arquitetura Popular em Portugal*.

“A linha vertical que separa passa, segundo uns em Faro, e em Quarteira ou Albufeira, conforme outros. Há ainda quem considere o Baixo-Algarve subdividido em três faixas: barlavento, centro e sotavento, correspondendo o centro a uma zona compreendida entre Tavira e Quarteira, precisamente onde a costa se encontra afastada do mar por um grupo de ilhas arenosas.” (Gomes, et al., *Arquitetura Popular de Portugal*,1988, pag.127)



Figura 2 Mapa do Algarve (Barlavento e Sotavento) e os 16 distritos do Algarve

Fonte: Website VisitAlgarve Portugal

Resumidamente, Barlavento Algarvio é a zona ocidental do Algarve, caracterizada por ser uma zona húmida, geralmente mais ventosa com temperaturas mais amenas. A serra que se destaca nesta divisão é a Serra de Monchique, conhecida como a “Montanha Sagrada” pelos árabes, cujo ponto mais elevado, o Pico da Foia com 902 metros de altitude, é considerado o ponto mais alto do Algarve e o principal rio desta zona é o Rio Arade (Santos,2021).

Esta zona Ocidental é também caracterizada por ser “Algarve Rochoso” devido às praias que se encontram nesta zona, tendo grandes arribas e ser uma zona bastante rochosa. Desta zona, fazem parte os seguintes municípios: Aljezur, Albufeira, Lagos, Lagoa, Portimão, Monchique, Portimão e Vila do Bispo.



Figura 3 - Praia rochosa na zona de Portimão, Barlavento

Fonte: website Visit Algarve Portugal

O Sotavento Algarvio é a zona oriental do Algarve, caracterizada como sendo a zona mais quente e seca, tendencialmente menos ventosa. Pode-se dizer que as temperaturas da água do mar tendem também a ser mais elevadas no Sotavento Algarvio, pois é uma zona que não é tão rochosa quanto o Barlavento Algarvio, contendo zonas mais planas e arenosas. A serra que se destaca nesta divisão é a Serra do Caldeirão e o seu ponto mais alto localiza-se em Pelados com aproximadamente 589 metros de altitude e o seu principal rio é o Guadiana. O Sotavento Algarvio é composto pelos seguintes municípios: Alcoutim,

Castro Marim , Faro , Loulé , Tavira, Olhão, São Brás de Alportel e Vila Real de Santo António.

Uma das características desta zona é o facto de ser bastante tranquila e por manter ainda uma grande tradicionalidade em algumas vilas, devido ao facto de ser uma zona que não se encontra demasiado modificada. Esta zona tem muito turismo, mas é um turismo tendencialmente mais português em comparação com outras região do Algarve, nomeadamente Albufeira, Lagos, Vilamoura, que são zonas mais direccionadas para on turismo estrangeiro. Um exemplo disso é, principalmente, Vilamoura e Albufeira , que oferece uma grande oferta habitacional, bem como restaurantes e bares muito similares aos das suas terras de origem.



Figura 4 - Praia arenosa na zona de Tavira, Sotavento

Fonte: website Visit Algarve Portugal

1.2 Alto - Algarve

O Alto-Algarve é a província mais meridional do país, sendo formado por um conjunto de serras nomeadamente a Serra de Monchique e a serra do Caldeirão que vulgarmente é denominada por “Serra” simplesmente, formando uma importante barreira natural que separa esta região dos peneplanos do Alentejo e a defende dos ventos quadrantes do Norte e Noroeste. O Algarve não é só conhecido pelas suas famosas praias, mas também pelas suas serras que se localizam na sub-região do Alto Algarve. O interior algarvio é muito

conhecido pela sua famosa aguardente ¹ ou até mesmo pela sua melosa² e comida tradicionalmente serrana. É também um ótimo local para a observação de aves e do espaço sem poluição luminosa, sendo também um ótimo local de lazer e excelente para usufruir da natureza circundante, que ainda se mantém inalterada e genuinamente algarvia.

Essencialmente, a serra Algarvia é composta por xisto, rocha pouco dura, avermelhada, impermeável e seca. Segundo o autor José Adragão no seu livro “Algarve” refere que a água da chuva escorre rapidamente e transforma os montes, abrindo sulcos e barrancos, alimentando ribeiros que se abrem em leque, descendo para o ocidente, para o sul e para o oriente, para o Guadiana. Estevas e medronhos nasceram naturalmente, mas no princípio deste século muitos foram limpos de pedras para cultivo de cereais. Daqui resultou a desertificação crescente e se, em muitas zonas, o sobreiro e a azinheira conseguem quebrar a pedra e procurar alimento, noutras apenas o eucalipto consegue viver. Ao longo das ribeiras e onde a água flui, há hortas verdejantes, produtoras de frutas e legumes de excelente sabor (Adragão,1985, pag.13).

A serra algarvia é uma zona situada no norte do Algarve, na fronteira com o Alentejo e abrange aproximadamente 50% do território algarvio. Esta zona é caracterizada por ser composta por relevos montanhosos. Destacam-se quatro das serras mais conhecidas do Algarve: Serra de Monchique, Serra do Caldeirão, Serra de Monte Figo e a Serra de Espinhaço de Cão.

A Serra de Monchique é conhecida como a “Montanha Sagrada” pelos árabes, localiza-se no oeste do Algarve, cujo ponto mais elevado é a Foia com 902 metros de altura, sendo considerado o ponto mais alto do Algarve. Curiosamente por ser uma serra que está próxima do mar, possui um microclima subtropical húmido. As temperaturas amenas permitem a existência de uma diversa vegetação rica e variada, onde se podem encontrar diversos tipos de árvores como o castanheiro, carvalho-cerquinho, carvalho-rebelde e o carvalho-de-Monchique. Nesta serra existem as famosas Caldas de Monchique que é um complexo termal rodeado por um parque de vegetação onde existe a maior magnólia da

¹ Aguardente é uma bebida espirituosa destilada de elevado teor alcoólico, resultante da destilação de vinhos, licores ou produtos vegetais como os cereais ou tubérculos.

² Melosa é um licor tipicamente português que deriva da junção de mel, combinado com proporção certa, com uma aguardente de medronho suave e frutado.

Europa. Assim como existem vários ribeiros e ribeiras que têm origem nesta serra. (Visite Algarve Portugal,2018)

A Serra do Caldeirão, localiza-se na fronteira entre o litoral e o barrocal algarvio e as planícies do Baixo Alentejo, e o seu ponto mais alto localiza-se em Pelados com aproximadamente 589 metros de altitude. Apesar de não ter grande altitude, esta serra é diferente porque os seus cumes são arredondados, contendo uma grande rede de canais e ribeiras com um relevo bastante acidentado e muito procurado por amantes de desportos radicais. Relativamente às espécies vegetais, predomina o sobreiro, o carvalho, o medronheiro, a azinheira e a palmeira. Relativamente à sua fauna, podem-se encontrar diversas espécies de animais como lontras, javalis, cegonhas entre outras tantas espécies de animais. Nesta serra, através da visão do homem e das experiências que se foram realizando foram implementadas diversas espécies de plantações como as amendoeiras, alfarrobeiras e as famosas laranjeiras (introduzidas pelos árabes).

A Serra de Monte Figo encontra-se entre os concelhos de Olhão, Faro, Loulé e São Brás de Alportel. O seu ponto mais alto tem 411 metros de altitude, denominando-se como Serro de São Miguel sendo considerado um dos melhores miradouros de Portugal.

A Serra de Espinhaço de Cão localiza-se a oeste de Monchique e é considerada uma pequena serra com uma altitude proximamente de 297 metros, caracterizada pela sucessão de montes e vales. Contendo árvores como o medronheiro e sobreiros, é uma zona interessante para observar a natureza e as aves.

1.3 Algarve Calcário

De seguida, o Algarve Central, mais conhecido por Barrocal Algarvio, é uma sub-região localizada entre a serra e o litoral, que é considerada uma zona calcária. Segundo o autor Silva Lopes, o Barrocal é “uma faixa de duas a três léguas de pedra calcária, alguma siliciosa, terra forte, negra e barrenta, com elevação para a serra” (Lopes,1988, p.244) dando também o nome de Algarve Calcário. Nesta zona, em termos geológicos, caracteriza-se pela presença de várias elevações calcárias irregulares, que raramente ultrapassam os 400 metros de altitude.

Para além, disso o Algarve é uma região muito peculiar no que diz respeito ao seu património frutícola, principalmente nesta região, devido à sua distinção e originalidade em relação às outras regiões do país. Até aos anos setenta do séc. XX, a fruticultura do Algarve, especificamente nesta zona, consistia principalmente na produção de árvores produtoras de frutos secos, nomeadamente a figueira, a amendoeira, a alfarrobeira, mas também a vinha e o olival. Assim como encontramos variadas árvores de fruto como a laranjeira, a tangerineira, os damasqueiros, as romãzeiras, as ameixeiras, as nespereiras e os Limoeiros, ainda hoje tão presentes nesta região do Algarve Calcário.

Nesta zona as pessoas utilizavam as casas de maneira mais funcional em comparação com as casas da serra. Na serra, as casas eram mais simples, pois as pessoas eram mais ligadas ao campo, dedicavam-se aos trabalhos mais duros, desde o amanhecer até ao anoitecer, utilizando a casa quase só para dormir. Na região do Algarve calcário, as pessoas utilizavam as casas não só para dormir, mas também para usufruir das mesmas. Têm a noção do que a terra lhes dá e têm isso em conta, mas apostam em casas que sejam frescas e onde possam descansar no pico do calor.

São apetrechadas de belas chaminés debaixo das quais fazem lume para os aquecerem no inverno e para confecionarem a comida. Praticamente quase todas são caiadas com a cor branca, devido ao calor que se faz sentir no verão no Algarve, pois a cor branca permite que as mesmas fiquem mais frescas no verão e no inverno com uma temperatura amena. Por vezes, as colinas calcárias veem-se até quase junto à costa, como é o caso de Boliqueime, Almancil ou Moncarapacho, deixando mais larga a zona plana e facilmente irrigada.

2 Casa Algarvia

A casa algarvia é conhecida pela famosa expressão “Casa do Sul” e é completamente distinta das casas do Norte e o do centro dos país, cada uma à sua maneira, agregando uma diversidade de tipologias construtivas, de materiais e pormenores.

A casa Algarvia é particularmente diferente da casa do Norte, devido ao seu clima, ao terreno, aos materiais locais e ao estilo de vida dos próprios habitantes algarvios.

Antigamente, os recursos de que o Algarve dispunha não eram os melhores, em comparação com resto país, pois os algarvios, tal como os seus antepassados tinham um estilo de vida mais calmo e também se confrontavam com uma reduzida capacidade económica, pelo facto de não ser um local tão desenvolvido como em outras partes do país, nem como é nos dias de hoje. O Algarve ficou reconhecido e teve um grande crescimento principalmente devido ao turismo implementado a partir dos anos 60 do século XX,. Até essa altura, as pessoas vivam essencialmente da atividade agrícola, da pesca e de algumas atividades locais o que não permitia uma boa qualidade de vida.

Apesar dos seus antepassados, a população algarvia sempre soube e sabe tirar proveito das matérias-primas disponíveis nas diferentes regiões. Dizem que “a necessidade aguça o engenho” e, de facto, o povo algarvio parece ter tido essa capacidade de ter um poder criativo e funcional, tal como podemos observar em alguns elementos decorativos e pormenores que as habitações revelam, criando assim elementos marcantes e históricos que se mantém até aos dias de hoje na arquitetura e no design algarvio.

Na construção das suas habitações, utilizaram materiais facilmente moldáveis de origem argilosa (materiais como a taipa, o tijolo e o colmo), arenitos vermelhos, calcários moles, friáveis e mármore. A planta de uma casa algarvia geralmente é retangular, simples com cobertura de uma ou duas águas, e na zona de Tavira, de quatro águas. (A fig.5 representa um esquema com o exemplo dos tipos de telhado utilizados nas construções). A cobertura da casa pode variar, sendo de uma água ou açoteia, havendo casos em que conjuga a açoteia³com uma das outras opções (Afonso,2018,p.17).

Em relação, ao telhado, na maioria dos casos é constituído por telha, que é normalmente caleira⁴ e em diversas regiões assenta em canas, deixando passar a luz para o interior da casa. A maioria das casas algarvias apresenta o telhado de uma só água, sendo porém também muito comum utilizarem telhados de duas águas.

³ Açoteia tem origem etimológica: árabe *as-sotaihâ*, diminutivo de *sataha*, terraço. Em Portugal diz-se que açoteia é o terraço no alto da casa.

⁴ Caleiras são estruturas compostas por tubagens, cujo o corpo principal se coloca ao longo do telhado, acompanhado toda a sua extensão, o seu grande objetivo é recolher a água da chuva que cai sobre as coberturas dos telhados. Em suma, realizam o escoamento de água dos telhados, direcionando-a para uma zona segura, evitando que esorra diretamente para o solo em redor da casa.

ESQUEMA EM PLANTA DOS TIPOS DE TELHADO

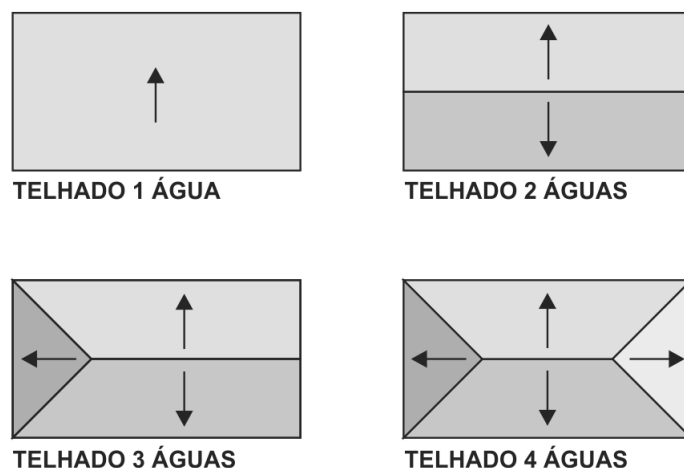


Figura 5 - Esquema em planta dos tipos de telhado

Fonte: website Construindodecor

De acordo com o autor José Vítor Adragão, a habitação algarvia geralmente é de piso térreo e no sul do país as pessoas não tinham o hábito de fazer lojas no piso inferior, devido ao facto de os materiais utilizados serem frágeis e leves, não suportando uma edificação elevada. No Algarve dedicavam a “casa” exclusivamente à família e às suas hortas, havendo diversas dependências, mas estas encontram-se separadas da casa principal, fazendo edifícios próprios e independentes (Adragão,1985,p.29).

O chão, antigamente, era de terra batida, ou calcetado com pedra miúda, recoberto de lajes, ou de tijolo ou de ladrilho. Na maioria das casas, a partir dos anos 50 começaram a utilizar mais o ladrilho. Exteriormente, por ser uma região quente e seca, de luminosidade intensa e fraca pluviosidade, a madeira era um elemento que não abundava nas casas algarvias. Tinham poucas janelas com dimensões reduzidas com a predominância de faixas azuis em seu redor (Oliveira e Galhano, 1992, pág.4).

Desde sempre a orientação da casa é algo muito importante e o algarvio posiciona a casa de forma inteligente para um melhor aproveitamento da luz solar, escolhendo na maioria das vezes a orientação sul, com o objetivo de manter a casa mais quente durante o inverno e com mais luminosidade no interior das divisões, fazendo com que haja um

aproveitamento da luz solar. Nos meses mais quentes, o Algarvio aproveita a vegetação natural ao redor da habitação, assim como a construção de varandas e alpendres, para usufruir das belas noites quentes de verão e para ter uma zona de estar onde possam fazer as suas refeições ao ar livre e aproveitar o espaço exterior da casa para lazer e atividades domésticas (como estender a roupa, entre outras atividades).

Outra característica da casa do Sul é, sem sombra de dúvida, a chaminé que se pode considerar de uso absolutamente normal e geral, mesmo nas casas mais pequenas e modestas. Nos dias de hoje, a chaminé é considerada um elemento luxuoso e muito valioso, a nível estético.

É importante referir que a casa algarvia tem diversas funcionalidades e diversas formas consoante se trate de uma casa rural ou urbana. A diferença entre o meio rural e o urbano, faz com que haja duas formas organizacionais para diferenciar a tipologia da casa rural da casa urbana, sendo as diversas características que as diferenciam abordadas ao longo deste trabalho.

Vários autores foram pioneiros e realizaram diversos estudos sobre esta ampla temática e é com base nesses autores, nomeadamente José Víctor Adragão, Orlando Ribeiro, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, entre outros, que abordamos esta síntese de informação sobre as características básicas que constituem a casa do Sul. O facto de se fazer, de novo, referência a estes autores, deve-se à necessidade complementar e introduzir a informação que se apresentará nas seguintes páginas.

3 Materiais e processos de construção

Relativamente aos materiais construtivos naturais, estes têm uma grande importância. Tanto em Portugal de uma forma geral, como no Algarve em particular, os materiais utilizados na construção têm grande reconhecimento, não só natural ou emocional como também tradicional, uma vez que a sua utilização se generalizou englobando os mais diversos tipos construtivos, fazendo com que determinados adereços ou utensílios realizados a partir destas matérias se tornassem ícones desta região e ainda permaneçam de pé nos dias hoje.

3.1 Materiais Vernaculares

Com base no autor Rui Aires (2014), um dos aspetos importantes para a análise dos materiais utilizados na construção algarvia é a geologia dos solos. A região do Algarve apresenta uma excelente variedade geológica (fig.12). Ao ter estas características, observa-se a existência de bons terrenos calcários, argilosos e xistosos bem como ambientes florestais, de onde se extraem os materiais locais que depois são aplicados na construção de edificios vernáculos. Até à segunda metade do século XX, os materiais usados, provinham das propriedades geológicas do local. Segue-se uma lista com os materiais mais utilizados no Algarve:

- A utilização do calcário nas alvenarias predominante na zona do Algarve calcário. Assim como a utilização da cantaria no guarnecimento de vãos, muros, revestimento de degraus, bem como a produção de cal utilizada em acabamentos, revestimento, pinturas e como elo de ligação na composição de argamassas;
- A utilização de Xisto em muros, pavimentos, alvenarias, entre outros, de grande predominância na zona xistosa que vai da Serra do Caldeirão até ao Guadiana;
- Argilas, margas, areias e afloramento de grés, já vem dos tempos Mesozoico e proporcionaram ao ser humano a capacidade de manufatura dos materiais cerâmicos (ladrilhos, tijolos, telhas) utilizados nos pavimentos, paredes, revestimentos, pátios, bancos capeamentos de muros e a produção do barro, na região do Caldeirão, empregue na melhoria do isolamento das coberturas, no revestimento das paredes, conjugando com a argamassa e a madeira, utilizada na estrutura das coberturas e as canas como forro ou como suporte de telhas.

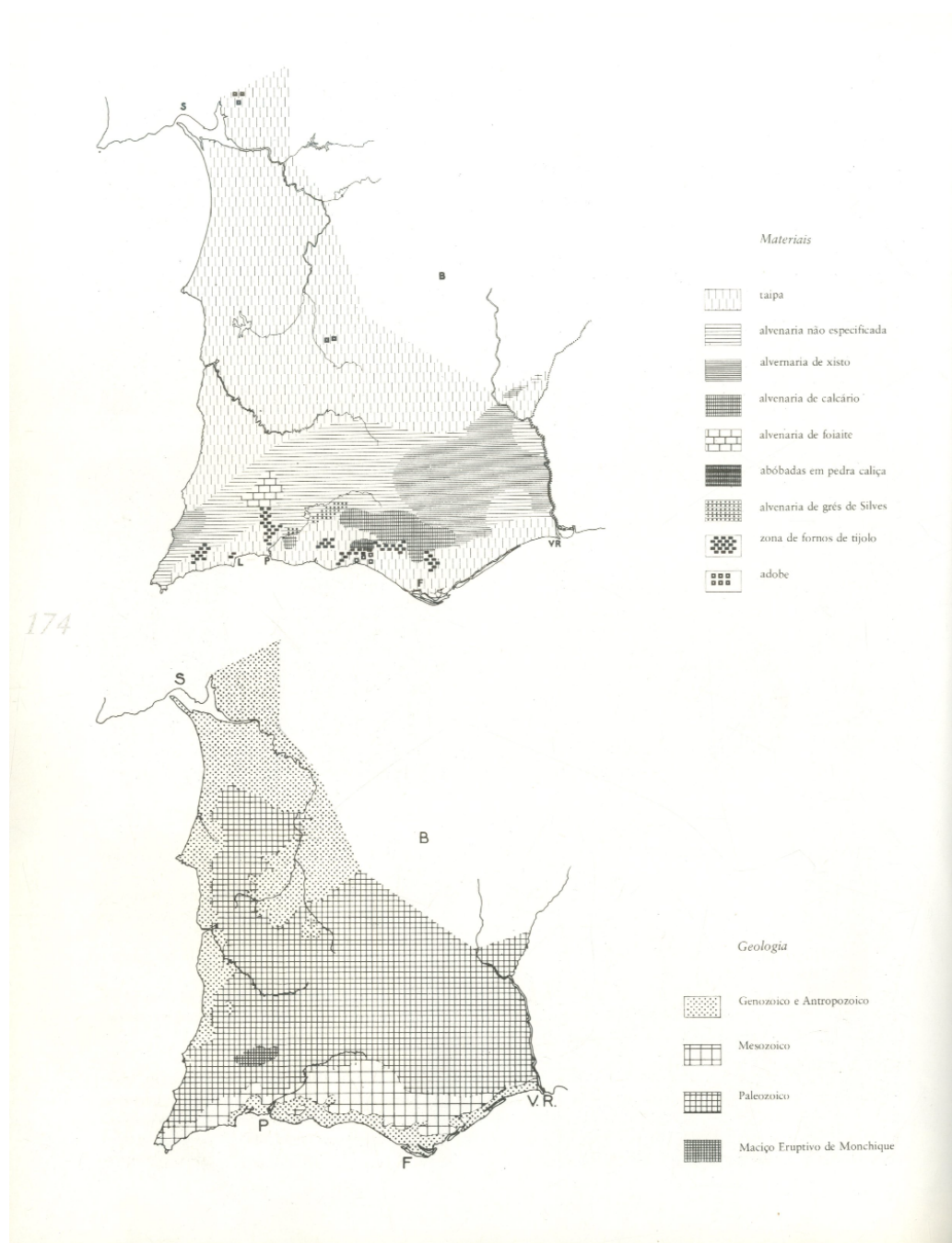


Figura 6 - Materiais e geologia da região.

Fonte: Livro *Arquitetura Popular de Portugal* (1988)

No Algarve e em todo o mundo, a terra é um elemento muito importante. A aplicação da matéria-prima terra como material de construção pode ser classificada de diversas formas. O grupo CRATerre é um laboratório fundado em 1979 e está ativo até os dias hoje, com o objetivo de estudar a terra. A terra é classificada de acordo com a forma de aplicação,

concentrando-se na ótica do utilizador, em vez da preocupação na separação de acordo com as características mecânicas do material (Trindade,2008,p.18).

De acordo com esta classificação, a terra está dividida em três grupos, sendo estes: utilização da terra sob a forma monolítica, utilização da terra sob a forma de alvenaria portante e utilização da terra como material de construção. Segundo a dissertação de mestrado da autora Vanda Trindade, a informação que se segue foi baseada no estudo na mesma.

- Utilização da terra sob forma monolítica e portante

Um dos primeiros métodos de utilização da terra, enquanto matéria-prima na construção, foi a utilização da técnica do uso da terra modelada, diz-se que é uma técnica que consiste em trabalhar com as mãos uma mistura adequada de matéria, elevando a partir do chão as mais diversas formas de construção. A interação do homem ao trabalhar com as suas mãos na terra é algo natural desde os seus primórdios. Embora este método também possa ser utilizado em pequenas construções para habitação, é mais frequente em exemplos de silos⁵ para armazenamento de cereais (Trindade,2008).

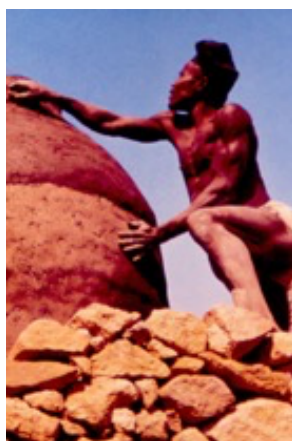


Figura 7 - Terra modelada com as mãos, a mais básica técnica construtiva (Nigéria)

Fonte: website Auroville Earth Institute

⁵ Reservatório fechado usado para armazenar materiais secos (ex.: cereais; silo cimento).

Para a execução de construções com terra empilhada podem ser utilizados diversos métodos. Estes são de terra, empilhados manualmente em estado sólido ou aplicação de terra em estado plástico. Em ambos os casos, as paredes não apresentam geometria constante, em alguns casos são cortadas após concluídas para ficarem planas. (Trindade,2008)

No grupo da matéria-prima terra inserem-se as construções em taipa, uma vez que, segundo este método, a terra é despejada entre taipais, sendo compactada no seu interior, para posteriormente ser desmoldada. Dependendo da colocação da mistura nos taipais, assim se pode ser terra palha, se a mistura for com elevada adição de palha ou terra plástica se a mesma for aplicada no estado plástico. O método construtivo em taipa foi executado em Portugal, em particular no Sul, como será analisado mais adiante.

- Utilização da terra crua sobre a forma de alvenaria portante

Neste grupo insere-se a utilização de blocos de terra, que podem ser prensados, cortados, e esmagados, com a seguinte técnica:

“Os blocos de terra são denominados de adobe, quando o seu processo de fabrico recorre ao apiloamento, prensagem ou apenas ao enchimento com terra previamente seleccionada, em moldes de madeira com dimensões relativamente pequenas para permitir o seu fácil manuseamento Após secos ao ar livre são desmoldados e ficam prontos para serem aplicados como tijolo de terra crua, sendo sobrepostos sucessivamente vários elementos em elementos para formação de paredes” (Trindade,2008,p.21).

Este tipo de construção encontra-se praticamente em todo o mundo, sendo que no sul de Portugal é muito comum ver-se a utilização dos blocos de terra.



Figura 8 - Tijolos de adobe moldado, fabricado manual com pouco equipamento

Fonte: website arch daily (Adobe: o material reciclável mais sustentável)

Os blocos de terra são cortados diretamente de aglomerados de terra, em locais que a sua compactação natural tenha as condições necessárias para o uso como material de construção. Este método é semelhante ao corte da pedra, que atualmente ainda continua a ser praticado. Consiste na prática de cortar no solo blocos com a forma geométrica pretendida, com recurso a diversas ferramentas de corte.



Figura 9 - Recolha de blocos de terra cortada, extraídos em locais específicos (Kari)

Fotografia da autoria CRATerre

Fonte: website Auroville Earth Institute

- Utilização de terra como enchimento de uma estrutura portante

Na construção de paredes sob a forma de tabique⁶, pode ser revestida com terra. “No caso do enchimento de elementos portantes, a terra contribui para a resistência da estrutura previamente construída” (Trindade,2008,p.22). Este processo é especialmente utilizado quando se tem o objetivo de criar estruturas de pequena espessura, contendo alguma resistência mecânica. Esta técnica teve grande influência principalmente na Europa.

A terra pode ser utilizada como recobrimento de coberturas ou revestimento de paredes. Costuma ser utilizada frequentemente como um elemento de proteção de estruturas existentes, sendo de fácil aplicação. A técnica construtiva de tabique funciona bastante bem como isolamento térmico e acústico.

Em relação aos dias de hoje, é muito comum e encontram-se paredes divisórias de tabique em construções antigas existentes um pouco por todo o mundo, inclusive em Portugal devido ao facto de ser um elemento marcante na construção Pombalina.



Figura 11 - Parede “Gaiola Pombalina”, Técnica de tabique, técnica de aplicação de terra sobre fasquiado em madeira. Localizada no centro histórico de São Pedro, Funchal.

Fonte: website CEAM centro de estudos de arqueologia moderna e contemporânea.



Figura 10 - Parede de tabique de um edifício multifamiliar; localizada na freguesia de Santa Maria Maior, Chaves.

Fonte: website Auroville Earth Institute

⁶ Tabique significa é uma “parede” feita com grade de madeira delgada e estreita, cujos vãos se enchem de argamassa.

Depois do estudo da terra, que foi o elemento base para o início das construções, agora introduz-se a explicação dos materiais e processos construtivos mais utilizados nas habitações algarvias.

Começamos pelo elemento base de uma construção, o “tijolo” quando se combina com a taipa, os dois unidos geram uma plasticidade que permite criar todas as fantasias. Constroem-se além de paredes, arcos, abóbadas, nichos e poiais, e sobretudo chaminés de formas ricas e variadas que se parecem com motivos e elementos normais destas casas, de belos efeitos e de um pitoresco quase cenográfico que a caiação acentua, na valorização dos planos combinados de luz e sombra (Oliveira e Galhano, 1992).

A técnica algarvia de construção assenta sobre a fabricação dos próprios módulos mais do que no aproveitamento do que a natureza dá. Este processo, cujo início não tem uma data específica, foi enriquecido e aperfeiçoado durante a estadia dos árabes em Portugal e coincide em muito com a técnica que ainda hoje se utiliza no norte de África. Segundo o autor José Victor Adragão este processo consiste essencialmente na fabricação de um material resistente por mistura e posterior secagem de barro, cal, água e areia.

“Mesmo assim, ainda aqui há duas hipóteses se podem apresentar: ou a construção de adobes (do árabe *attob*); grandes paralelepípedos preparados um a um e depois organizados como se fossem tijolos; ou as taipas – espécie de paredes montadas entre tábuas que apenas servem de apoio e que se retiram logo que a parede esteja sólida (nestes casos juntam-se frequentemente pequenas pedras no meio da mistura para lhe dar maior consistência). Enquanto a adobe é utilizado em todo o sul do país, a taipa é um processo tipicamente algarvio que só por “emigração” podemos encontrar noutras regiões” (Adragão,1985,p.29).

Para percebermos como funcionam melhor estes dois processos foi colocado uma explicação de cada processo, nas seguintes páginas.

3.1.1 Processo de fabrico dos tijolos adobe

De acordo com o livro *Arquitetura Popular em Portugal* (1988) e a autora Vanda Trindade na sua dissertação de mestrado cujo tema é a construção tradicional do Algarve, a caracterização construtiva, a análise de anomalias e propostas de intervenção (2008) e a construção de adobes é um processo tradicional que provem da criação de tijolos de barro e palha seca. Esses tijolos de adobe são utilizados em muitas partes do mundo para construção de habitações. De acordo com algumas pesquisas feitas em livros, diversos sites e observações de vídeos, aqui está um apanhado geral dos passos básicos para a construção de adobes:

Para se realizar este processo, primeiro é necessário fazer uma preparação. O tijolo de adobe tem como material principal o barro, que deve ser de boa qualidade e rico em argila. De seguida, a palha é adicionada como agente de ligação para melhorar a resistência do tijolo. O barro é limpo, para retirar todas as impurezas presentes, como pedras e raízes, deixando-o de molho na água por um tempo para amolecer e tornar mais fácil a mistura.

De seguida, temos a fase da mistura, onde o barro é misturado com a palha cortada em pequenos pedaços, podendo dizer-se que a quantidade de palha varia, mas geralmente é cerca de 10% a 30% em volume em relação ao barro, procedendo a uma mistura fluida e consistente. Depois de criada a mistura do barro e da palha é moldada manualmente, sem moldes, apenas com o uso das mãos. No caso de se pretender a uniformização da dimensão e forma dos blocos, a terra será despejada em moldes, tradicionalmente de madeira e de acordo com as dimensões desejadas, embora nos dias hoje se usem moldes em metal ou plástico. A dimensão dos moldes dependia dos critérios dos mestres abodoeiros e da tradição do fabrico da zona. Os tijolos geralmente têm dimensões padronizadas para garantir a uniformidade dos mesmos, as medidas mais comuns são de 0.3 m x 0.15 m ou 0.35 m x 0.16 x 0.08 m (Trindade,2008,pg.31).

Depois de serem moldados temos a parte da secagem. Este processo deverá ser o mais lento possível, observando que nos dias seguintes à desmoldagem é conveniente que estes permaneçam à sombra, para evitar a secagem repentina do elevado teor de humidade que contêm, o que poderia causar a fissuração por retração até mesmo a sua degradação.

Os tijolos recém-moldados são cuidadosamente retirados dos moldes e colocados no chão para secar ao sol, tendo o hábito de os virar manualmente para que as várias faces secassem em simultâneo e para garantir que continuem com um aspeto uniforme. Esta secagem, dependendo das condições climáticas, pode levar algumas semanas até estarem completamente secos, dizendo que em locais de clima mais seco, o período de secagem natural poderá ser bastante reduzido, cerca de uma semana ou duas, devendo ter atenção ao armazenamento, pois deverá ser num local mais fresco e arejado, sempre sem exposição direta ao sol. Evitando ao máximo a exposição da chuva, o que provocaria degradação do material. Em Portugal, os melhores meses para a secagem dos adobes é sem sombra de dúvida os meses de Verão.

Após a secagem completa, os tijolos de adobe estão prontos para serem utilizados. Podendo ser armazenados em pilhas, que geralmente são cobertas para terem uma proteção contra a humidade e garantir a circulação de ar entre eles.

No processo construtivo inicial de uma casa, os tijolos de adobe são empilhados e assentados com argamassa de adobe (mistura de barro e água) para formar as paredes de um edifício. A argamassa é usada para unir os tijolos e preencher quaisquer lacunas entre eles.

A técnica de adobe é muito apreciada pela sua eficácia na regulação de temperatura interna das casas, pois possuem boas propriedades isolantes térmicas. No entanto, esta técnica não é tão resistente à humidade e, portanto, não são adequados para áreas de muita humidade ou de chuvas frequentes, daí ser muito utilizado no Algarve, pois é um local de pouca chuva e seco. O tijolo de adobe é considerado um excelente produto, pois tem uma técnica sustentável e de baixo custo que continua sendo utilizada em muitas partes do mundo, especialmente regiões onde o barro e a palha estão disponíveis facilmente.



Figura 12 - Materiais e geologia da região.

Fonte: Livro Arquitetura Popular de Portugal (1988)

3.1.2 Processo de fabrico de blocos de Taipa

A taipa foi sempre um sistema construtivo dominante em todo o Algarve e a sua técnica foi utilizada mais na realização de paredes das casas e muros de separação ou delimitativos. Este é um processo característico em regiões mais secas, assim como os tijolos de adobe. Podendo dizer que a taipa está presente em todas as regiões do Algarve. As paredes deste material, quando bem realizadas e bem rebocadas, oferecem uma excelente espessura, assim como boas condições de isolamento térmico e uma ótima durabilidade. A taipa tem algumas preocupações na sua execução, sendo uma das grandes preocupações o facto de evitar o contacto com a humidade do solo e do seu conseqüente apodrecimento, para isso constrói-se uma fundação em alvenaria de pedra que se eleva sempre acima do terreno.

O autor Orlando Ribeiro no livro Geografia e Civilização – Temas Portugueses (1992) , explica-nos o processo construtivo do início até o final da Taipa:

“ O processo consiste em bater a malho, dentro de uma espécie de caixa de madeira, sem fundo (taipal), uma mistura de barro com pedriça, apanhada muita vez ao lado dos muros que se estão levantando (est.XVI). Deslocando lateralmente o taipal, obtém-se uma faixa a todo o comprimento do muro que se deseja; levantada ela, deixa-se endurecer a ponto de servir de apoio ao taipal e vai-se assim erguendo sucessivamente o muro, desencontrando as juntas verticais, para obter travação. Às vezes usam-se alicerces de pedra, no geral salientes, e fiadas de pedra ou de tijolo entre as diferentes faixas de taipa. As paredes são cuidadosamente rebocadas e caiadas, de modo que nem sempre é possível saber de que material a casa é feita (est.XVII A); mas a ausência de molduras nas portas e janelas indica, no geral, construção de taipa ou de tijolo; com o tempo, as costuras da taipa acabam por se conhecer, ou porque aí se infiltrou humidade ou porque o revestimento estalou contracção desigual dos diferentes blocos. O processo é simples, rápido e barato. Conhecido de todos os pedreiros, está ao alcance da maior parte dos curiosos. Uma casa de rés-do-chão pode erguer-se em 15 dias, apenas com trabalho de 4 homens. A mestria na arte da taipa vai ao ponto de se fazerem com ela os muros redondos de um moinho (est.XVII B)” (Ribeiro,Orlando, 1992, pp.32-33).



*Figura 13 - Execução de parede em alvenaria de taipa
Fonte: Website Materiais e técnicas para construção sustentável*

3.2 Revestimentos

3.2.1 Paredes em Taipa

Quanto ao revestimento exterior da casa do Sul, geralmente é rebocada e caiada, exterior e interiormente. A necessidade de reboco era considerada fundamental para a longevidade das habitações. Esse reboco poderia ser de cal ou de barro. No interior, o reboco encontra-se mais protegido, podendo fazer uma argamassa mais fraca, colocando uma menor quantidade de cal sem que reduza a sua qualidade.

Conclui-se que a argamassa é uma mistura obtida por quantidade de água, areia podendo ter a ligação de cal aérea, cal parda ou barro, podendo ser introduzidos aditivos e adjuvantes.

“O reboco tem por função a proteção dos paramentos das ações decorrentes dos agentes climáticos, das ações mecânicas de choque, da ação química da poluição, e dos sais solúveis contidos nos materiais que a constituem, no solo e na própria água” (Aires,2014,p.55).

Na argamassas de cal aérea, utilizam-se aditivos como argilas brancas cozidas, pó de tijolo, ou cinzas de produtos vegetais que contribuía para o endurecimento das argamassas. Em condições de elevada humidade colocam-se alguns elementos como as gorduras naturais, como o azeite, sebo ou banho de porco que permitem uma maior resistência às águas das chuvas, criando uma camada impermeabilizante, bem como elementos vegetais, pelos de animais ou pó de pedras, tudo isto reforçavam a resistência ao desgaste superficial e ao impacto. O reboco deve ser feito por camadas com variações desde o salpico, encasque, emboço e barramento. Por fim, costuma-se fazer o barramento de espessura reduzida, efetuado com pasta de cal aérea que pode conter aditivos como pigmentos (Aires,2014,p.55).

3.2.2 Paredes em Pedra

Em Portugal, existem diversos métodos construtivos como já vimos ao longo deste trabalho. Um deles é o de alvenaria de pedra. Os revestimentos apresentados nas paredes de pedra, tal com os outros métodos, apresentam algumas características próprias. As pedras apresentam uma natureza própria, não possuindo faces regulares, daí as pessoas sentirem, por vezes, a necessidade de as rebocarem para as deixarem com especto regular e seguro. A preparação e componentes das argamassas era muito semelhante às argamassas utilizadas nas alvenarias em taipa.

3.3 Caição e suas cores

Uma das características mais icónicas da casa algarvia é a predominância da cor branca, por vezes também se combinam cores mais vivas, sobretudo em certos elementos ou partes da habitação. A cor branca é derivada da caição e proveniente de razões climáticas existentes no Algarve, pois o branco reflete o sol e calor existe em grande abundância neste extremo de Portugal, mantendo assim a habitação mais fresca, ao mesmo tempo embelezada contendo um especto limpo e cuidado. Esta caição renova-se todos os anos e antigamente era feita principalmente por mulheres, sendo considerada uma tarefa doméstica. Enresto Oliveira e Fernando Galhano citam que

“ (...) ela acentua o pitoresco da construção, aveludando superfícies, arredondando ângulos, boleando arestas, disfarçando falhas, com a espessura das suas camadas sucessivas, e dá-lhes um especto asseado e fresco que contrasta flagrantemente com o que apresenta geralmente a casa do Norte” (Oliveira e Galhano; OP.Cit.;pp.151-152).

A utilização da cal generalizou-se, tanto no interior como no exterior, criando um aspeto esbranquiçado, limpo e cuidado, criando espaços agradáveis no interior das habitações. A cal, em termos simples, é um material obtido a partir da queima de calcário. Este processo de queima transforma a cal viva, também conhecida como óxido de calcário. A cal viva é altamente reativa quando ela entra em contacto com água, resultando na produção de cal hidratada, que é utilizada na construção civil.

A cal pode desempenhar diversas funções numa obra. Ela costuma ser empregada na produção de argamassas, betão e revestimentos. Onde ela é mais utilizada e vista é essencialmente na pintura, pois a tinta de cal é uma opção ecológica e sustentável que proporciona uma aparência única e rústica às paredes.



Figura 13 - Casa típica Algarvia com a predominância de Cal

Fonte: Website Visit Algarve Portugal , Casas típicas

Antes da época de Salazar havia mais a utilização de outras cores, era comum a existência de casas com diversas tonalidades, realizadas através de pigmentos naturais, como os azuis, ocre, vermelhos, castanhos, cor terracota (fig.15). A autora Vanessa Alexandra Rosa Afonso, refere que no tempo de Salazar houve a imposição de uma nova lei de igualdade, as casas passariam a ter todas cor branca, desta forma não haveria espaço para distinções. Não se sabe qual a veracidade desta informação, mas verifica-se que as habitações mais antigas possuem de facto, mais frequentemente cores vivas, onde hoje existem mais casas brancas do que coloridas (Afonso,2018,p.22).



Figura 14- Cal com diferentes pigmentações

Fonte: Algumas das imagens são Fotografadas por Bárbara Piedade (2023)

A maioria das casas algarvias são caiadas de branco com detalhes de diversas cores. A cor que é mais utilizada nesses detalhes é a tonalidade azul. Há quem diga que a utilização desta cor já vem desde a ocupação muçulmana da Península Ibérica, que durou vários séculos. Na verdade, o uso de azulejos azuis e brancos na arquitetura e no design era muito comum entre os mouros. Após a reconquista cristã, muitos elementos da cultura moura foram incorporados na cultura portuguesa e o uso de azulejos azuis e brancos pode ter sido uma influência desse período.

Como sabemos Portugal é banhado pelo oceano Atlântico e é considerado um país de grande influência marítima o mesmo acontece no Algarve, pois é um local de muita atividade marítima. A presença do mar desempenhou um papel significativo na história e na economia da região durante muitos anos. O azul é frequentemente associado ao mar e ao céu, e pode ser sido escolhido como uma forma de homenagear essa conexão com o ambiente marítimo.

O Algarve é conhecido pelo seu clima quente e radiante e as casas caiadas de branco com detalhes em azul têm a vantagem de refletir a luz solar e manter o interior das casas mais frescas.

Ao longo do tempo, o uso de azul nas casas tornou-se uma tradição cultural que foi passada de geração em geração. Esses núcleos tornaram-se parte da identidade arquitetônica da região. Concluimos que a escolha das cores, é influenciada por combinação de fatores históricos, culturais e climáticos que são característicos da região do Algarve em Portugal.

3.4 Pavimentos

O chão das casas algarvias, antigamente, costumava ser de terra batida ou calcetado com pedra miúda, recoberto de lajes, ou ainda de ladrilho, sendo estes últimos os mais frequentes. O ladrilho é utilizado no revestimento de pavimentos interiores de casas, ou em pátios exteriores, bancos, capeamentos de muros, etc., e a sua aplicação é realizada sempre com muito cuidado e imaginação. Principalmente na parte mais montanhosa do Algarve, a zona que costumamos designamos “serra”, e que é a região onde existe o xisto em maior abundância, encontramos este material empregue na pavimentação quer de caminhos, quer na entrada das habitações, quer nos adros das igrejas, entre outros.

No caso do xisto, os pavimentos apresentam arranjos singelos e desenhos que denotam uma certa preocupação e gosto na sua execução. Um dos excelentes exemplos da utilização simultânea de xisto e do ladrilho ao cutelo é na igreja de Giões (mas recentemente sofreu obras e alguns elementos foram substituídos por mais materiais recentes).



Figura 15- Calçada irregular com lajes ao baixo e a cutelo, Alcaria Queimada, Alcoutim

Fonte: Fotografia da dissertação de doutoramento autor Miguel Costa (2008)

O pavimento mais utilizado no Algarve são os ladrilhos e estes são realizados com barro natural que posteriormente é cozido. Produzidos nesta região, mais propriamente em Santa Catarina da Fonte do Bispo, de onde provém o respetivo nome “Ladrilhos de Santa Catarina”. Nesta região, existem várias fábricas que criam ladrilhos de terracota, telhas, tijoleiras e ladrilhos de Santa Catarina e que têm como particularidade o facto de serem feitos inteiramente à mão, por mestres artesãos que seguem as antigas tradições de produção, como já foi dito nas páginas anteriores.

Segundo os criadores da maior fábrica de produção manual de ladrilhos em Portugal, referem que a Terracota é produzida manualmente em pequenas unidades de produção do Sul do país. A forma de produção é a mesma há centenas de anos:

“Cada peça é obtida a partir de argila hidratada, amassada e moldada pelos mestres artesãos. Após hidratar e amassar a argila, os mestres artesãos moldam-na manualmente em moldes de madeira. Posteriormente as peças passam por um processo de secagem natural ao ar, a que se seguem a cozedura em forno tradicional. Um processo simples mas demorado e que é utilizado de forma praticamente inalterada desde dos tempos ancestrais. O tempo de produção dos ladrilhos de Terracota varia entre 35 a 40 dias no Verão e pode chegar até aos 60 dias durante o Inverno. É este processo de alquimia dos elementos terra, água, ar e fogo que dá origem a um elemento tão natural quanto a própria terra” (Loja do azuleiro,2023).

A mestria nas misturas dos barros e a cozedura pelo fogo fazem com que cada ladrilho de terracota ou tijoleira seja diferente, pois cada um apresenta variações na tonalidade, tem uma aparência texturizada, rústica e arestas irregulares, conjugando com pequenas incrustações, o que tornam cada peça única e diferente.

Para entendermos melhor este processo, foi colocado um esquema no anexo I , a explicar o processo da fabricação dos ladrilhos de Santa Catarina e também das telhas aplicadas nos telhados das habitações (anexo II). A partir da análise deste processo, pode-se concluir que a mestria na mistura dos barros e a cozedura pelo fogo fazem com que cada ladrilho de terracota ou tijoleira seja diferente, pois cada um apresenta variações na tonalidade, tem uma aparência texturizada, rústica e arestas irregulares, conjugando com pequenas incrustações, o que tornam cada peça única e diferente.



Figura 16 - Criação do ladrilho de Santa Catarina, ver o anexo I

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma

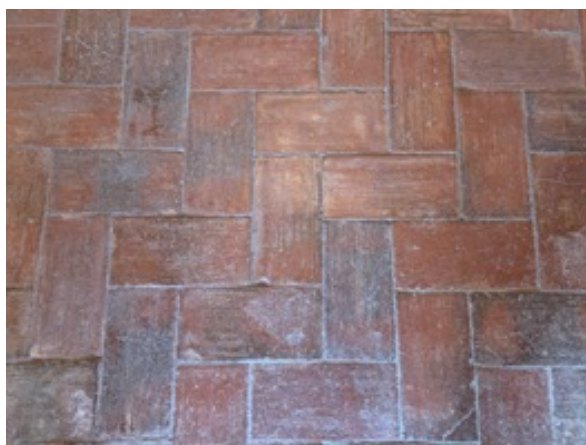


Figura 17 - Habitação tipicamente algarvia com ladrilho de Santa Catarina

Fonte: Fotografia da autora

3.5 Chaminé Algarvia

Relativamente à chaminé algarvia, e segundo o estudo de vários autores, os primeiros registos de chaminés na Europa surgiram na Idade Média nos séculos XII e XIII, depois com a evolução da sociedade e das casas, elas foram-se espalhando por todas as regiões, sendo mais comuns nos monumentos e nos edifícios emblemáticos daquela época. Em termos de generalização, a constante presença das chaminés nas habitações europeias, e segundo Esselborn (1928), este processo terá tido início no séc. XVII (devido à invenção da máquina a vapor). A presença da chaminé em particular no sul do país, nomeadamente em Évora, começa a verificar-se desde muito cedo e nos séculos XIV e XV já havia registo de algumas casas com chaminé. Na altura não era um elemento muito comum nas habitações e eram pouca as que o tinham. No Algarve, há menções de habitações com chaminé desde, pelo menos, o século XVI (Santos, 2021).

Um dos elementos que caracteriza o ensolarado sul de Portugal, mais especificamente a região do Algarve, são as suas distintas chaminés ornamentais. Muitas das casas não têm uma, mas três ou quatro chaminés por toda a habitação, cada uma com um estilo diferente. O autor Amorim Girão dizia que a chaminé é a “alma da casa”. Referindo que ainda nos dias hoje há quem venda “chaminés algarvias”, reproduzidas em série para enfeitar os telhados não só do norte do país, como das ilhas portuguesas. Os autores Oliveira e Galhano dizem:

“ A nota mais característica da casa do Sul, designadamente do Algarve, é sem dúvida a chaminé, que se pode considerar de uso absolutamente normal e geral nessa zona, mesmo nas casas mais pequenas e modestas; e essas chaminés do Sul, que ultrapassam decididamente a sua função e representam o principal ornamento dos edifícios sobre que incide o espírito dos construtores locais, (...)” (Oliveira e Galhano, 1994,p.51).

O supracitado autor, Amorim Girão, afirma a propósito da chaminé algarvia: “ nela se põem todos os cuidados arquitetónicos; e não é raro que os mestres – de -obras, para se assegurarem do esmero que precisam de pôr na construção, perguntem primeiro ao proprietário “ Quantos dias quer de chaminé?” e conforme as capacidades económicas de cada cliente, assim faziam uma chaminé com as diversas formas que idealizavam, desde um “minarete ou uma cúpula ou uma torre de igreja, um pombal ou uma adufa” (Adragão,1985,p.31).

A atenção dada ao detalhe na conceção das chaminés demonstra a originalidade dos artesãos locais. As chaminés eram elaboradas com um elevado brio e qualidade, tendo em conta todos os desejos e possibilidades orçamentais do cliente. Assim, quantos mais dias levava a ser executada e quanto mais pormenores os clientes quisessem, mais cara seria a chaminé. Também a qualidade dos materiais disponíveis contribuía para a sua perfeição, pois havia a necessidade de ser feita uma peça única que fosse ao encontro das capacidades do mestre artesão e ao gosto do cliente.

Atendendo a que se trata de uma peça única e com bastante visibilidade, uma chaminé algarvia bem construída e chamativa, poderia constituir um cartão de visita para o artesão que, assim, ganhava fama e isso e trazia-lhe mais clientes e, conseqüentemente, poderia melhorar o seu negócio. Além do gosto pessoal do artesão, as chaminés demonstravam o gosto decorativo da época e dos próprios clientes (Santos, 2021,p.63).

Com o passar do tempo e apesar da vulgarização, o encanto a uma chaminé algarvia manteve-se de verdade, pois estas eram construídas com especial carinho, especialmente por cima da cozinha, e constituíam motivo de orgulho, dado que cada uma era diferente da outra e resultava de um gosto pessoal, de uma inspiração, ou até de uma mistura de estilos arquitetónicos, o que no final resultava numa bela chaminé algarvia. O tamanho

da chaminé não importava, por vezes quanto mais pequenas eram mais esbeltas ficavam, existindo diversos feitios e medidas.

Através de uma observação atenta, verificamos que existem variadíssimos exemplos de chaminés, passando por formas prismáticas, quadradas ou cilíndricas, podendo apresentar diversas dimensões, decorações e tonalidades. Por vezes, são perfuradas em seu redor com motivos geométricos e executados com elementos cerâmicos. É comum as chaminés apresentarem diversas formas, nomeadamente, de pombal, de catavento, de minaretes arábicos e até mesmo torres de igreja.

As chaminés, conforme os diferentes tipos, apresentam diversos designs, a saber:

“remates em forma de cúpula, com pináculos, ect; as base retangular imitam muitas vezes pequenas janelas com janelas de adufas as de tijolo; as prismáticas mostram fustes com molduras de estuque ; nas cilíndricas, em geral, a ornamentação reserva-se para as aberturas de saída de fumo, ect. Nestas últimas, a única cobertura possível é a hemisférica, sem ornatos terminais de fantasia, como nas prismáticas e nas piramidais, em que a coberta superior conserva vestígios de arestas” (Oliveira e Galhano, 1992,p.8).

Dependendo da época, havia preferências diversas, no entanto, um dos modelos de chaminé mais procurados para ornamentar os edifícios, eram os modelos com motivos ornamentais que os canteiros da região tão bem conheciam: cataventos, pombais, telhados mouriscos e torres de igreja em miniatura. As chaminés, em termos decorativos, podem conter molduras de argamassa ou gesso, assim como as iniciais do nome do cliente, datas importantes, ou simplesmente o ano de construção da habitação. Muitas das vezes essas inscrições eram acompanhadas de desenhos feitos com instrumentos de trabalho, tal como machados, martelos, pincéis para desenhar e escrever e a cal, entre outros elementos (Oliveira e Galhano,1992,p.9).

Segundo a autora Lydia Santos, há diversas tipologias de chaminés algarvias, de acordo com os motivos de decoração que apresentam no fumeiro, dando assim origem a cinco categorias onde podemos incluir alguns exemplos de chaminés que encontramos no Algarve: chaminé de planta retangular com grelha de ladrilho (fig.20), chaminé com

grelha de ladrilho rendilhada (fig.21), chaminé de balão (fig.22), a chaminé de saia (fig.23) e chaminé de molde (fig.24) (Santos, 2021,p.51).

O autor Adragão refere que as chaminés algarvias “são joias de bom gosto e trabalho minucioso, peças requintadas que revelam uma certa individualidade que define o algarvio” (Adragão,1985,p.31).



Figura 23 - Chaminé de planta retangular com grelha de ladrilho, Paderne.

Fonte: Fotografia de Lydia Santos



Figura 23 - Chaminé monumental de ladrilho simples, Porches.

Fonte: Fotografia de Lydia Santos



Figura 23 - Chaminé rendilhada na Nove do Barão, Loulé

Fonte: Fotografia de Lydia Santos



Figura 23 - Chaminé de balão de saia Olhão

Fonte: Website Pinterst



Figura 23 - Chaminé de saia, Monchique

Fonte: Website Monsicus, Monchique

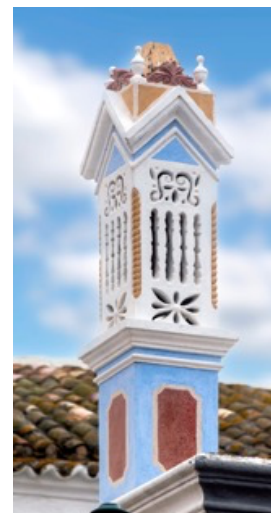


Figura 23- Chaminé rendilhada na Nove do Barão, Loulé

Fonte: Website Postal

3.6 Platibanda

A platibanda é um dos elementos mais característicos e belos da região algarvia. As chaminés, as açoteias e platibandas permitem-nos encontrar ao longo do território decorações que concorrem em beleza e cor com os desenhos da proa dos barcos que vieram do mediterrâneo, na sua riqueza multimoda. Tal como já foi referido na informação sobre as tradicionais chaminés algarvias, o mesmo se pode dizer deste elemento, denominado de platibanda, que alia o fator decorativo à sua funcionalidade.

As platibandas estão presentes em muitas casas algarvias, um pouco por toda a região, seja ela rural ou urbana, demonstrando uma grande riqueza e complexidade na construção de numa casa. A platibanda algarvia tornou-se um elemento característico a partir do séc. XIX, tendo tido alguns antecedentes, como a famosa Casa das Figuras em Faro, em cuja ornamentação se pode observar a presença de serpentes, monstros, referências exóticas e também golfinhos (fig.25). Foi neste século que apareceram as platibandas, mais associadas aos principais centros urbanos e, mais pontualmente, à transformação de algumas propriedades de alguma relevância no Algarve rural.



Figura 24 - Fachada da Casa das Figuras, Faro

Fonte: Fotografia de Valter Jacinto

Segundo o autor Miguel d' Oliveira Martins:

“A platibanda limita e guarda a açoteia ou a cobertura e serve ainda para ajudar a conduzir as águas para as cisternas. E cabe uma nota de curiosidade que tem a ver com o real sentido da expressão “ sem eira nem beira”. A beira a que o povo faz referência, por contraponto ao lugar onde se secam ou guardam as culturas agrícolas e os cereais (a eira), nada mais é que a platibanda... Em Miras Gerais, quem visita a casa de Chica da Silva e as habitações solarengas próximas, verifica que casa abastada tem eira, beira e tribeira - inequívoco sinal de riqueza. E a beira corresponde à platibanda tornada célebre no Algarve” (Martins,2020, p.12).

As fachadas das habitações passaram a ter uma grande valorização devido à platibanda, que evoluiu das casas das famílias mais ricas para a cultura popular, fazendo parte também das edificações mais modestas. Tanto na cidade como no campo, as platibandas devidamente decoradas, tornaram-se assim mais generalizadas, numa ligação cúmplice entre os proprietários e os artesãos que, através do diálogo, procuravam individualizar e torná-las únicas através de desenhos conhecidos e outros oriundos da sua imaginação, puxando, assim, pela criatividade e originalidade.

As platibandas desempenhavam um papel de elemento representativo do poder económico do seu proprietário, sendo que as mais vistosas e elaboradas significavam mais poder económico. Existe uma grande diversidade de elementos decorativos desde formas geométricas, relevos, elementos figurativos ou com relevos, onde a diversidade de cores predominava, (ver anexo III) pois para além do característico branco tipicamente algarvio, o azul-cobalto, o almagre , o verde ou o amarelo ocre predominavam nas platibandas (Afonso,2018,p.28).

3.7 Açoteia

A açoteia é um terraço situado na parte superior da casa, substituindo o vulgar telhado e que serve de local de secagem de certos produtos alimentares (amêndoas, figos) e sobretudo como logradouro onde os habitantes podem descansar, comer, conviver quando o sol não incide sobre esse local, e até comunicar com os vizinhos. É muito frequente ver açoteias mais no centro e no sotavento algarvio (fig.25), no entanto, é raro vê-las no barlavento.

Segundo os autores Ernesto Veiga Oliveira e Fernando Galhano (1992) o pavimento nas casas mais antigas da zona litoral:

“ (...) assenta sobre as abóbadas que constituem o teto das alcovas da casa e, mais tarde, sobre uma cobertura de traves de madeira e ladrilho que, em tempos recentes, foram substituídas por uma placa de cimento que recobre todo o térreo. A escada de acesso à açoteia parte quase sempre da cozinha e termina numa pequena casota que lhe abriga a saída – *o pangaio*. A açoteia é a marca distintiva do tipo tão curioso da casa de olhão, que alguns consideram caso único no mundo, e de que Fernando Lopes sugere a linha evolutiva: sobre o teto horizontal e ladrilhado do <<pangaio>> espaçoso que abriga a escada que sobe do interior (há aqui também escadas exteriores que partem do pátio) realizou o Olhanense mais um terraço (Oliveira e Galhano,1992).

O *mirante* é uma expressão que se utiliza no Algarve o seu significado é terraço no alto de um edifício. O mirante foi-se alargando a tal ponto que sobre ele foi possível construir novo *mirante* (o contramirante). Ambas as construções têm acesso exterior por escadas e, de acordo com o autor Oliveira e Galhano “ São milhares de cubos em equilíbrio instável (...) num mar revolto de planos (...) Dum prédio para o outro, as açoteias e fachadas imbricam-se, acavalam-se, sobrepõem-se, desarticulam-se, anuladas pela brancura e pela miragem as leis da perspetiva e do volume” (Oliveira e Galhano,1992).



Figura 25 - Habitações com açoteias, Olhão

Fonte: Ordem dos Arquitetos, Livro Arquitetura Popular em Portugal



Figura 26 - Habitação com açoteia, Olhão

Fonte: Fotografia da autora (2023)

Na terceira parte, iremos explicar a distinção entre casa rural e casa urbana. A segunda parte ajuda-nos muito a perceber a funcionalidade dos materiais e dos engenhos construtivos muito revelantes ao longo da história.

4 Características da casa rural e casa urbana

4.1 Casa Rural

A casa rural predomina no barrocal algarvio onde podemos encontrar diferentes tipologias, um pouco por todo o território. Irá ser feita uma breve contextualização ao meio rural ,que será abordado suas respectivas características.

Segundo os autores do livro «Arquitetura Popular em Portugal», o homem sempre esteve atendo às condições climáticas, adaptando-se ao terreno conforme as suas necessidades e ao que lhe mais agradava. Referem os autores:

“ (...) se por um lado conhece e aproveita ostensivamente, durante os dias frios de Inverno, os benefícios do Sol, não se esquece, ou alpendres, os terraços, os pátios e as parreiras, que estabelecendo as mais perfeitas condições de habitabilidade e utilização definem as condições do clima e os aspetos particulares da região. A parreira, inteligentemente utilizada em quase toda a metade do Sul do País, é a proteção mais singela usada para o doseamento conveniente da insolação. Largamente divulgada em todo o Algarve, ela estende-se sobre ligeira estrutura de apoio, fornecendo o fruto e a agradável e fresca sombra no Verão, e no Inverno, quando se. Despir da folhagem, deixará passar livremente os raios quentes e benéficos do Sol” (Arquitetura popular em Portugal, 1988, p.162).

Devido ao clima do sul do país e às condições oferecidas pelas construções, estes espaços permitiam uma maior permanência no exterior, o que interfere no comportamento social. Na verdade, os fatores do clima originam, entre outros, as distinções de formas e de aspetos das construções, criando uma distinção de região para região.

Normalmente, junto à habitação principal, existem outras dependências, mais especificamente destinadas ao alojamento de animais, animais esses que costumam ser o burro, a mula, o porco e as galinhas. Também o cão era um elemento essencial numa casa, pois tinha a função de “guardar a casa” e, tal como nos dias de hoje, o cão é o melhor e mais fiel amigo do Homem e deu e sempre dará o maior amor ao ser humano (fig.28).

Nestas casas é muito comum encontrar um curral, um estábulo, uma pocilga e um galinheiro, assim como a dependência destinada ao abrigo dos utensílios de trabalho no campo. Para além destas dependências, era comum encontrarmos um compartimento complementar à cozinha que continha um forno de lenha. A organização destas três dependências varia nos três casos e estas construções podem ser observadas de duas formas: podem estar interligadas à habitação – “casa principal”, que tem a funcionalidade de ser apenas para a família, ou podem formar uma ou várias construções à parte (Afonso, 2018,p.31).



Figura 27- Habitação Rural

Fonte: Website Pinterest (2023)

A vegetação circundante é um dos elementos característicos da casa rural. Ela não é colocada propositadamente com finalidade de decoração, exceto as árvores buganvílias, a vegetação era como fosse um adereço essencial à habitação, ajudando a regular as temperaturas da casa, mantendo a casa no verão mais fresca e no inverno mais abrigada.

A economia rural é movida pela agricultura, havendo muito cultivo de diversos alimentos como o feijão, o milho, a produção da batata normal e doce, entre outros bens essenciais. Também se destacavam as seguintes árvores: laranjeiras, limoeiros, amendoeiras, figueiras, alfarrobeiras e oliveiras. Cada árvore apresentava uma beleza e uma folhagem única, sendo comuns em todo o Algarve. Em cada casa rural, eram utilizadas estas típicas árvores de fruto, ficando sempre associadas a estas pequenas habitações e aos meios rurais como um complemento delas.



Figura 28 -Habitação Rural. Bordeira, Aljezur

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal (1988)

Decorrente da amenidade do clima do Algarve, foi-se desenvolvendo um maior aproveitamento dos espaços exteriores, proporcionando agradáveis momentos de convívio e de permanência ao ar livre, seja na atividade agrícola ou na hora de descanso.

A casa rural algarvia, contém pelo menos um pátio que é das características mais marcantes das casas algarvias. Podia ser interior ou exterior, com diversos tamanhos, descobertos ou cobertos parcialmente pela parreira (vegetação). Os pátios eram:

“Revestidos com ladrilho de tijoleira, de fabrico local, aplicada disciplinadamente em desenhos geométricos, outras vezes com pedra miúda ou com lajedo ; é nele que se repousa das labutas diárias ou se procede à secagem do figo e da alfarroba. Para esta dupla utilização está geralmente adossado à fachada exposta a Sul, fazendo-se por ele acesso ao interior da habitação”(Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.164).

No verão é onde se recebem as visitas para conviverem no espaço exterior onde estariam mais expostos ao ar fresco; onde secavam os frutos (alfarobas, figos, amêndoas); onde se preparavam os legumes ou animais para serem cozinhados e era também o local onde lavavam as roupas e as secavam. Era, portanto, considerado um local privilegiado onde se tratava de tudo o que os habitantes necessitavam para o seu bem-estar.

As diversas construções de apoio à habitação, à produção e ao armazenamento também fazem parte desta tipologia, por exemplo moinhos de água, noras movidas por animais, que ainda existem nas casas térreas simples. Também podemos encontrar as eiras, aquedutos e tanques (local onde muitas mulheres se juntavam para lavar as roupas das suas famílias).

Com o passar o tempo e a evolução da sociedade, esses engenhos foram perdendo o interesse e ficaram ao abandono geral, uma vez que as máquinas começaram a tomar o seu lugar. Nos dias de hoje, ainda é possível encontrar muitas destas construções de diferentes engenhos no Algarve, embora a maior parte esteja desativada. Estes elementos, hoje em dia, são considerados obras de grande valor, sendo que algumas câmaras municipais obrigam a cuidar e a preservá-los, não os deixando desaparecer, daí que incentive a sua preservação e reabilitação para que possam acrescentar valor patrimonial e histórico às habitações reabilitadas.



Figura 29 - Nora mourisca, Picota

Fonte: Website Crónicas 5

Exemplos tipológicos rurais:

A figura 31 mostra-nos uma típica habitação rural da Serra de Monchique, localizada na sub-região do alto Algarve, conhecida por Serra Algarvia. Nesta região há abundância de terrenos de xistos argilosos. Alguns autores consideram que esta região é muito isolada e pobre, em comparação com outras regiões, pois existe mais xisto do que terra.

É muito comum encontrarmos casas completas ou parcialmente construídas em taipa com os interiores em adobe. Na serra de Monchique ainda existe um núcleo populacional relativamente grande que se dedica ao cultivo da terra e ao desenvolvimento de árvores como o sobreiro, o carvalho, o pinheiro bravo e o castanheiro, que oferecem uma excelente matéria prima para a construção de mobiliário, caixilharias, entre outros elementos auxiliares na construção (Santos,2018,p.38).

A habitação típica da serra é uma construção de carácter muito humilde, sendo simples, com poucos pormenores arquitetónicos e de design. Este tipo de habitação é caracterizada no livro de Arquitetura Popular em Portugal da seguinte maneira:

“ (...) pavimento térreo, composta por uma casa de entrada, para onde abrem todas as outras dependências, a cozinha com um pequeno forno no canto da lareira, um ou dois quartos – únicos compartimentos com pavimento de madeira- estábulo cujo o acesso se faz através do celeiro ou despensa que por sua vez abre a casa de entrada e, em anexo, a pocilga, o galinheiro e o coberto, assim como para materiais de trabalho. O aproveitamento imposto pela altura da cobertura, com um sobrado

cobrindo a despensa e o estábulo, serve não só de palheiro como de proteção ao frio” (Arquitetura Popular em Portugal, 1988,p.216).

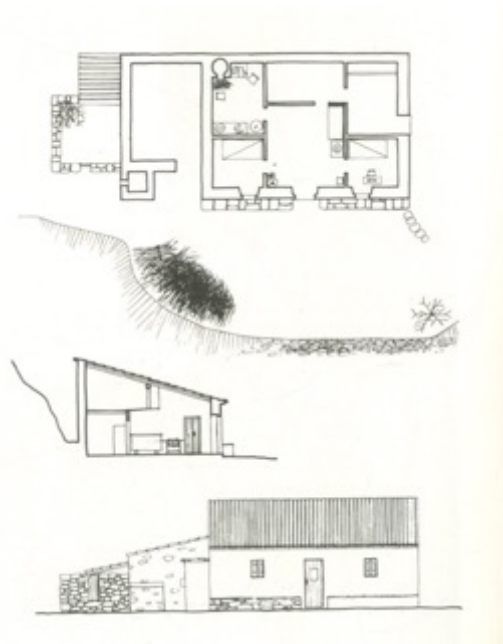


Figura 31 - Habitação Rural, Moita, Serra de Monchique

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal (1988)



Figura 30 - Exemplo do interior de uma habitação Rural, Moita, Serra de Monchique

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal (1988)

O segundo exemplo apresentado é o da habitação rural, localizada na sub-região do Algarve Central, também dominado por Algarve Calcário ou Barrocal algarvio. Esta região contém terra forte de tonalidade escurecida e barrenta e é conhecido pelos seus terrenos movimentados com ligeira altitude, afloramentos calcários, pelas argilas, pelo grés e pedra siliciosa. A utilização do calcário começa a ser mais comum, nesta região, no entanto, aqui ainda se verifica a utilização do xisto nas alvenarias, pavimentos exteriores e mais frequentes na utilização para guarnecimento de vãos ou degraus .

Nesta parte começam aparecer as açoteias, que nesta tipologia ocupa apenas parte da área das casas e que funciona como outra peça da casa, podendo ser utilizada para a secagem de cereais, legumes e frutos comuns nesta região. Este tipo de cobertura existe apenas no Algarve calcário, mais especificamente em Loulé e Barranco do Velho, bem como na grande cidade de Olhão. Fora estas localizações, não se verifica em outros locais. É no

Barrocal Algarvio que surgem os grandes marcos da arquitetura popular do Algarve, a famosa platibanda e a chaminé algarvia (Santos,2018,p.40).

Nesta região também é muito notória a indústria de artesanato, sendo um trabalho realizado na maioria por mulheres. Essencialmente produzem utensílios para casa como vassouras, tapetes, ceiras, alcofas, chapéus e cadeiras, entre outros, com recurso a plantas autóctones da região (palmas, esparto, tabua).

Geralmente estas habitações, apresentam um pequeno corredor que conduz a dois quartos virados para a entrada, ficando, desta forma, os três compartimentos virados para a frente. Na parte posterior da casa, existe a cozinha e o estábulo que, em certos casos, possuem ligação direta com o exterior. Por cima do estábulo, podemos encontrar um palheiro e a açoteia é acessível por uma escada que liga a cozinha ao piso superior. Antigamente a açoteia costumava ser construída sobre abóbadas ou dormente, hoje em dia é construída em laje de betão armado. A habitação costuma ser caiada e os pavimentos exteriores são de ladrilho ou tijoleira. As paredes são caiadas, e os vãos das janelas e das portas são guarnecidos com cantaria.

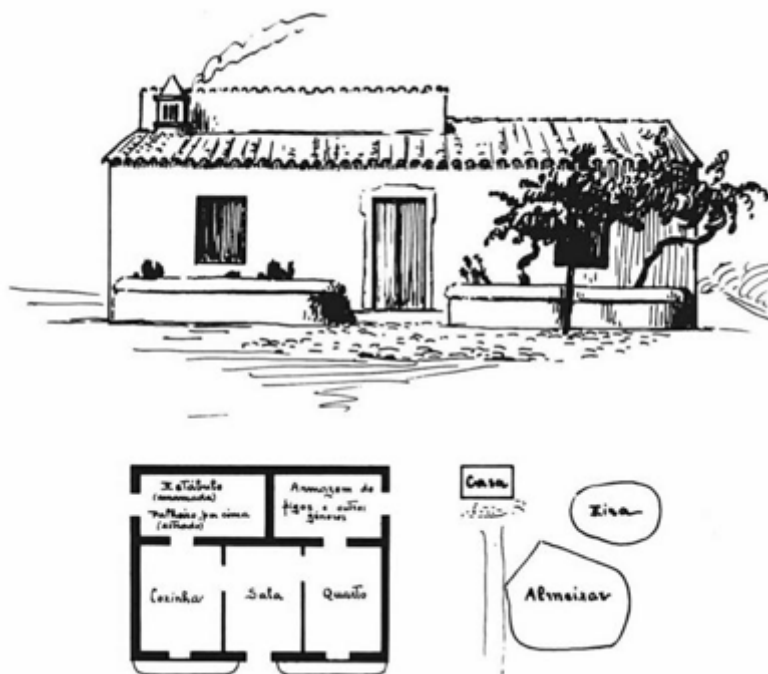


Figura 32 - Habitação Rural, no Algarve Central

Fonte: Livro Etnográfica Press, II Casa térrea

A terceira tipologia é a casa rural no Baixo Algarve, também conhecido por Algarve Litoral. Esta região é dividida em duas partes: o Barlavento e o Sotavento.

O baixo Algarve é uma zona onde se concentra mais população, talvez por se encontrar mais próximo do mar. A tipologia característica desta zona pode-se encontrar com alguma facilidade em Bordeira, Odeceixe, Vila do Bispo, Budens, Carrapateira e Aljezur. As habitações são construídas com uma alvenaria pobre, normalmente em taipa, tijolo ou pedra que costuma ser caiada. As portas são em madeira escurecida e pequenas janelas sem vidro.

Nesta região a cozinha é um espaço geralmente muito pequeno e por vezes inexistente, não dando muito importância à chaminé. A cobertura é de uma ou duas águas em telha de canudo, sem uma proteção interior. O revestimento do pavimento é pobre, na maior parte das vezes, em terra batida. O poço é um elemento que se reveste de grande importância tem uma importância nesta tipologia.

É importante referir que estas características refletem a cultura e o ambiente da região do Algarve, onde as casas rurais desempenham um papel importante na vida das comunidades locais e na preservação das tradições arquitetónicas.

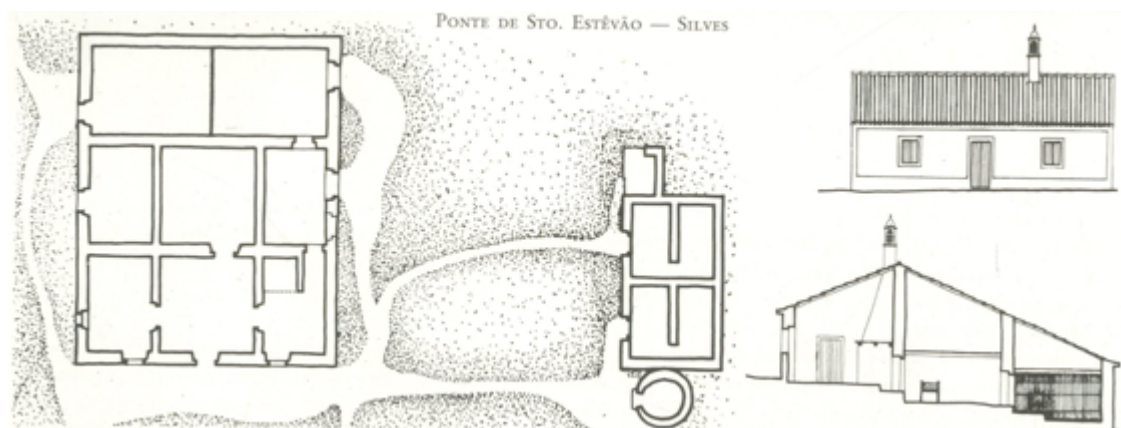


Figura 33 - Habitação Rural, no Baixo Algarve

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal (1988)

4.2 Casa Urbana

A habitação urbana situa-se junto ao Litoral, dominado Baixo-Algarve. No presente estudo, focamo-nos mais nas tipologias habitacionais de Sotavento. Onde mais uma vez o homem soube tirar o melhor partido dos materiais que a natureza lhe ofereceu, utilizando de uma forma inteligente e criativa.

A primeira tipologia a ser estudada é a tipologia habitacional em profundidade e em banda, que estão localizadas na cidade de Olhão e da Fuzeta. É no litoral algarvio onde se dá grande importância à ornamentação das fachadas das casas, aparecendo assim diversas platibandas decorativas e a típica chaminé algarvia. A cidade olhanense dá lugar a uma mutação na sua forma, adequando-se na perfeição com as características cubistas da cidade. Os materiais construtivos utilizados oferecem uma enorme singularidade, também as coberturas planas, como já vimos noutras localizações, aqui tomam novo destaque, pela sua função, história e pela forma como crescem e como desenham a imagem da emblemática cidade.

No baixo Algarve, as pessoas estavam mais localizadas junto ao mar, havendo assim mais atividades para se ocuparem e viverem economicamente, começaram a parecer vários aglomerados por todo o Algarve, nas seguintes páginas a escolha eleita foi a cidade de Olhão e Fuzeta, pois tem características muito interessantes e distintas e sem par na província Algarvia. Esta originalidade que a cidade de Olhão provem das relações que os seus habitantes mantinham com o Norte de África.

Segundo o autor Raul Brandão: “ Há meio século, Olhão entranhado de salmoura e perdido no mundo, vivia só do mar... Os que não eram marítimos eram filhos ou netos costeiros e pescadores do alto que iam à cavala e Larache... Havia muito peixe e a vida era extraordinária... A pesca do alto fazia-se em caíques cobertos, e vinte e cinco a trinta toneladas, com duas velas triangulares... Outro barco, o do navego, comprava género em Almeiria e Gibraltar, palma na Bárbéria (Marrocos) ou ia a S.Martinho buscar o pero que tem fama levando do Algarve o figo, a alfarroba e o peixe para vender” (Brandão,Arquitetura Popular em Portugal,1988,p.202).

Uma das características comuns da cidade de Olhão é o sistema construtivo, e a repetição sucessiva de elementos por justa posição em banda. Geralmente a planta, era acentuada e retangular, desenvolve-se em profundidade, dando lugar ao aparecimento de divisões interiores, sem ventilação direta. A construção tem como principais elementos, as coberturas das açoteias em abóbadas de ladrilho, as paredes de alvenaria de pedra ou tijolo (Brandão,p.202).



Figura 34 - Habitação em banda em Olhão

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal

Na maioria das habitações de Olhão, entra-se diretamente para a sala, onde encontramos dois quartos contíguos em comunicação com o estreito corredor que conduz à cozinha, localizada ao fundo da casa. A cobertura é feita com abóbadas de berço, correspondendo uma ao corredor, outra aos quartos e uma outra à sala, “ mas de tendência esférica e um pouco mais elevada, acentuando a importância atribuída a esta peça de habitação. Por

vezes, esta abóbada esférica é substituída por um telhado de quatro águas, formado, anteriormente, tecto de macieira” (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.204).

Os quartos possuem um ambiente muito agradável, devido ao pequeno ponto luminoso vindo do centro do teto, que geralmente contém uma pequena claraboia, constituída por um vidro em forma de quadrado. No fundo da habitação encontra-se a cozinha e o pátio exterior existe murado, com umas escadas direccionadas para a açoteia, sendo um espaço amplo e muito agradável para o proprietário, onde podemos encontrar também a já referida anteriormente a chaminé de balão (fig.22). Em certas construções, era comum ver-se dois arruamentos paralelos, possibilitando a independência do andar, fazendo esse acesso através escadas, observando a outro “cubo,” na própria casa, dominado de mirante, onde o pescador poderia avistar as condições do mar, e quando viam que esta não teria altura suficiente, acrescentava-o mais um pouco, nascendo desta forma, o contramirante, que se designa por ser um “cubo” mais pequeno. Esta organização formal em altura deu a origem ao nome que caracteriza a cidade cubista de Olhão. Devido ao pátios, os mirantes e contramirantes, formam composição geométrica a nível estético muito interessante e diferente, que se assemelha a muitas cidades marroquinas.



Figura 35- Pátio da Habitação Urbana em Olhão

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal

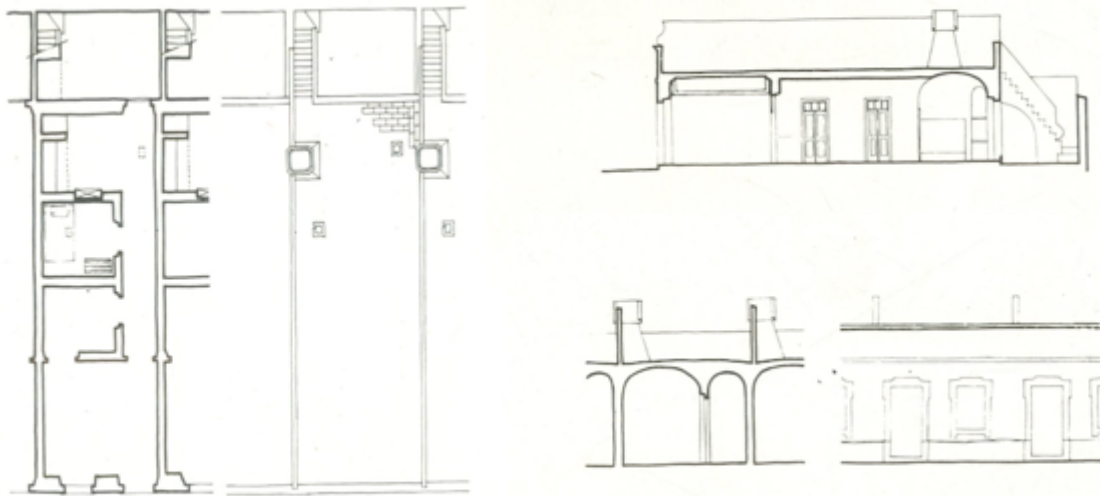


Figura 36 - Tipologia da habitação urbana da habitação de Olhão

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal

Com os estudos feitos por diversos autores, a Fuzeta embora a planta seja diferente de Olhão, observa-se que existe um espírito comum entre elas. Na casa da Fuzeta, não se entra diretamente na sala, sendo mais reduzida para dar espaço a um pequeno hall de entrada, segue-se um corredor que também se alarga, deixando de ser apenas para passagem para dar lugar a um espaço de trabalho e refeições. A cozinha aqui desaparece, para dar lugar a uma lareira simples, de poial e fornalha que estaria no exterior apenas coberto por uma simples cobertura, apoiando-se exteriormente sob a escada de acesso à cobertura e apenas protegido o local com um telheiro, onde seria simultaneamente o pátio. O poço aqui também era uma peça essencial a todos os cidadãos, pois era muito utilizado no meio urbano, servia duas habitações contíguas e teriam um tanque para lavagem de roupa, que antigamente era feita por mulheres (Arquitetura Popular em Portugal, 1988,p.204).

As características específicas da casa urbana podem variar, de acordo com a sua localização exata e estilo arquitetónico, sendo que as estas habitações são adaptadas para atender às necessidades dos moradores e às tendências arquitetónicas atuais.

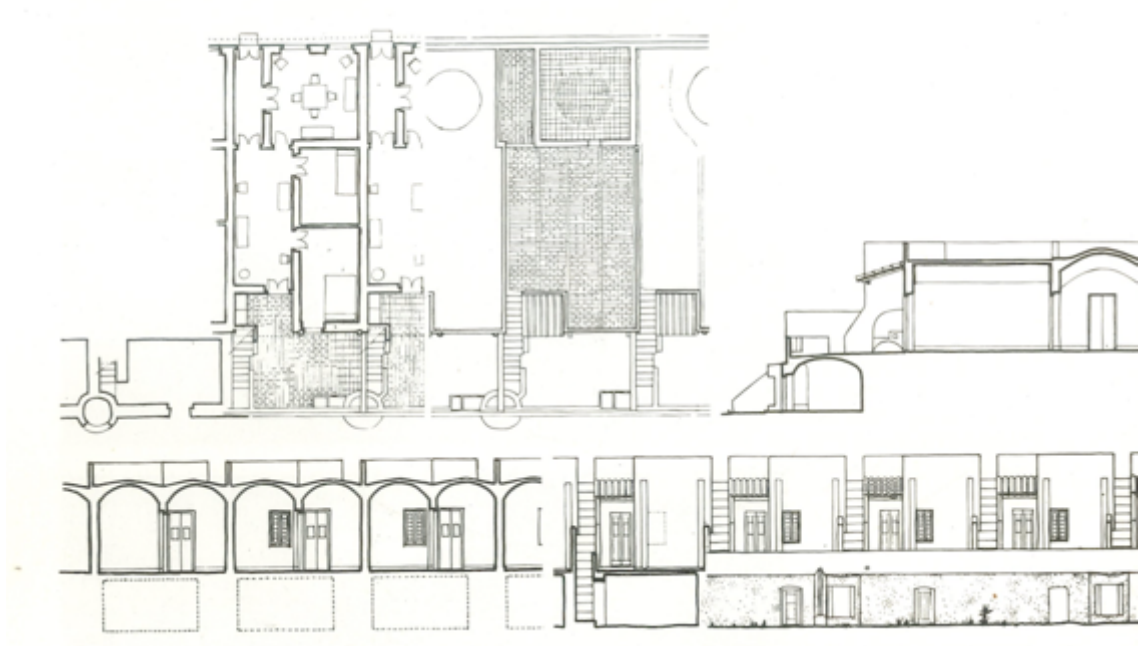


Figura 37- Tipologia da habitação urbana da habitação na Fuzeta

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal

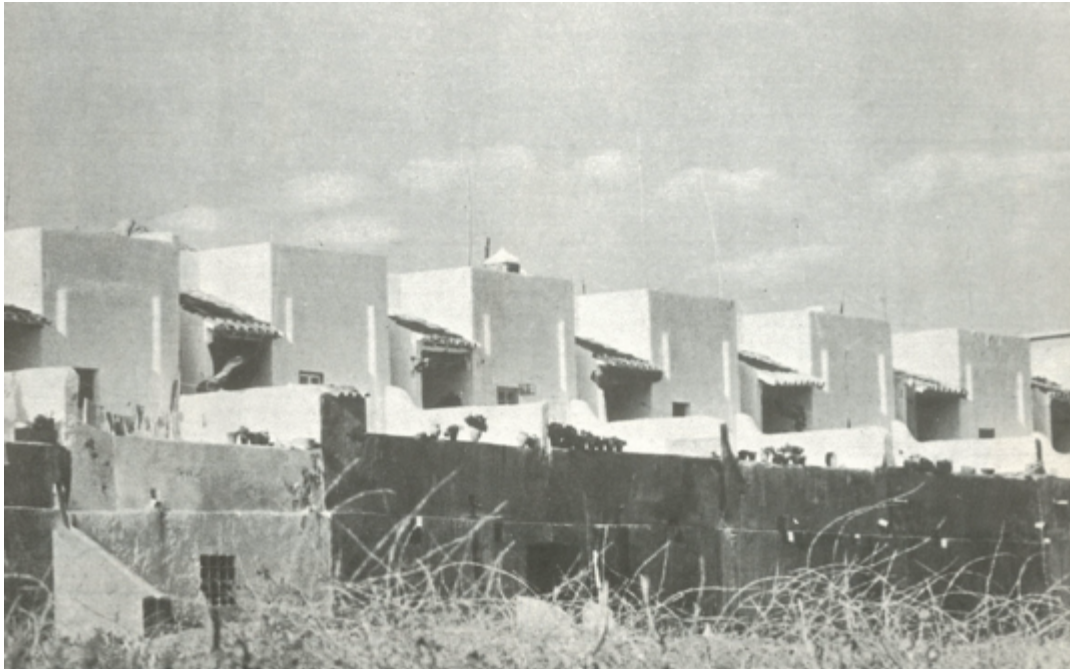


Figura 38 - Habitação em banda, Fuzeta

Fonte: Livro Arquitetura Popular em Portugal

Apresentação do mapa tipológico realizado pelos autores do livro *Arquitetura Popular em Portugal* (1988), com as diferentes tipologias habitacionais do Algarve, cada uma tem um breve resumo do local de onde provêm e uma ou duas características da mesma.

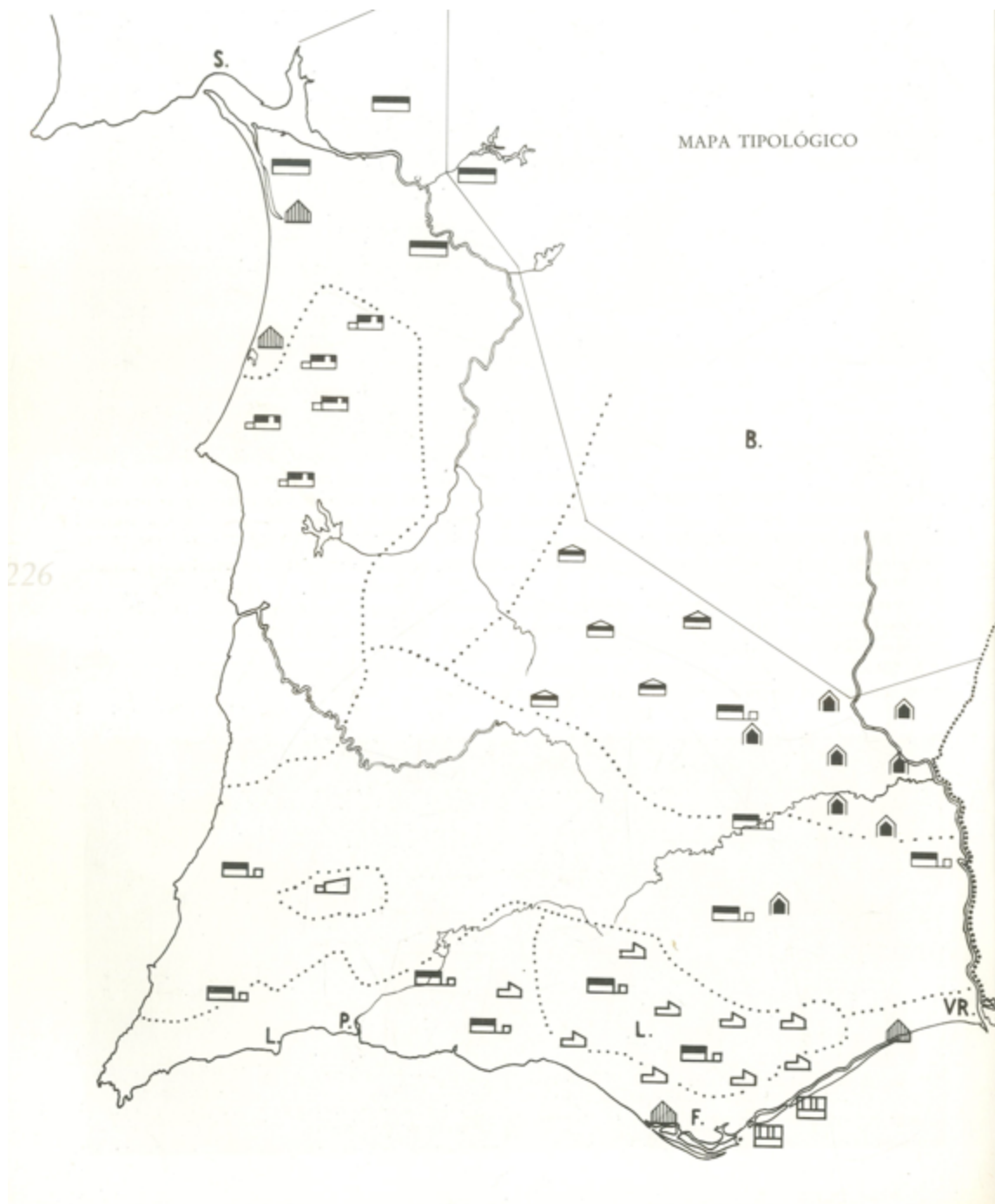


Figura 39- Mapa tipológico das diferentes habitações algarvias

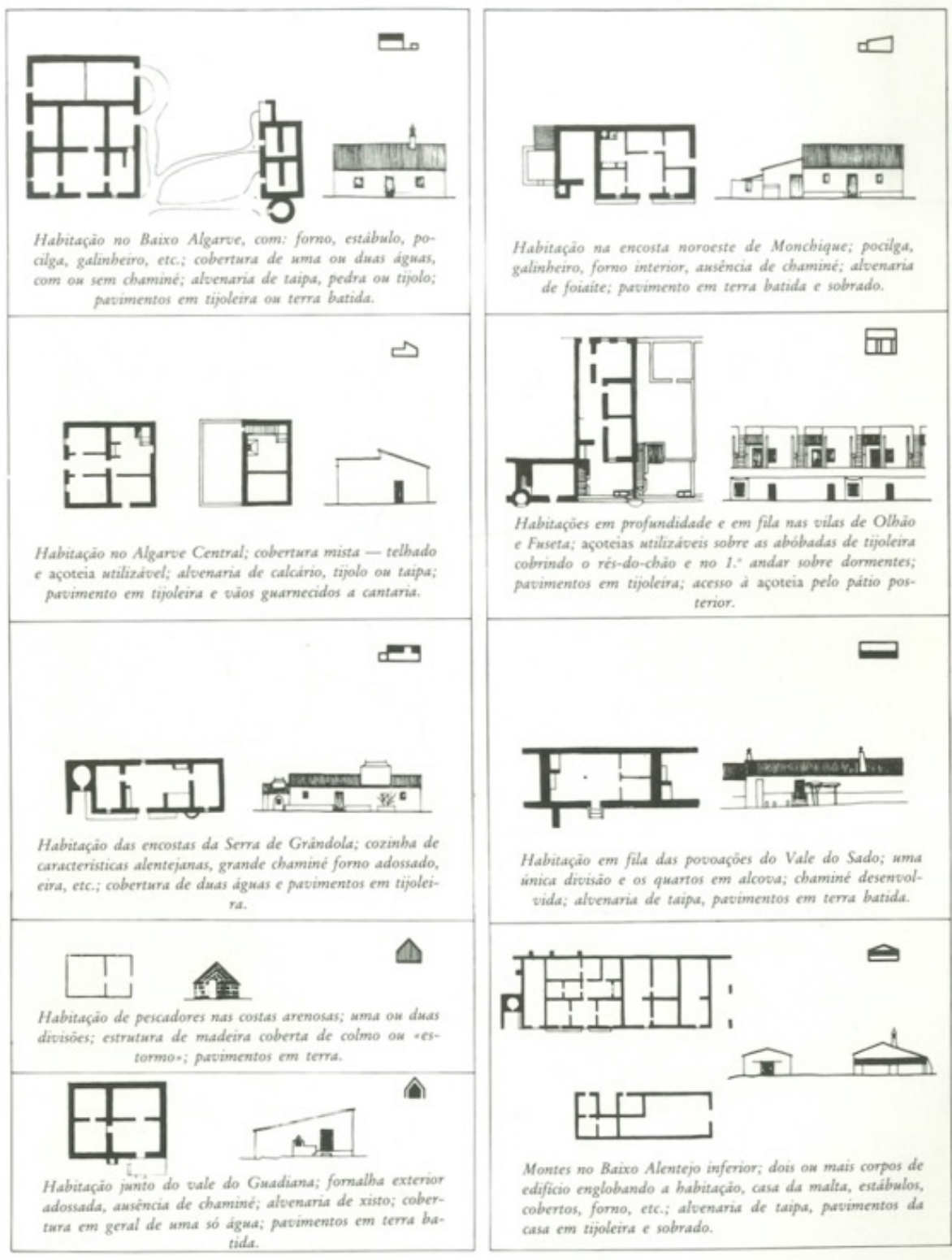


Figura 40 - Esquema das diferentes habitações rurais e urbanas no algarve

Fonte: Livro *Arquitetura Popular em Portugal*

5 Elementos decorativos Algarvios

Uma grande característica, que sofreu uma queda acentuada foi a procura de artesanato, cortiça, madeira, palma, utensílios em barro, canas entre outros materiais. Antigamente existiam em maior número, em todas as regiões algarvias. Os trabalhos manuais eram na maioria era feito por mulheres. Os produtos industrializados eram muito escassos e os meios para os ter era quase inexistente, então a população recorria ao que a terra lhes dava.

Na altura havia uma diversidade de profissões tradicionais, que com o passar do tempo têm se perdido, uma delas é a profissão de oleiro. A olaria é uma arte milenar que se manteve viva por muitos e muitos anos, mas que recentemente está a ser substituída cada vez mais pela industrialização. O oleiro tinha a função de moldar e criar objetos, como vasos, canecas, tijolos entre outros utensílios de decoração e uso diário. Ainda nos dias de hoje é possível, encontrar alguns espaços onde as pessoas locais trabalham estas matérias, normalmente em oficinas ou armazéns locais, em São Brás, Loulé e regiões mais perto da serra contém esses edificadados.

Nos dias de hoje à muitos projetos, que começam a nascer e a trazer de volta as artes e ofícios tradicionais. As olarias e entre outras lojas tradicionais, são o ideal para se conhecer melhor o país e o que a região que tem melhor para oferecer aos seus visitantes/habitantes.

Estas peças que referimos, são muito importantes na nossa cultura e tradição, muito ideais para a decoração de espaços, hoje em dia a maioria desses objetos, já não lhe damos a devida funcionalidade e utilizamos apenas como objeto decorativo, como por exemplo dos potes algarvios (serviam para transporte de cereais e outros alimentos) e hoje são mais utilizados para decoração e implementação de flores. Hoje são recriadas peças baseadas no passado como por exemplo o candeeiro em forma de chaminé, transformada numa peça igualmente com a funcionalidade de candeeiro mas mais moderno e com um design minimalista (fig.43).



Figura 42 - Olaria Algarvia

Fonte: Pintrest



Figura 41- Lamparina algarvia

Fonte: Website Prêmios Design AND

6 A influência da habitação popular algarvia no contemporâneo

O Algarve é conhecido por ser o “paraíso” de Portugal, sendo muito valorizado a nível patrimonial, cultural, gastronómico, tradicional, e suas belas praias e natureza. Ao longo dos anos sofreu meras alterações, mais especificamente na segunda metade do séc.XX, a partir dos anos 50,60,70,80 foi quando a construção imobiliária impôs-se excessivamente em volume e em certos casos de má qualidade, tomou conta de quase todo o litoral Algarvio. Pois, antes destes acontecimentos, era considerado um local belo, e único, porém tem sofrido ao longo dos últimos anos alterações significativas, considerando algumas negativas, outras positivas, consoante as épocas e os acontecimentos.

O turismo foi e ainda é um dos responsáveis dessas alterações dramáticas e violentas na transformação da paisagem do Algarve, mais especificamente na zona de Barlavento. Bem como a crise entre 2008 a 2014, que teve um grande impacto económico e emocional, havendo inúmeros negócios locais a fechar e mais pessoas a emigrar do país.

Houve grandes alterações devido ao turismo, apesar de ser um facto ainda muito presente no Algarve assim como no nosso país, causando assim um enorme desenvolvimento e crescimento económico. Durante alguns anos verificaram-se enormes gastos em plano da construção, numa altura em que havia grande procura a nível nacional como estrangeiro, via-se que todos queriam ser donos de alguma construção ou empreendimento, e quantas melhor, por vezes desnecessárias. Muitas obras eram feitas, não eram pensadas na história cultural e arquitetónica, apenas destruíam o que já lá estava e construía por cima, perdendo assim algumas obras (Afonso,2018,p.88).

Em certa parte devido à ignorância, houve um crescimento avassalador, gradualmente desde da década de cinquenta, agravando-se até aos anos noventa, modificando completamente a paisagem costeira assim como a paisagem Algarvia em geral, criando em certas zonas, ambientes desorganizados e desagradáveis.

Existia espaços únicos no Algarve, praticamente virgens, como enormes espaços verdes, onde se podia aproveitar a natureza e grande áreas arenosas, a faixa litoral livre de construções como era o caso de “ Portimão, Quarteira, Armação de Pêra, Albufeira, Monte Gorde, constituem autênticos *ground zero* da barbárie urbanística onde não ficou pedra sobre pedra” (Grade, 2014). Todas as cidades referenciadas foram destruídas para dar lugar a apartamentos, urbanizações e hotéis que se foram construídos com o intuito de investimento financeiro, demonstrando um pouco a ganância humana e os interesses políticos. Em alguns casos, algumas construções não foram terminadas ou albergadas, vivenciando o abandono das mesmas, ou aquelas que continham graves problemas construtivos, devido à velocidade e à escassa ou inexistente inspeção e controlo.

Com o passar dos anos, e o facto da construção apaziguar-se, olham para trás e pensam o que a sociedade fez. Vendo no que o Algarve se tornou, assim como o resto do país. Como, se pode observar nas figuras abaixo. A figura 42 representa a cidade de Quarteira nos 60, onde tinha apenas casas urbanas no máximo de 1 andar, a figura 43 mostra como a cidade de Quarteira está nos dias de hoje, visualizando uma cidade cheia de prédios, demonstrando uma arquitetura mais contemporânea.



Figura 43- Cidade de Quarteira, nos anos 60

Fonte: Facebook Quarteira no tempo



Figura 44 - Cidade de Quarteira, nos anos 2000

Fonte: Facebook Quarteira no tempo .

Com a fase de loucura construtiva não poderia durar sempre, havendo uma mudança drástica com a chegada da crise, o Algarve tinha um especto de abandono, as pessoas tinham diversas despesas deixando sempre a casa um pouco para trás, não fazendo uma manutenção correntemente. Anos mais tarde, quando o Algarve começou a parecer uma região abandonada, começa-se a sentir a falta de melhorias na estética das cidades.

No caso da arquitetura e no design, em vez de derrubar a contruir de novo, como faziam até os anos 90 passou-se a repensar o existente, renovar e requalificar os espaços com mais qualidade e cuidado. Os materiais nobres como a pedra, cerâmicas e madeira, voltaram a ficar em destaque e serem novamente valorizadas pelos habitantes, “a simplicidade e minimalismo sobressaíram na grande maioria das novas renovações, decorações e escolhas de quem se encontra a intervir nas habitações” (Afonso, 2018).

Esta informação serve para vermos que devemos preservar as cidades e as casas que as mesmas têm, por várias razões, uma delas, porque é a identidade de quem lá vive e o clima, em segundo lugar, para que seja natural a distinção entre lugares e culturas e em terceiro lugar, por se tornar um local de história e património único.

Deve-se dar devida importância e preservar aquilo que é tradicional, em cada lugar e no mundo, cada vez é mais difícil, seja pelas limitações de conhecimento arquitetónico, ou pela falta de gosto ou sensibilidade face estas características, tanto parte dos habitantes e das diversas autoridades.

No Barlavento Algarvio, é um local mais luxoso destinado para “turistas”, em parte boémia. Apesar desta zona ter um enorme peso no turismo, o estilo em comparação ao que se verifica em Sotavento é diferente. Este último, o ambiente é mais tradicional onde se encontra maior número de apreciadores de tudo o que é local típico da região.

6.1 Modernismo no Algarve

O modernismo no Algarve começou por volta dos anos 50, neste trabalho iremos apresentar algumas imagens que demonstram tal, fazendo um apanhado geral e simples à base de fotografias.

Um dos grandes impulsionadores do modernismo Algarvio foi Manuel Gomes da Costa (1921 -2016). Nascido no Algarve, em Vila Real de Santo António, formou-se na Escola superior de Belas Artes no Porto, influenciado por diversos artistas estrangeiros, ele criou uma linguagem singular a partir das características da escola moderna, adaptadas às características locais. A casa gago é um exemplo de modernismo na região do Sul, é considerada uma das obras mais emblemáticas do arquiteto Manuel Costa. Esta casa na época, era uma casa muito inovadora e ainda continua a sê-lo a nível arquitetónico e design tanto interior e exterior, que mostra ainda nos dias de hoje, a habitação foi construída com materiais inovadores, moderna na forma e na relação entre o interior e exterior.



Figura 45 – Casa Gago, 1955

Fonte: website Postal



Figura 47 – Imagem atual da Casa Gago (2023)

Fonte: website Postal



Figura 46 – Interior da casa Gago (2023)

Fonte: Website Postal

Nesta época também surge um emblemático edifício, chamado Edifício Avenida 5 de Outubro, sendo edifício de quatro pisos, sendo que um deles é de comércio e se encontra no cota ligeiramente inferior à cota da rua e ainda sendo camuflada pelos arbustos. As varandas acompanham as fachadas. Edifício muito modernista e com uma estrutura robusta e simples (fig. 49).



Figura 49 – Edifício, Faro

Fonte: Website Evasões



Figura 48 – Edifício na avenida 5 de Outubro, Faro

Fonte: Website Evasões



Figura 50 – Habitação, Faro

Fonte: Website Evasões

Para além, das grandes cidade e dos novos edifícios, surgem nesta época também os primeiros aldeamentos turísticos, a partir dos anos 60 houve um grande crescimento após a inauguração do Aeroporto de Faro, a Aldeia Turística das Açoteias, em Albufeira. O complexo da Aldeia das Açoteias, é um com projeto iniciado a 1967 da autoria Vitor Palla e Bento d'Almeida, foi um projeto complexo na praia da Falésia, composto diversas tipologias, um projeto pós-modernista com vista no turismo.



Figura 51 – Aldeia das Açoteias

Fonte: Websie Booking.



Figura 52 – Verde Pino, Resort, Vilamoura

Fonte: Website Verde Pino, Resort

7 Seleção de Casos de Estudo

Neste capítulo iremos abordar os casos de estudo, os quais utilizaram elementos arquitetônicos tradicionais assim como peças de design igualmente tradicionais, na habitações atuais. Para tal optamos por escolher 3 projetos.

7.1 Casa de Agostos

O seguinte caso de estudo é sobre a casa de Agostos, tem este nome devido à sua localização, Sítio dos Agostos, sendo concluída em 2011. O terreno contém cerca de 950 m², onde se encontrava uma habitação em ruínas, que teve de ser integrada no projeto.

Segundo as palavras da autora Mariana Nunes (2021) o caso de estudo que segue tem as seguintes características:

“A ruína, de génese popular, exhibe as características da arquitetura vernacular algarvia. A estratégia consiste em clarificar os limites do espaço central da propriedade - uma clareira delimitada pela ruína, pelos “valados” e pelas árvores de sequeiro. A definição deste vazio faz-se com a recuperação da ruína existente definindo o limite poente, com a construção da uma ala nova, recuada do conjunto existente, definindo o limite norte e com a implantação de um tanque de água no extremo sul do lote” (Pedro Domingos Arquitetos).

É considerada uma casa rural, sendo recuperada, telhado em telha canudo, parede branca (cal), fachada quase cega, com apenas uma pequena janela circular, um elemento deslizante que cerra as janelas (portada), e umas escadas que dão acesso à açoteia, todos estes elementos mostram uma relação intrínseca com a habitação vernacular, deixando alguns elementos antigos e conjugando com elementos mais recentes. A atualidade da habitação segue as diretrizes do anterior, mas no lugar dos pequenos vãos encontram-se uns com maiores dimensões, permitindo uma maior fluidez do espaço e entrada de luz.



Figura 53 -Habitação Tradicional, Lutão, Alcoutim

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)



Figura 54 -Atual habitação Tradicional, Lutão, Alcoutim

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)

A luz nesta reabilitação era o fator mais importante, porque esta casa está localizada numa zona muito solarenga, querendo assim tirar proveito desse elemento, e reduzindo os gastos energéticos. Pintaram a cobertura da habitação na tonalidade branca, para ajudar na climatização, havendo assim uma menor absorção de calor. No interior da casa, o contacto com o exterior é uma constante, seja através de uma porta-janela, que permite acesso ao exterior, ou de uma pequena janela, que emoldura o cenário.

As cores predominantes nesta habitação são o terracota e o branco, ambos típicos da região Algarvia. A única outra cor que também é utilizada é o azul, que se encontra na instalação sanitária, conjugada com azulejos tradicionais.



Figura 55-Atual habitação Tradicional, Lutão, Alcoutim

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)

Os elementos mais caracterizadores da arquitetura algarvia são essencialmente os pátios e as açoteias, algo que foi recriado nesta habitação, dando dois pátios e duas açoteias, independentes, mas que mantêm sempre uma relação entre si. Este caso de estudo, demonstra-nos como é possível de uma casa bastante antiga vernacular, podemos chegar a uma nova habitação moderna e tradicional ao mesmo tempo, reaproveitando a fachada e elementos típicos da região (Nunes,2021).



Figura 57 – Açoteia

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)



Figura 56 – Poial

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)



Figura 58 – Açoteia

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)

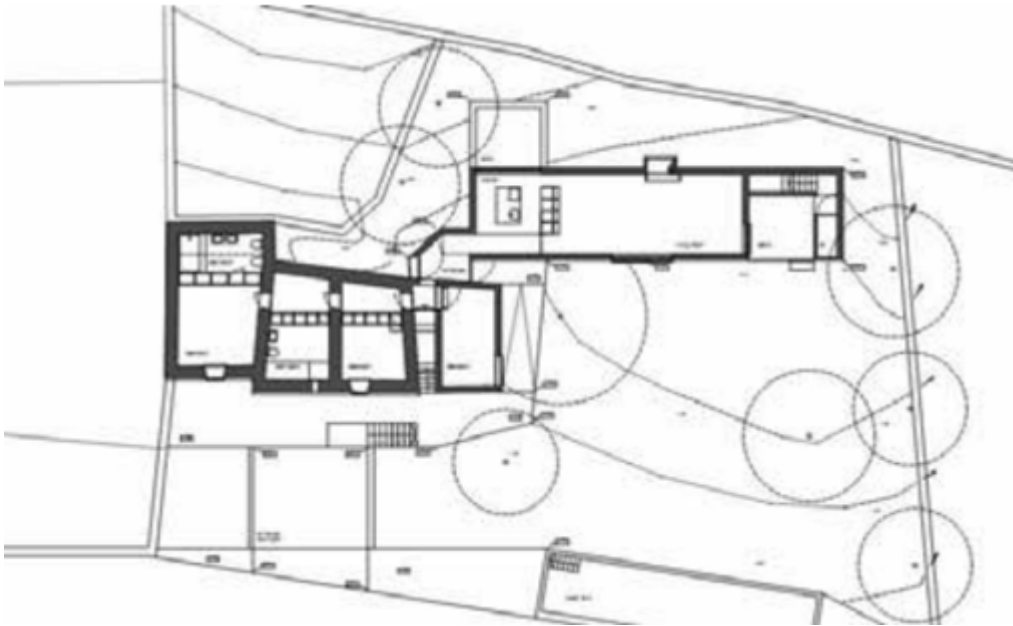


Figura 59 – Planta piso térreo.

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)

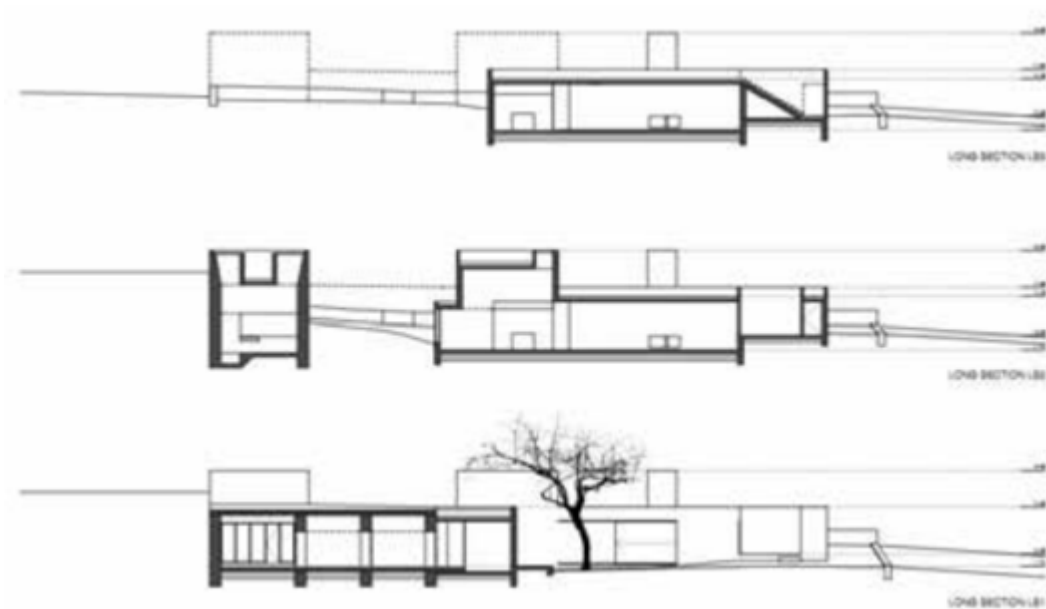


Figura 60 – Cortes da Casa de Agostos.

Fonte: Dissertação de Mariana Neves (2021)

7.2 Casa da Açoteia, Vale do Lobo

Portugal a partir dos anos 60 desenvolveu mais o turismo, Albufeira já era um local turístico regular desde dos anos 50, Vilamoura começou a partir de 1965 e assim se sucedeu a Aldeia das açoteias em 1967 e Quinta do Lago a partir de 1972. Vale do Logo foi fundado em 1962, sendo o primeiro empreendimento no Algarve, construindo habitações tradicionais com modernismo à mistura, gerando uma contemporaneidade interessante. No Algarve costuma-se dizer que são as casas de Vale do Lobo e Quinta do Lago as típicas “casas de férias” contendo os mesmo elementos construtivos como as casas urbanas, como a utilização da chaminé, açoteia, entre outros.

O presente caso de estudo, refere-se à casa intitulada como “casa da açoteia” é uma habitação de férias situada em Vale do Lobo, no baixo Algarve, localizada junto ao mar. A mesma foi reabilitada recentemente pela empresa Nuno Nascimento Arquitetos.

O objetivo do projeto era a reabilitação de uma das casas mais antigas do resort de Vale do Lobo, dando-lhe um novo conceito “luxo descalço”, atribuindo luxo a um espaço através do minimalismo e depuração do mesmo, com a rejeição da ornamentação e simplicidade na escolha dos materiais. A habitação apresenta uma planta simples.

A casa é dividida em três pisos, sendo dois interiores e um exterior: o primeiro piso interior apresenta as áreas sociais (sala de estar, sala e cozinha) e uma suite, o segundo piso interior contém as áreas privadas (duas suites) e o terceiro piso é a zona exterior que se designa como a “açoteia” (Urbana,2023).



Figura 61- Planta dos três pisos, Casa da Açoteia, Vale do Lobo

Fonte: website arch daily

A habitação interiormente, no piso 0 apresenta quatro espaços definidos: a entrada com um amplo corredor, onde existe no seu lado direito uma zona de refeições, acompanhada de uma mesa de madeira com seis cadeiras e dois candeeiros de rattan. De seguida, na ainda na entrada, na parte esquerda temos a cozinha, apresentada com um design simples e neutro com um toque requintado de madeira nos seus móveis, uma bancada com uma pedra branca brilhante e eletrodomésticos. De seguida, passamos para a zona de estar, um local muito simples e neutro com um sofá embutido numa forma orgânica, criada especificamente para este local, cadeira de sentar e elementos decorativos, esta zona tem acesso ao exterior da casa através da janela. Ainda no andar de baixo temos uma suite, mostrando um quarto simples com uma cama e dois candeeiros de teto, um no lado direito e outro no lado esquerdo da cama e uma casa de banho com lava mãos, sanita e chuveiro.

Depois subimos através das escadas para o piso 1, temos um corredor com algumas decorações um espelho de madeira e um pufe de verga. Seguindo para duas suites com dimensões agradáveis e igualmente simples com tonalidades claras, com poucos elementos decorativos, assim como as respectivas casas de banho com chuveiro, prateleiras em madeira, lava mãos e uma sanita.

A terceira divisão, na qual identificamos como piso 2 da casa é a “açoteia” é a definição de um pequeno terraço no telhado que é um arquétipo muito encontrado no Algarve, inclusive estudamos ao pormenor a definição de açoteia em páginas anteriores. Sendo um espaço tipicamente usado para secar frutas e entre outros alimentos pelos nossos antepassados árabes. Nas últimas décadas, este espaço tem vindo sofrer alterações, concluindo que na maioria dos casos tem se transformado em espaços essencialmente de lazer, tornando-se neste caso no “ex-libris” da casa, com um pequeno tanque que faz a ligação entre o terraço e a grandiosa vista mar. A chaminé algarvia também está presente neste local. Esta açoteia apresenta uma zona de lazer, acompanhada de um pequeno tanque e um sofá com um sombreamento. O telhado da habitação contém telha de Santa Catarina.

Em relação ao mobiliário, os espaços apresentam uma variedade na escolha dos elementos decorativos. Sendo os materiais mais utilizados a madeira, a mesa das refeições apresenta uma interessante mistura entre a madeira e o metal preto que suporta a mesa, o rattan muito presente em todas as cadeiras da casa e candeeiros, assim como a verga (pufe) um material tipicamente algarvio. O sofá apresenta um material que aparenta ser pele ou napa branca, que trás mais requinte e em termos de limpeza é mais higiénico e fácil. As casas de banho contém torneiras douradas, que nos remete à elegância. Temos alguns elementos decorativos como dois troncos de madeira que servem como apoio de objetos, assim como os típicos potes algarvios, entre outros elementos.

O projeto é caracterizado acima de tudo pelo conceito de continuidade dos materiais nas superfícies, como as paredes, tetos e pavimentos que foram todos barrados e pintados de branco manualmente. Vendo que a cor predominante no espaço é o branco, que se encontra múltiplas vezes ao longo da casa, com o objetivo de manter a casa fresca nos dias mais quentes, devido ao ensolarado clima algarvio. Dentro da restante paleta de cores do espaço temos os castanhos, bege, alguns apontamentos a preto e dourado.

Utilização da madeira natural em elementos de carpintaria como as portas e armários, para os espaços não perderem a sensação de conforto, sendo um espaço orgânico e rústico. Visualizar o anexo IV.

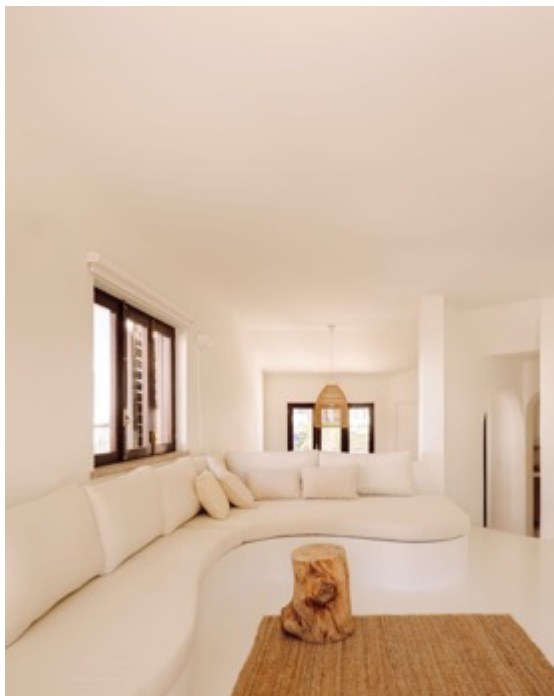
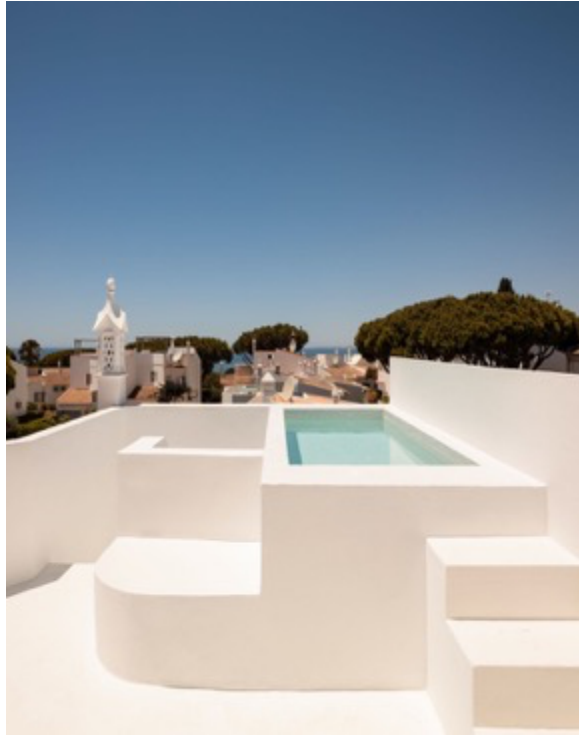


Figura 62 - Casa da Açoteia, Vale do Lobo

Fonte: website arch daily

7.3 Casa Estalagem da cegonha

Este estudo de caso, também se enquadra no tema anterior estudado, pois é uma casa pertencente ao modernismo. Na Quinta do Lago em 1984, o arquiteto Eduardo Souto Moura, desenvolve um projeto para a mesma, sendo considerado um empreendimento turístico, promovendo desta vez habitações de luxo, um espaço composto por restaurantes, discoteca, centro de equitação e clube de ténis.

O mesmo criou uma habitação considerada pela Direção- Geral do património “ um imóvel de interesse municipal”, a mesma é conhecida pelo seguinte nome: “ Estalagem da cegonha”. Esta habitação situa-se na Quinta do Lago, na Avenida Ayrton Senna, 33, no Loteamento Golfê Norte, freguesia de Almancil. Segundo o artigo do Sulinformação:

“Os responsáveis municipais consideram que este é «um testemunho do património arquitetónico contemporâneo do séc. XX, na categoria de arquitetura civil e na tipologia habitacional» e, como tal, esta classificação – caso venha a efetivar-se – será também o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo Município com vista à «valorização e divulgação do seu património enquanto fatores decisivos para a preservação da sua memória coletiva” (Sulinformação,2021).

Este projeto é um reflexo da arquitetura tradicional, seja através de único piso, mirante e açoteia, elementos na cobertura que remetem para as influências, a cúpula para as suas raízes árabes, o paralelepípedo representa o mirante, a pirâmide para os telhados de tesouro de Tavira e a chaminé, que apesar de todos estes elementos decorativos serem simples e conterem apenas cor branca, fazem relação com o tradicionalismo algarvio.



Figura 63– Casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago

Fonte: Fotografia de Luís Ferreira Alves



Figura 64 – Casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago

Fonte: Fotografia de Luís Ferreira Alves



Figura 65 – Fotos do interior e exterior da casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago

Fonte: Fotografia de Luís Ferreira Alves

Parte II – Projeto de Requalificação

8 Proposta

8.1 Programa de Intervenção

Em primeiro lugar, e para colocar em prática os elementos teóricos referidos anteriormente desenvolveu-se o projeto de requalificação de uma habitação tipicamente algarvia. Após estudadas as características da habitação algarvia e a sua evolução, o principal objetivo é interpretar os motivos e métodos para requalificar uma habitação com as características típicas do Algarve, respeitando os seus valores e a sua história, tudo isto aplicado num projeto de interiores, analisando, por fim, a importância dos contributos resultantes desse processo.

Em segundo lugar, e visto que o projeto é focado em reabilitar um espaço habitacional, é fundamental realizar um estudo sobre o que os utilizadores gostariam de poder usufruir numa habitação, consoante as suas necessidades, interesses e características, de forma a projetar espaços ideais e adequados para cada habitante.

Para o desenvolvimento do programa de intervenção é necessário ter em conta todos os conceitos estudados na presente investigação. O estudo das características da habitação algarvia será o fio condutor para a realização deste projeto, cujo objetivo é aplicar os elementos típicos algarvios de forma apropriada e atual com o objetivo de proporcionar uma experiência positiva e agradável aos utilizadores.

Estudo e análise do espaço a intervir - Caracterização do Espaço

O projeto desenvolvido tem como base a requalificação de uma habitação tipicamente algarvia com as seguintes características: casa térrea, localizada em São Brás de Alportel, pertencente ao distrito de Faro, no Algarve, Sul de Portugal.

Segundo a caderneta predial da habitação à qual tive acesso através dos proprietários, a habitação é considerada um prédio em propriedade total, sem andares, de utilização independente. É uma habitação térrea com cinco compartimentos e quintal, com área total do terreno de 180 m² e a área bruta de construção de 67,80 m². A casa tem uma cozinha, uma sala de estar, dois quartos e uma casa de banho social.

A habitação não tinha planta de construção, pois foi construída antes de 1951, daí ter sido necessário a realização de uma planta original da própria casa (fig.7). De acordo com uma pesquisa feita e com a caderneta predial, verificou-se que os imóveis construídos antes de 1951, antes da entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 38 382 de 7 de agosto de 1951, poderão não ter qualquer projeto na Câmara (PDGL, 2023).

Dado que a habitação já conta com muitos anos de construção, há a necessidade de fazer uma reabilitação, pois muitas das zonas estão degradadas e com uma estrutura pouco resistente, necessitando de algumas obras.

Todas as divisões da casa estão direcionadas para Sul, à exceção da cozinha que não tem janelas, por isso no projeto será acrescentado uma janela para dar luz natural ao espaço e ventilação ao mesmo criando um ambiente luminoso.

As zonas sociais interiores, nomeadamente a cozinha (fig.5) e a sala de estar (fig.1) são, sem dúvida, os espaços mais utilizados pelas famílias. Neste caso, estão degradados e são pouco convidativos. Os locais de passagem, como os corredores servem de união entre todas as divisões da casa. Os quartos são locais mais reservados (fig.2) e (fig.3) com dimensões muito pequenas e destinam-se apenas ao descanso e ao repouso.

A casa de banho (fig.4), apresenta uma área muito reduzida e pouco funcional, como era típico, antigamente, pois trata-se de um local que é de permanência reduzida em comparação com os outros locais da casa.

A casa dispõe de diversas entradas de luz, através das janelas, e da porta de entrada, bem com todas as outras situadas nos quartos e divisões sociais. É um local em que se pode estar em constante contacto com o exterior, pois apresenta uma agradável envolvência com a natureza. Sendo considerado um espaço bastante aberto e desafogado, consegue-se usufruir de um ambiente natural e campestre podendo proporcionar agradáveis momentos de convívio, nesta zona privilegiada do barrocal algarvio.

Espaço de intervenção



Figura 66 – Fotos do interior e exterior da casa Estalagem da cegonha, Quinta do Lago

Fonte: Fotografado por Bárbara Piedade (2022)

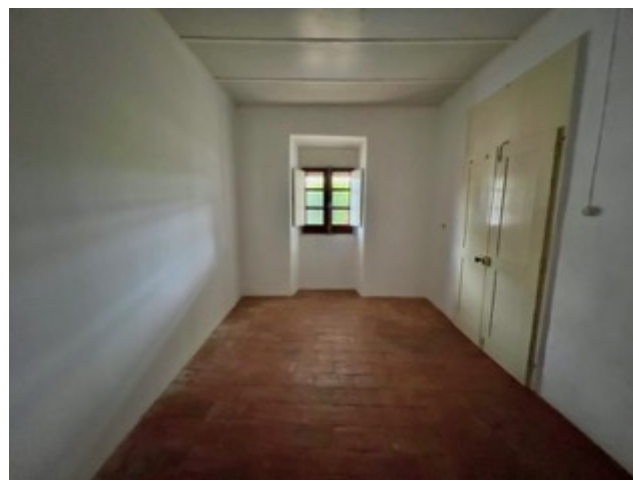


Figura 67 – Quarto 1

Fonte: Fotografado por Bárbara Piedade (2022)



Figura 69 – Quarto 2

Fonte: Fotografado por Bárbara Piedade (2022)



Figura 68– Instalação sanitária

Fonte: Fotografado por Bárbara Piedade (2022)



Figura 71 – Cozinha

Fonte: Fotografado por Bárbara Piedade (2022)



Figura 70– Espaço de ligação entre a cozinha e a casa

Fonte: Fotografado por Bárbara Piedade (2022)

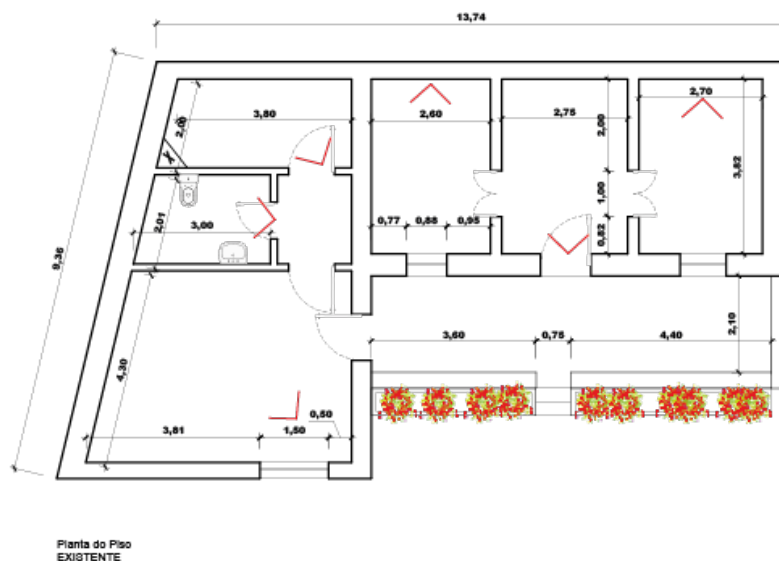


Figura 72 – Identificação em planta do levantamento fotográfico com ângulo de visão.

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)

8.2 Problemática, Necessidades e Objetivos

Atendo à temática do presente trabalho de projeto, que se debruça sobre o conforto no contexto de habitação rural do Barrocal Algarvio, a proposta de Design de interiores pretende cumprir o objetivo de adaptar a habitação, às necessidade e exigências atuais do agregado familiar que irá habitar no espaço, tendo em vista o propósito da habitação, podendo ser uma casa de uso temporário, ou de férias.

É essencialmente procurar preservar, sempre que possível, a estrutura da habitação e os elementos caracterizantes da mesma. Isto deve-se ao facto de não só preservar a memória e o valor simbólico da habitação para os seus habitantes.

Para a realização de um projeto de design de interiores, é fundamental conhecer os interesses dos possíveis utilizadores, de forma a projetar espaços adequados a cada um deles. Para além do estudo feito anteriormente e das bases de conhecimento arrecadados na primeira parte desta tese de mestrado, foi necessário fazer uma análise coletiva dos vários pontos fortes e fracos do espaço em questão, assim como ter um melhor entendimento dos objetivos, necessidades e interesses que um utilizador gostaria de ter

num espaço habitacional. Com a base na pesquisa desenvolvida até então, realizou-se uma análise SOWT da habitação tipicamente algarvia.

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> - Ótima localização; - Espaço bastante calmo e campestre; - Direcionada para Sul, sempre com luz natural e uma temperatura agradável; - Clima ameno; - Espaço tipicamente algarvio; 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço antiquado e mal aproveitado; - Divisões muito pequenas, principalmente os quartos; - Cozinha e casa de banho encontram-se no exterior da casa;
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> - Valorização das arcadas enquanto elementos arquitetónicos de destaque , como as janelas e porta; - Aproveitamento do pavimento de origem (ladrilho de Santa catarina); - Aproveitar a zona exterior, local onde está localiza a casa de banho e a cozinha para que contém um ótimo espaço para ampliar as divisões da casa; 	<ul style="list-style-type: none"> - Escolha de revestimentos que possam ser considerados desadequados à normal utilização do espaço; - Localização campestre distanciando-se da cidade; Local onde os meios de transporte pouco acessíveis;

Figura 73 - Esquema de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças

Programas de necessidades

No programa de necessidades é feita uma avaliação funcional, de oportunidades e condicionantes do espaço. Para além disso, o programa deve articular quais os ambientes, características, objetivos e funcionalidades que devem ser agregadas ao espaço a fim de o melhorar. O programa de necessidades consta da identificação, análise e registo das necessidades e objetivos dos possíveis utilizadores, o que servirá de referência para avaliação das soluções de projeto nas etapas posteriores.

Ambiente	Atividades	Mobiliário/ Equipamentos	Cores	Área Total
Espaço de socialização	Convívio; Ver televisão;	Sofá; Tv; Mesa de centro; Mesa de apoio; Elementos decorativos	Branco; Cores neutras; madeira	21,40 m ²
Cozinha	Cozinhar; Armazenar; Preparação de alimentos;	Mobiliário; Eletrodomésticos;	Branco; cinzento;	11,30 m ²
Casa de Banho Social	Tarefas higiénicas;	Mobiliário; Elementos: Loiça sanitária e chuveiro;	Branco e cores neutras:	6,50 m ²
Quarto 1	Dormir; Descansar; ver TV e Ler;	Cama; Mesas de apoio; Roupeiro; mobiliário;	Branco , cinzento e cores neutras;	18,30 m ²
Quarto 2	Dormir; Descansar; Ler;	Cama; Mesas de apoio; Roupeiro; mobiliário;	Branco e tons neutros;	10,30 m ²
Hall de entrada e corredores	Local de passagem; Comunicação entre espaços;	Espelho; Cabide; Ripas de madeira lacada para o hall de entrada;	Cores suaves-branco;	5 m ²

Figura 74 – A Programa de Necessidades

Todas estas etapas auxiliam na escolha de elementos a introduzir no espaço em questão. De acordo com a presente investigação, é fundamental conhecer tanto o espaço como pensar nos próximos utilizadores da habitação, introduzindo assim elementos tipicamente algarvios com a interiorização do contemporâneo no projeto desenvolvido.

Conceito

De acordo com as etapas realizadas anteriormente, desde a caracterização do espaço a ser trabalhado, as problemáticas, as necessidades e interesses dos utilizadores, houve a criação de inúmeras opções e ideias para cada ambiente. Nesta etapa, é frequente a técnica de apresentação de *moodboards* com ideais e inspirações para cada divisão, daí ser uma ferramenta muito importante para o trabalho enquanto designer de interiores.

O projeto aqui desenvolvido tem uma forte ligação com o campo, a tradição algarvia ao nível dos elementos decorativos e arquitetónicos, assim como a essência da mistura da tradição com a contemporaneidade.

O objetivo é que seja criado um espaço agradável e acolhedor, que se adapte a todos os futuros utilizadores, que variam desde os mais jovens aos mais idosos, dando grande importância à sua envolvência com o campo e com a natureza, tornando-se um espaço que transporta sentimentos de calma, paz, tranquilidade, jovialidade e tradição, pois pretende-se criar uma interação envolvendo os elementos naturais na criação do conceito do projeto.

O projeto aqui desenvolvido visa a criação de um conceito baseado na preservação e na valorização de alguns elementos que a habitação já apresenta, desde a sua origem, como é o caso das janelas e do chão que representam parte da identidade da habitação, e conseguir conjuga-los com a atualidade. Irão ser utilizados elementos e cores que transmitem os valores e sentimentos pretendidos, sem ser necessária a utilização de elementos decorativos excessivos e ornamentais, prevalecendo o estilo minimalista e contemporâneo.

Painel de Ideias

A elaboração do painel de ideias tem como objetivo apresentar algumas opções de solução para o projeto a ser desenvolvido, em geral e para cada divisão em particular.

No projeto em questão, procurou-se criar ambientes neutros, funcionais e tradicionais, que agradassem aos utilizadores da casa. Neste caso, a intenção é criar ambientes simples, modernos e tranquilos, utilizando cores neutras e padrões simples. A ideia é utilizar cuidadosamente alguns elementos antigos da casa e torná-los mais atuais, valorizando-os e deixando-os mais visíveis .

Sala de estar



Cozinha



Casa de Banho Social



Quartos



8.3 Memória descritiva e justificativa

Introdução

O presente projeto, no seguimento da componente teórica exposta, desenvolve-se em São Brás de Alportel, pertencente ao distrito de Faro, no Algarve, Sul de Portugal. Neste âmbito, é apresentada uma abordagem ao Design de Interiores que propõem adaptar uma habitação unifamiliar antiga às condições e exigências atuais, mais especificamente aquelas que se enquadram nas noções de o máximo conforto aos utilizadores.

Medições

A dimensões relativas a este projeto, são as seguintes:

- Área total do terreno180 m²
- Área bruta de construção67,80 m²
- Tipologia T2

ASPETOS CONSTRUTIVOS GERAIS

O presente projeto determinou a opção por materiais, soluções construtivas e funcionais que pretendem responder à solução de projeto de design de interiores, determinadas pela própria designer e projetista. Procurando atender-se à pré-existência construída e adaptá-la, tendo em conta os objetivos e necessidades exigidas. De seguida, vamos abordar quais os materiais utilizados, na cobertura, paredes, tetos, pavimentos e caixilharias

Cobertura

A cobertura será composta pela típica telha cerâmica Santa Catarina da ref.^a 701 (Terracota do Algarve) de barro natural com cor avermelhada, com o peso de 1,6 kg, com o comprimento médio: de 415 mm, largura parte estreita: 150 mm, largura parte larga: aproximadamente 170 mm, cada peça possui um peso aproximadamente de 1 490g.

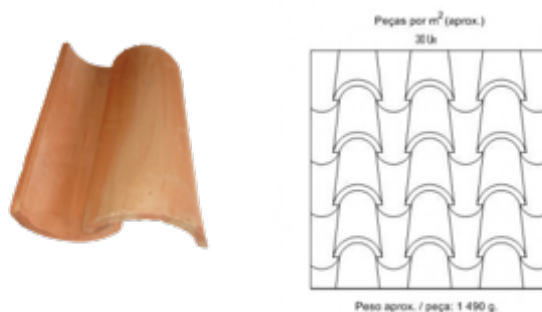


Figura 75 – Telha de Santa Catarina e esquema de disposição no telhado.

Fonte: Website Terracota do Algarve

Pavimentos

Os pavimentos interiores serão revestidos a ladrilho de Santa Catarina, utilizando o ladrilho original da casa, acrescentando apenas novos ladrilhos em três divisões na cozinha, casa de banho e no quarto maior. O produto será da loja Terracota do Algarve, com a Ref.^a 202 Ladrilho Santa Catarina em barro natural, a sua disposição é a que está na figura 76. E o pavimento da base de duche da instalação sanitária é em acabamento em micro-cimento afagada à colher cor cinza claro.

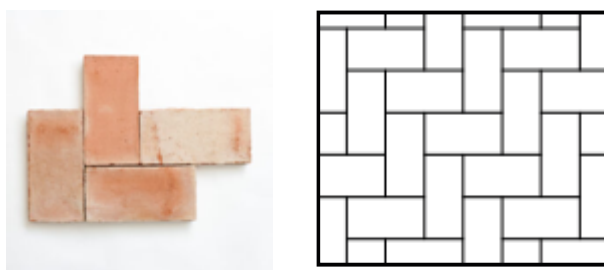


Figura 76 – Ladrilho de Santa Catarina e esquema da respetiva disposição no chão.

Fonte: Website Loja do Azulejo

Paredes

As fachadas exteriores, são construídas por paredes em alvenaria de pedra e adobe sem isolamento térmico e não rebocada, serão reforçadas quanto ao isolamento com capoto, que será permitida melhores condições de habilidade e conforto térmico no interior da habitação, contendo um reboco areado fino com acabamento areado, cor branca e azul nos rodapés e molduras.

As paredes interiores existentes, serão reforçadas quanto à sua construção, em casos específicos, contendo placas de gesso cartonado. As paredes são de reboco areado fino com acabamento fino, à colher de cor branca com tratamento anti fungos e humidades, ideal para todas as divisões comuns, desde cozinha, casas de banho, quartos e zonas de estar, RAL: NCS 0603-G80Y.

Na cozinha será aplicado um revestimento cerâmico, assumindo um carácter decorativo e prático a nível de limpeza, o material cerâmico utilizado é o azulejo azul e branco típico do Algarve com Ref.ª PA03, pintado 100% à mão por artistas portugueses, podemos o encontrar na loja Algarvia, Terracota do Algarve;

Nas instalações sanitárias, será aplicado um revestimento cerâmico vidrado no formato de escama 12.3x12x0.7 cm, Ref.ª E20 Loja do Azulejo, na tonalidade de turquoise green.



Figura 77 – Azulejo Algarvio azul e branco

Fonte: Website Terracota do Algarve



Figura 78– Azulejo no formato de escama turquoise green

Fonte: Website Loja do Azulejo

Tetos

Os tetos serão em ripado e/ou estucados, rebaixados por placas de gesso cartonado, fixadas a estrutura metálica ligeira em determinadas situações, com reboco areado fino com acabamento fino à colher, pintados com a tinta plástica cor branca com tratamento anti fungos e humidades, RAL: NCS S 0603-G80Y.

Caixilharias

A caixilharia exterior será em alumínio com corte térmico lacado à cor castanho (imitação de carvalho) e vidro duplo. As portas interiores serão de abrir do material de madeira com tonalidade branca, exceção da porta para o quarto mais pequeno, que será porta de correr de tonalidade branca.

Proposta

Devido ao estado degradado do edificado, dividido em compartimentos interiores de reduzidas dimensões. Criou-se uma proposta de intervenção que pretende a reabilitação do interior da casa, tendo em vista a adaptação dos espaços interiores. De maneira, a construir e adaptar divisões de maiores dimensões, que cumpram as necessidade e funcionalidade que o utilizador pretende, respeitando globalmente as normas consideradas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU).

Para a proposta do projeto idealizou-se um layout com as diversas zonas bem definidas (ver figura78). Quando o utilizador chega ao local terá um espaço de entrada que designamos de hall de entrada, no seu lado direito, encontramos a entrada para um dos quartos da habitação, considerado o quarto mais pequeno. De seguida, ainda no hall de entrada na direção da esquerda entramos, na sala de estar e na zona de refeições. Ao passar a ultima zona referida, temos a cozinha, ao lado da mesmo existe um corredor, que dá acesso à instalação sanitária social e a outro quarto, sendo este considerado o quarto principal com maior dimensão relativamente ao outro.

Um dos principais problemas era a má distribuição das divisões, contendo espaços de pouca dimensão, tornando-se uma casa pequena, procurando assim uma solução para este ponto, assim como utilizar reabilitar o local, pois o mesmo tinha muita degradação.

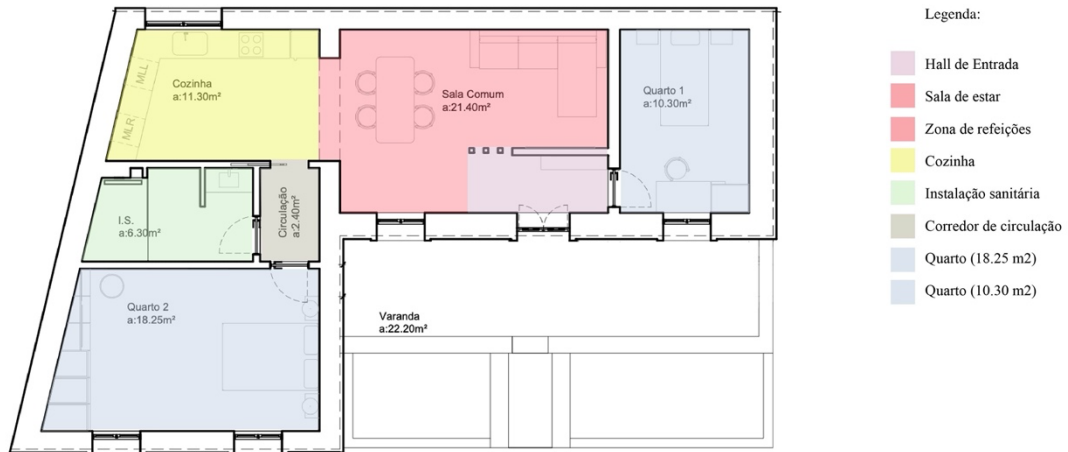


Figura 79 – Planta de zonas

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)

Na planta de alterações, denotam-se as alterações quanto à organização do espaço interior, referindo as seguintes alterações:

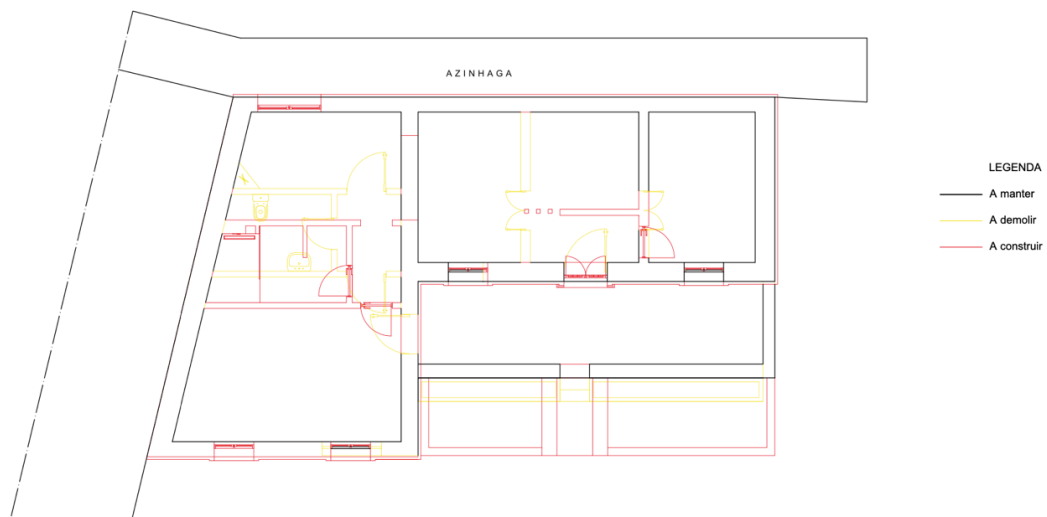


Figura 80 – Planta de alterações

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)

Eliminação e alteração de paredes interiores sinalizadas na planta de alterações, tem como o objetivo de promover espaços mais amplos, com uma maior fluidez quanto à circulação entre os espaços internos;

- Alterações das dimensões dos vãos das portas interiores, assim como das janelas, acrescentando uma janela no quarto de maior dimensão e outra janela na cozinha;

- A cozinha, quarto e a instalação sanitária mantiveram-se no mesmo local, antes estas tinham acesso apenas pelo exterior, agora tem acesso direto em toda a casa;

- Criação de um corredor, para uma acessibilidade interior mais coesa entre as divisões da sala, cozinha, casa de banho e quarto;

- Criação de uma zona de refeições dentro da sala de estar;

- Criação de um hall de entrada, com o objetivo de rececionar visitantes e oferecer funcionalidade para os que moram ali, este espaço ajuda a delimitar os cômodos, já que muitas vezes está diretamente associado às salas de estar

8.4 Renders

Para verificar se o layout definido, corresponde às questões ergonómicas e funcionais inerentes realizou-se um modelo digital do espaço com o auxílio de um *Software* para a criação dos modelos em 3D. Aos projetarmos os nossos projetos nestes softwares, permite-nos ter uma visão direta do resultado pretendido e o esclarecimento das ideias. Além disso permite-nos trabalhar o espaço como um todo, analisando as divisões, mobiliário e materiais. A figuras que se seguem apresentam os *renders* da proposta de projeto, deste modo é possível ter uma perceção do ambiente pretendido, visualizando como cada área ficará após a requalificação. Nas páginas seguintes, aconselho a visualizar as diversas plantas de cortes e as restantes plantas nos anexos, contendo uma informação mais detalhada.



Figura 81 - Recorte da planta de distribuição de mobiliário, simulação 3D

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 82– Render do alçado principal - exterior

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)

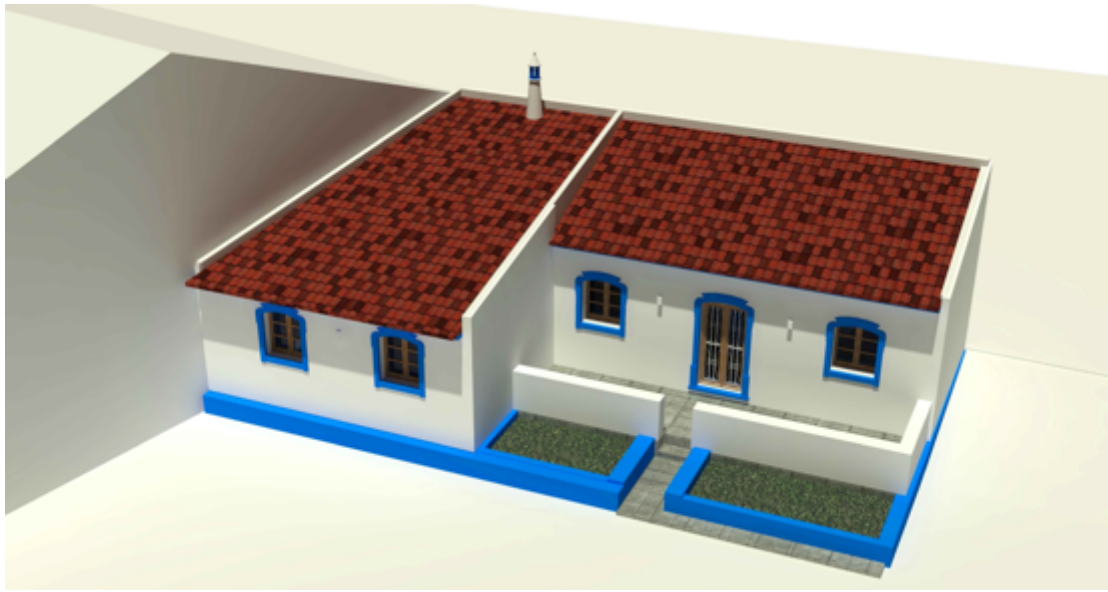


Figura 83– Render em perspectiva exterior
Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)

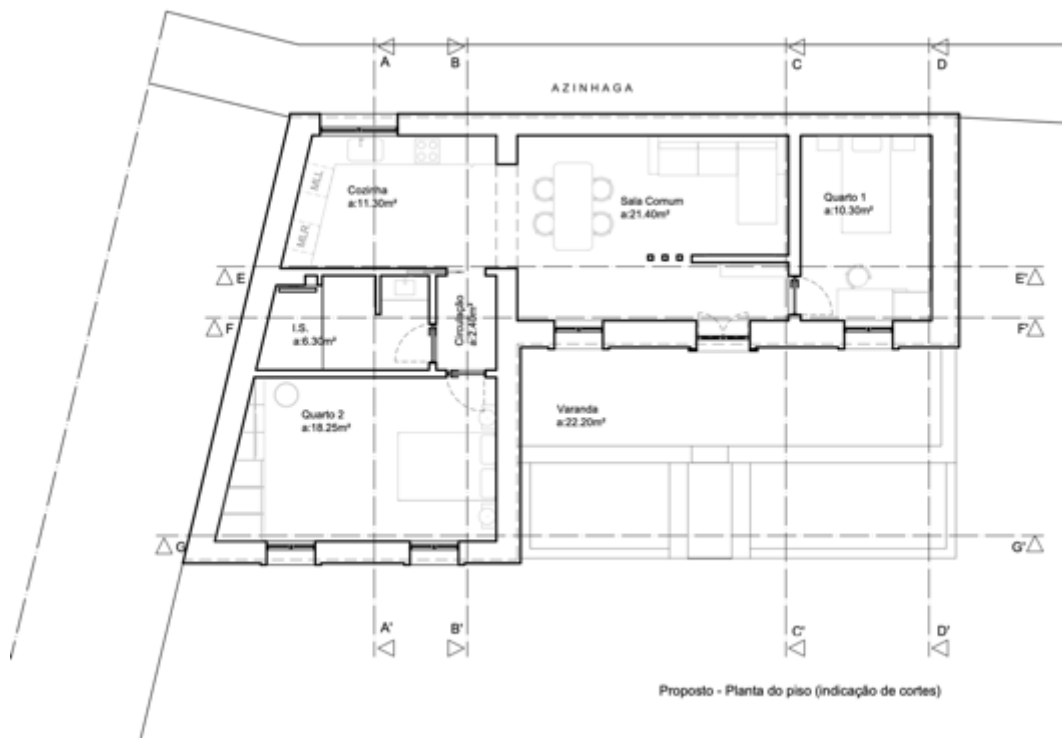


Figura 84 – Planta de piso (indicação de cortes)
Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 85 - Render do corte EE'

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 86 – Render do corte FF'

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 87 – Render do corte GG'
Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 88 87 – Render do hall de entrada

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 89 – Render da sala de estar e zona de refeições

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 90 – Render da sala de estar e zona de refeições

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



*Figura 91– Render, visão da cozinha para a sala de estar e hall de entrada
Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)*



Figura 92– Cozinha

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 93 – Render da instalação sanitária

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 94– Render do quarto (10.30 m²)

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)



Figura 95– Render do quarto (18.25 m²)

Fonte: Elaborado por Bárbara Piedade (2023)

Hall de entrada

Esta zona será o primeiro contacto do utilizador com o espaço interior, aqui vemos um espelho semicircular para dar mais ampliação ao espaço, conjugado com uma prateleira de madeira suspensa com a funcionalidade de servir como uma “mesa de apoio” para colocar os objetos básicos como as chaves, papeis e elementos decorativos. Em cima da mesma, temos um jaro rústico de tonalidade bege com a presença de uma folha de uma árvore muito conhecida no algarve, designada de oliveira. Para além destes elementos, temos os famosos e típicos candeeiros com o formato da chaminé algarvia, quis-se colocar estes elementos neste local com o objetivo de ligarmos o artesanato local e tradicional com o design contemporâneo implemento na habitação. Para além destes elementos aplicaram-se três ripas de madeira junto parede de gesso cartonado que contém todos esses objetos referidos.

Sala de estar

A sala de estar, destina-se ao convívio entre o utilizador e as visitas. No mesmo espaço da sala de estar temos a sala de refeições, que funcionam como um *open space* que permite a relação e o convívio entre um espaço e o outro. Neste local temos, a presença de um sofá *chaise longue* de material napa com tonalidade branca, uma televisão, e uma mesa de jantar acompanhada por 4 cadeiras de madeira com os assentos igualmente brancos, assim como um tapete de algodão simples. Houve a opção de utilizar materiais como a madeira e tonalidades brancas, para haver contraste entre os objetos e o chão, ficando uma área mais iluminada e viva. Aqui também se colocou um elemento artesanal muito comum da região, que são os chapéus de verga, achou-se interessante reaproveitá-los e coloca-los como uma peça de decoração na parede da sala de estar.

Cozinha

A cozinha organiza-se de uma forma simples e prática, contendo armários superiores e inferiores do material de madeira de tonalidade branca assim como um toque de madeira natural por de baixo os armários superiores, que se destinam à arrumação de alimentos e/ou utensílios de cozinha. Próximo do frigorífico temos a placa de indução, forno elétrico

e o exaustor; lava-louça e máquina de lavar louça embutida dentro do próprio armário ao pé do frigorífico; máquina de lavar roupa está igualmente embutida dentro do armário inferior, por de baixo da taça com as laranjas; zona de tratamento de roupa com máquina de lavar e secar de encastrar no armário inferior junto à máquina de café e das tábuas e dos utensílios de cozinha. O revestimento da bancada na cozinha é feito com silestone, um material que tem resistência, durabilidade e fácil de se limpar. A tonalidade escolhida vai ao encontro da paleta de cores selecionada para o presente projeto.

Na cozinha, será aplicado um revestimento cerâmico nas duas paredes que contém armários, assumindo um carácter decorativo e prático a nível de limpeza. O azulejo elegido para estas paredes, contém as típicas cores algarvias (azul e o branco Ref.^a PA03 Terracot do Algarve) sendo pintado 100% à mão por artistas portugueses.

Instalação sanitária

A instalação sanitária encontra-se acessível a todas as áreas, neste projeto só existe uma instalação. Deste modo, o lavatório apresenta-se logo à entrada do espaço, acompanhado de um lavatório de bancada retangular em mineral fundido PB2013 – branco fosco, Bernstein, com uma torneira cinza embutida na parede, e um armário de madeira com a função de armazenamento de toalhas e produtos de higiene. Na parede do lavatório, foi aplicado um espelho circular com leds embutidos e um revestimento cerâmico vidrado no formato de escama 12.3x12x0.7 cm Ref.^a E20 Loja do Azulejo, na tonalidade de *turquoise green*. Criou-se uma divisória entre o lavatório e a sanita (a uma parede em gesso cartonado) para dar alguma privacidade e de não debatermos logo com a sanita assim que entramos no espaço. Pavimento da base de duche é de micro-cimento, no chuveiro aplicaram-se prateleiras embutidas para organização de produtos de higiene, o material delas é resina textura de bambu nudespól, um material que imita bastante bem a madeira, resistente e duradouro, sendo ideal para zonas húmidas como chuveiros.

Quartos

O quarto de 10.30 m² devido às suas dimensões reduzidas, destina-se a albergar uma cama individual, com mesas de cabeceira de madeira nos seus cantos assim como a utilização de leves candeeiros de teto de cortiça com formas cilíndricas, quis-se utilizar aqui a cortiça porque é um dos materiais mais comuns e típicos da região do Algarve, inclusive em São Brás de Alportel (local onde está habitação em estudo) existe uma das maiores fábricas de cortiça do país e lá produzem diversos objetos de cortiça. Neste quarto, temos uma zona dedicada ao estudo e lazer, composto por uma mesa e uma cadeira. Na parede, assim como a sala de estar, foram colocados chapéus tradicionais de verga.

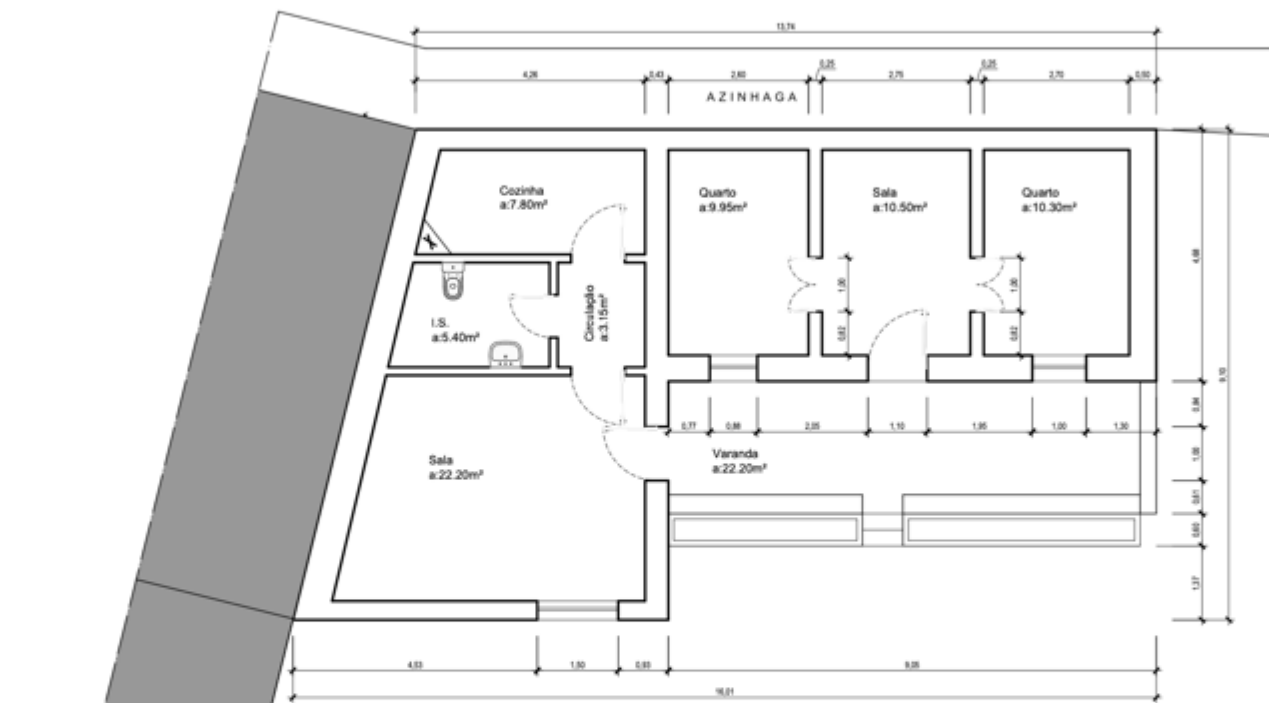
O quarto (18.25 m²) contém uma dimensão maior, o mesmo destina-se a um quarto de casal. Aqui temos uma cama de casal, com conjunto de cama branco e castanho, dois candeeiros de cortiça de forma cilíndrica arredondados; um armário branco, para arrumação de roupa e itens, com gavetas no meio exibindo uma linha moderna e minimalista que tem a funcionalidade de armazenamentos de itens e de mesa. Foi colocado também uns potes verdes tipicamente algarvios, que estavam na casa antes da reabilitação, os mesmos antigamente tinham a função de armazenar água, leite ou bebidas espirituais, tais o medronho, amarguinha, entre outras.

Exterior

Em relação ao seu exterior a habitação serão reforçadas quanto ao isolamento com capoto, que será permitida melhores condições de habilidade e conforto térmico no interior da habitação, contendo um reboco areado fino com acabamento areado, elegendo a cor branca e azul nos rodapés e molduras (pois são cores tradicionais do Algarve).

8.5 Desenhos técnicos

Para uma maior facilidade de colocar em prática o projeto de reabilitação proposto, foram desenvolvidas plantas gerais e as planta de cortes, assim como plantas com o tipo de materiais utilizados, mobiliários e iluminação a implementar, assim como a localização dos mesmos.



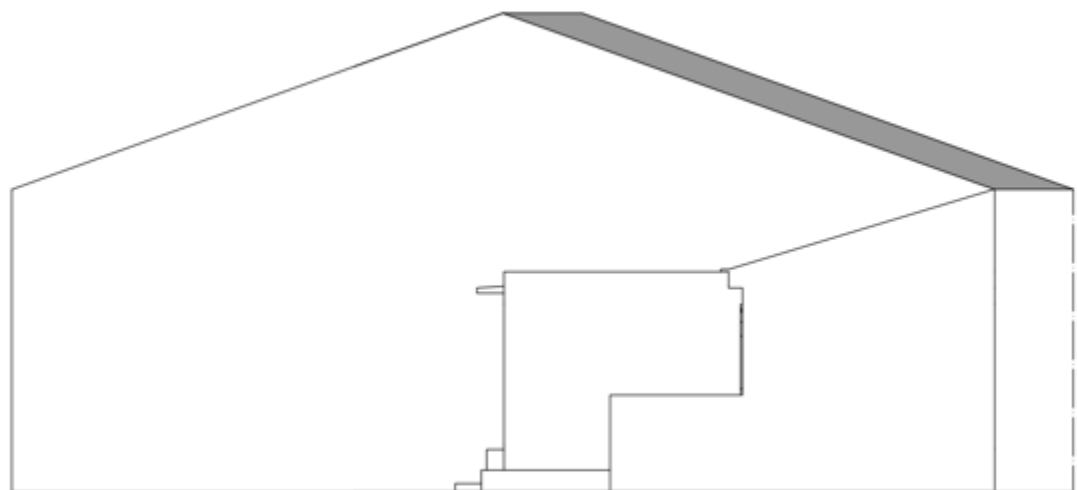
Existente - Planta do piso

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Existente - Planta do piso	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 1



Existente - Alçado Principal

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Existente - Alçado Principal	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 3



Existente - Alçado Lateral Direito



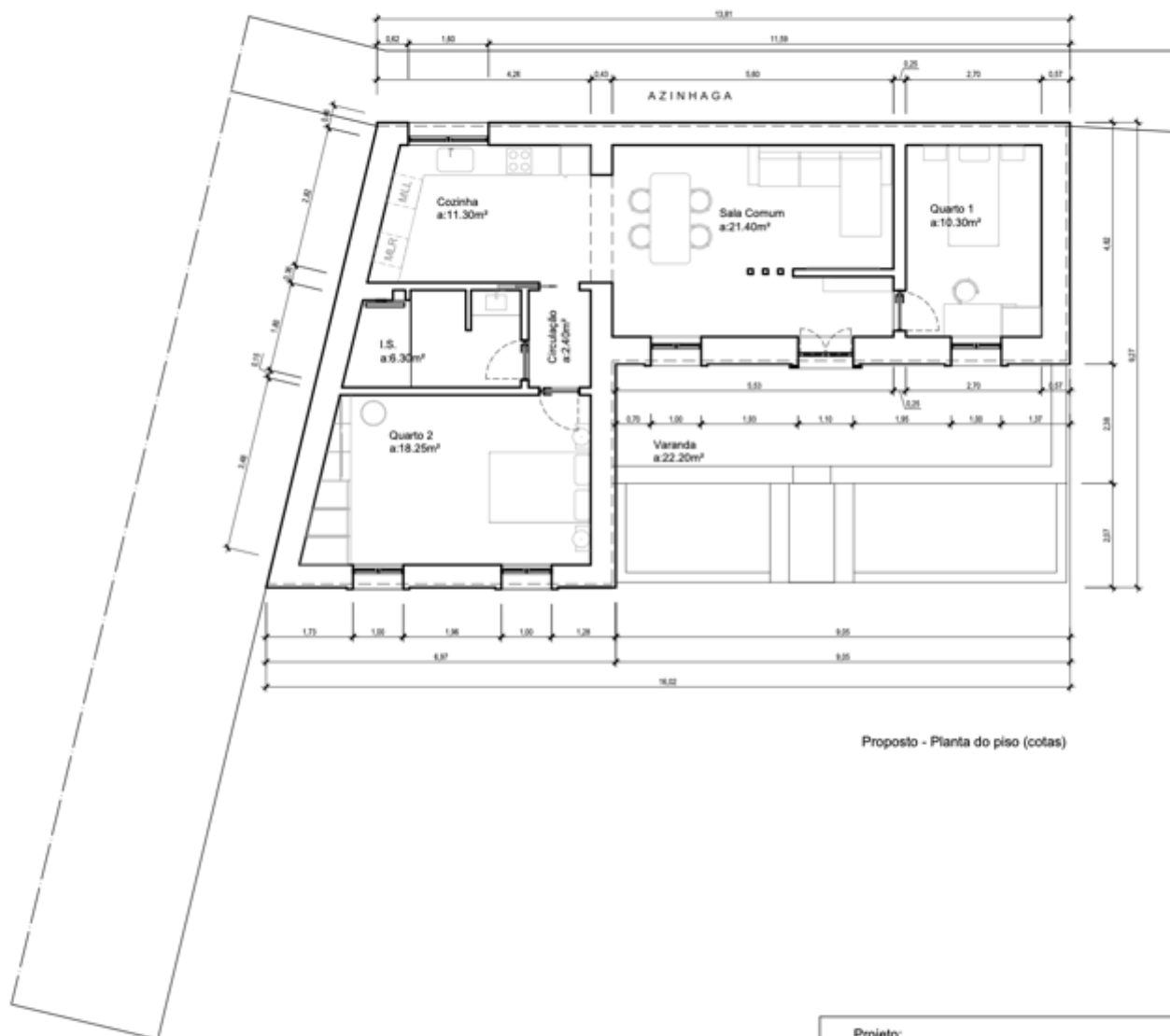
Existente - Alçado Posterior

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Existente - Alçado Lateral Direito e Posterior	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 4



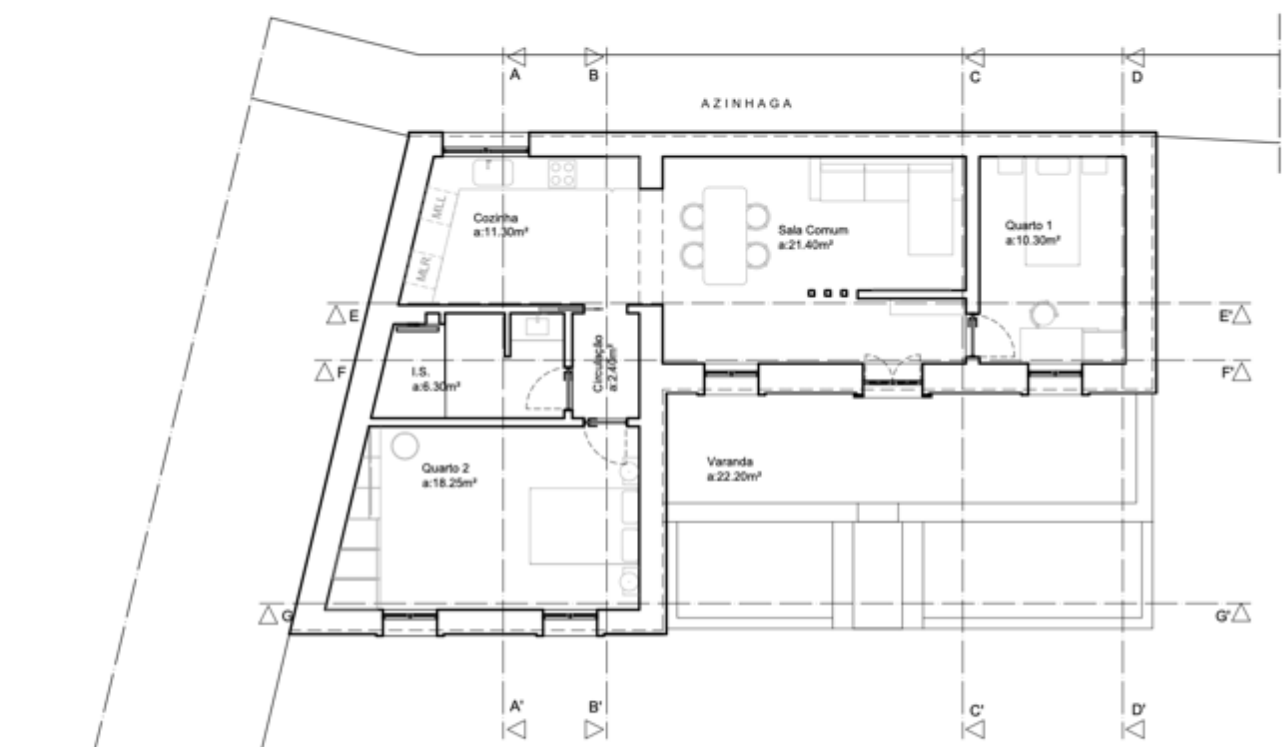
Proposto - Planta do piso (apresentação)

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Planta do piso (apresentação)	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 5



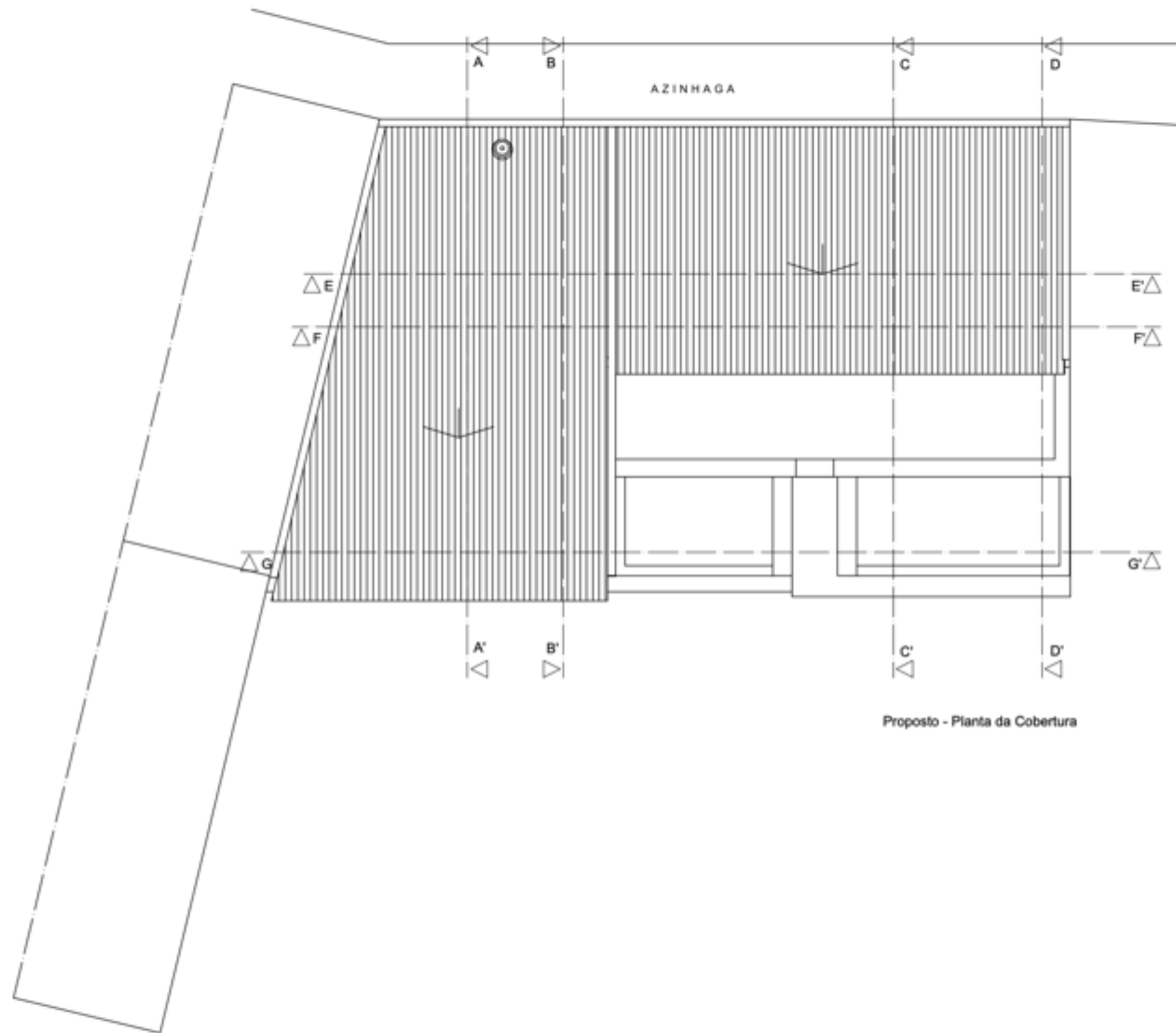
Proposto - Planta do piso (cotas)

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Planta do piso (cotas)	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 6

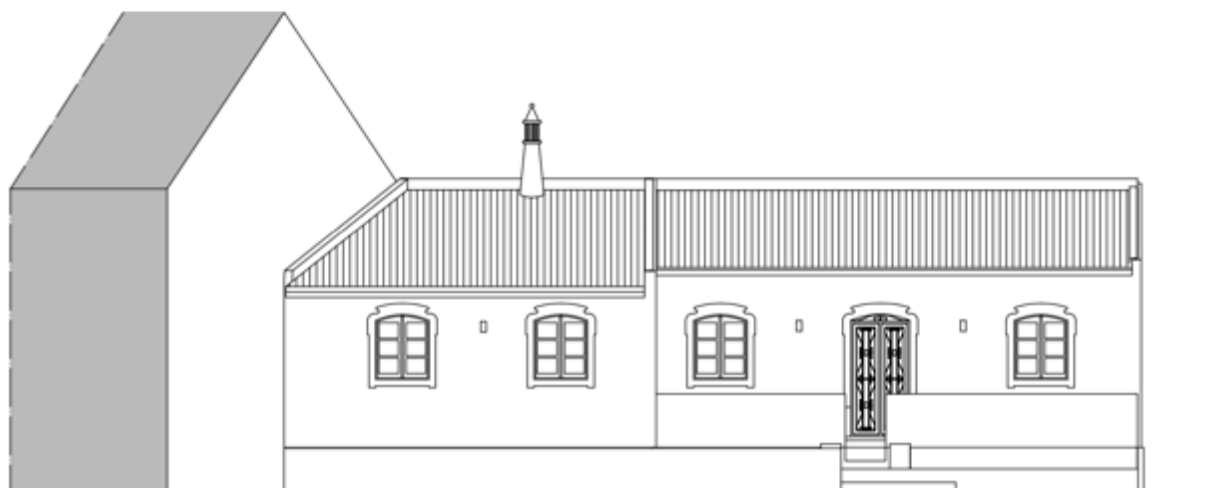


Proposto - Planta do piso (indicação de cortes)

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Planta do piso (indicação de cortes)	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 7

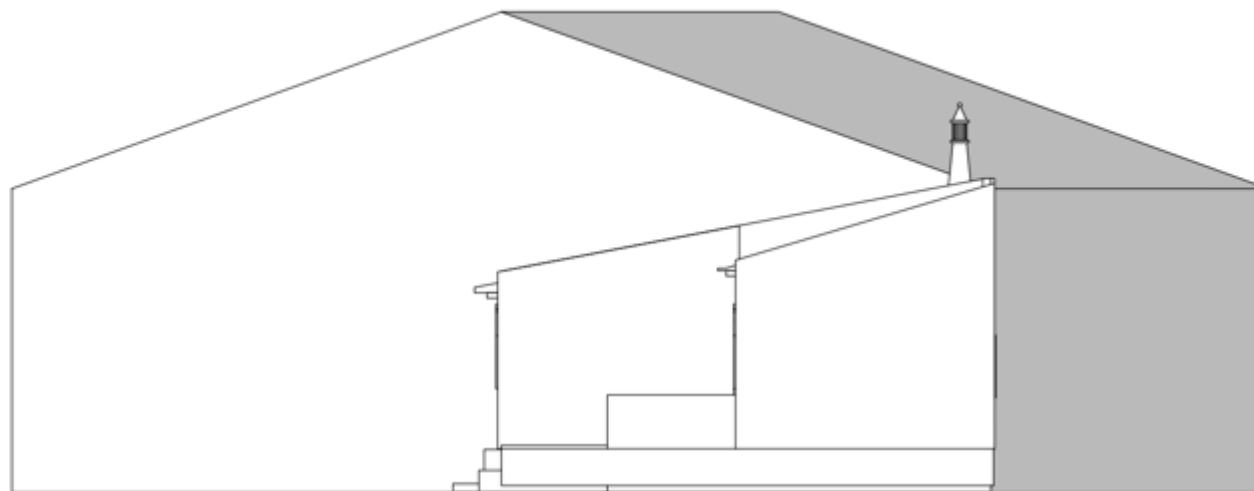


Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Planta da Cobertura	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 8

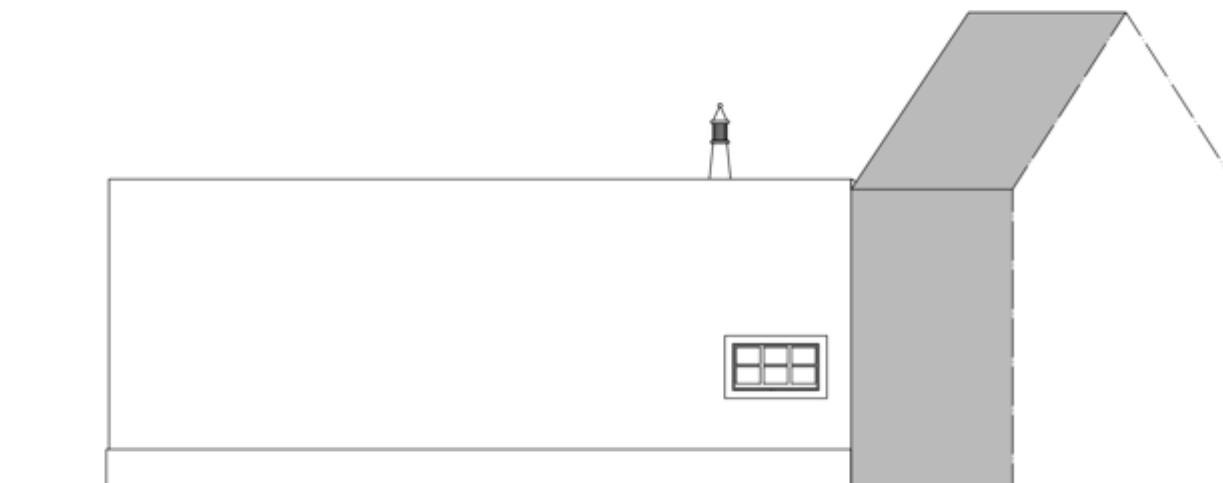


Proposto - Alçado Principal

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Alçado Principal	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 9



Proposto - Alçado Lateral Direito



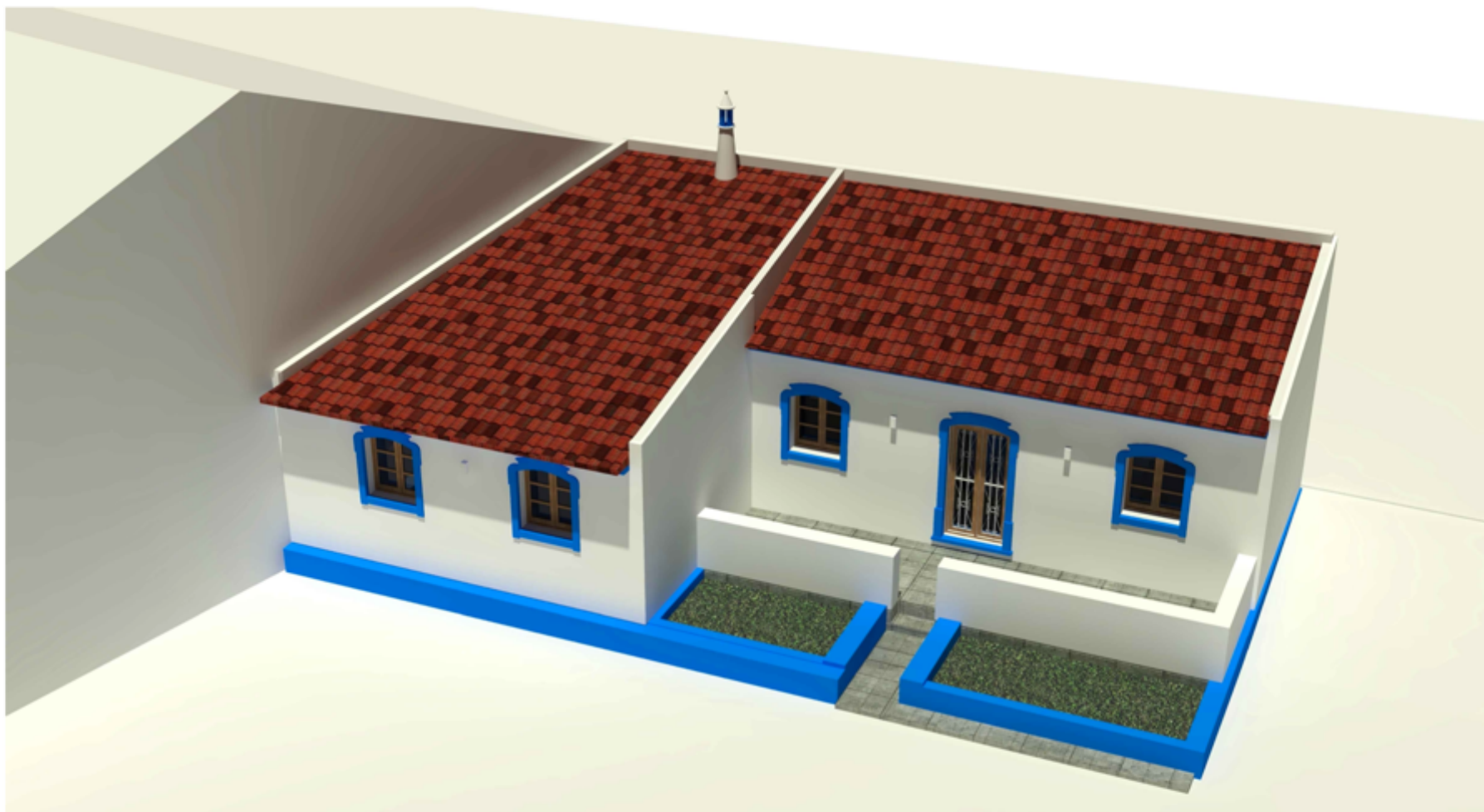
Proposto - Alçado Posterior

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Alçado Lateral Direito e Posterior	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 10



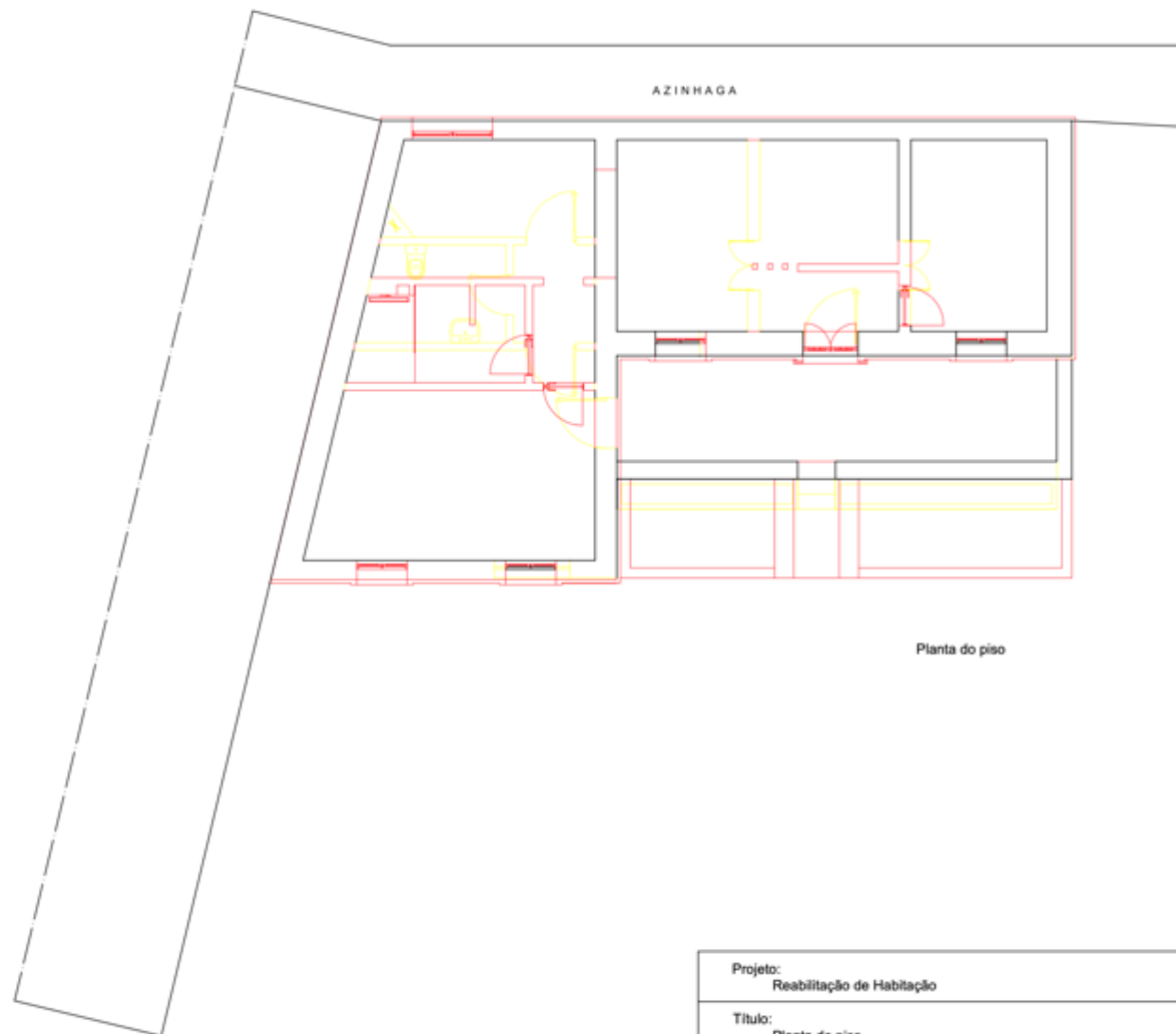
Proposto - Alçado Principal (acabamentos e cores)

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Alçado Principal (cores e acabamentos)	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 11



Proposto - Perspectiva exterior

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Perspectiva exterior	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 12

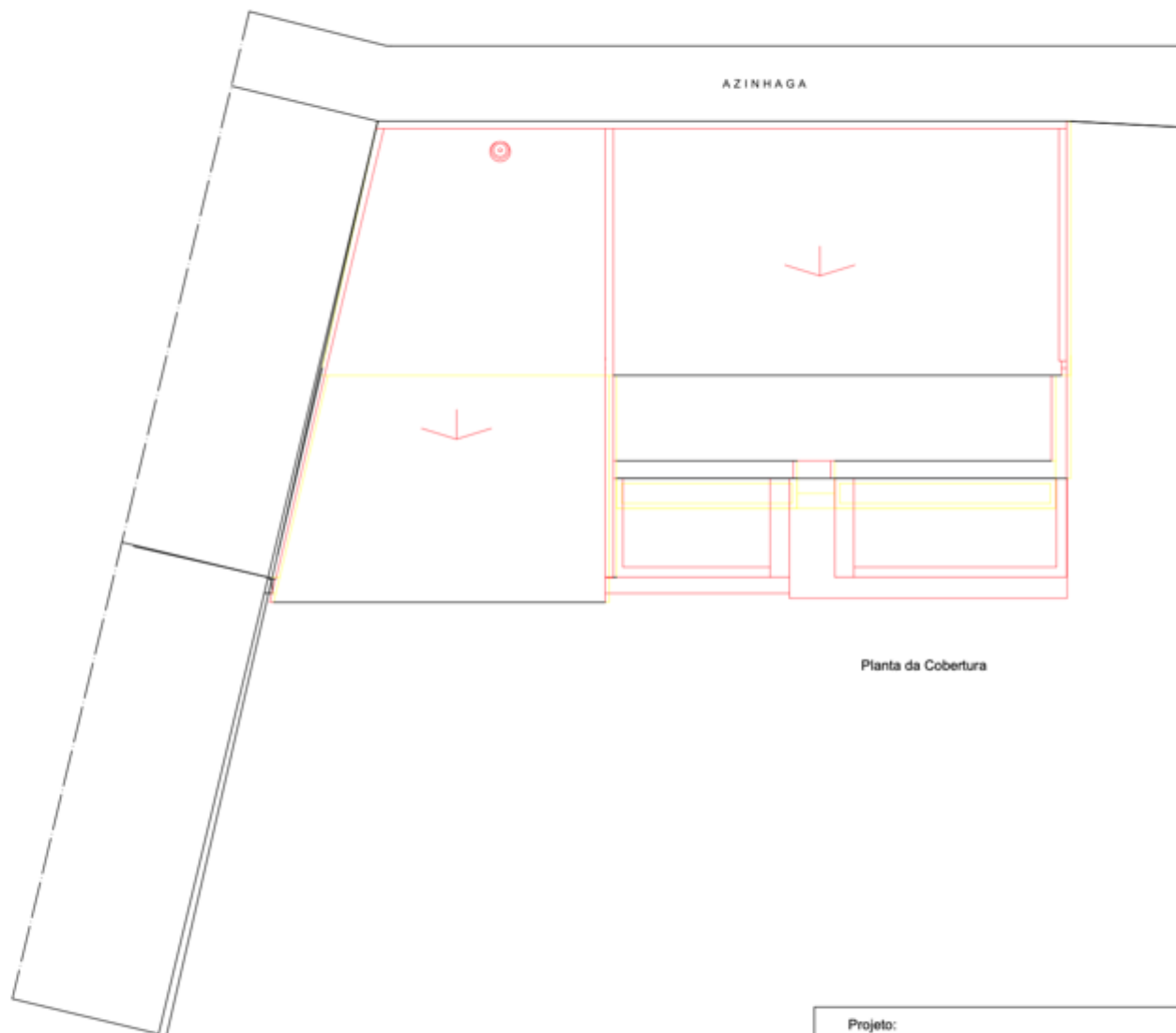


Planta do piso

LEGENDA

- A manter
- A demolir
- A construir

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Planta do piso	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 13



- LEGENDA
- A manter
 - A demolir
 - A construir

Planta da Cobertura

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Planta da Cobertura	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça:

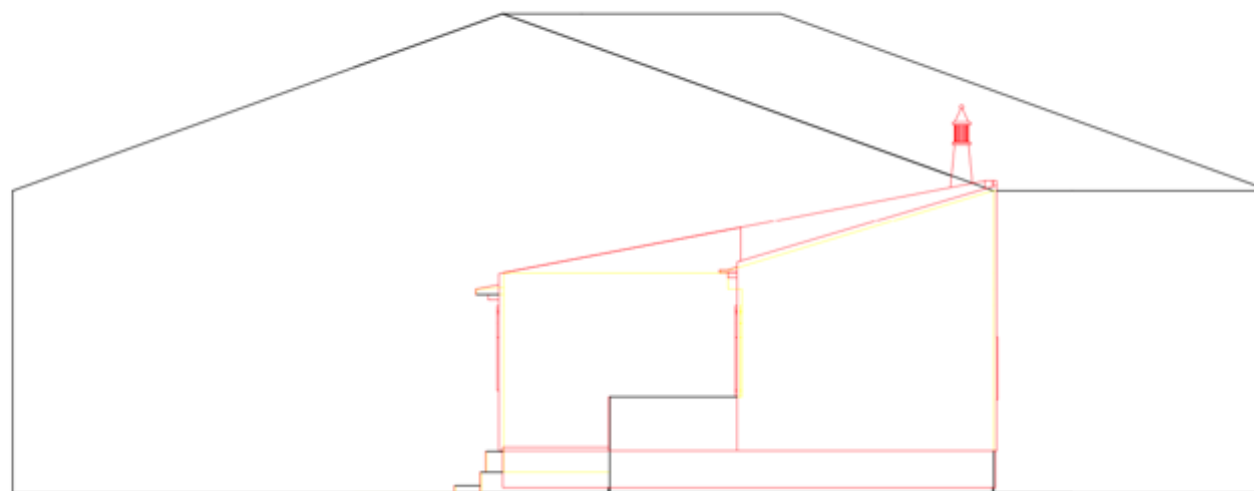


LEGENDA

- A manter
- A demolir
- A construir

Alçado Principal

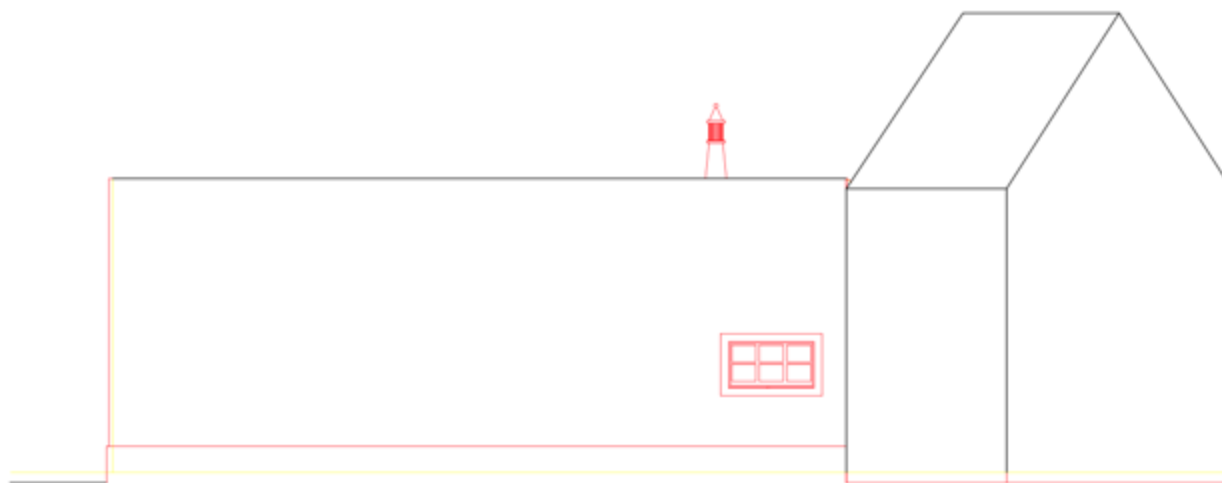
Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Alçado Principal	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça:



- LEGENDA
- A manter
 - A demolir
 - A construir

Alçado Lateral Direito

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Alçado Lateral Direito	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 16

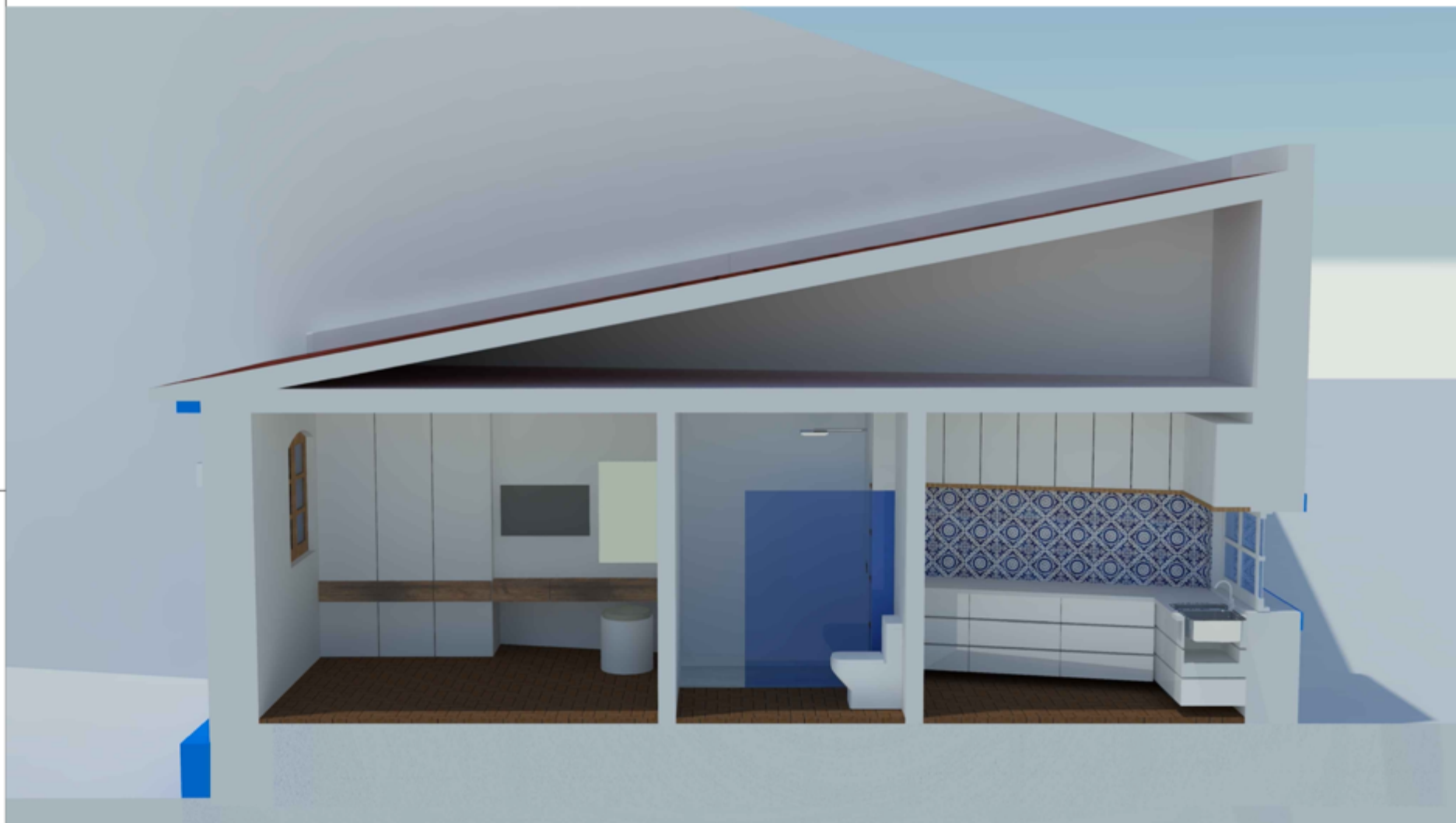


Alçado Posterior

LEGENDA

- A manter
- A demolir
- A construir

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Alçado Posterior	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça:



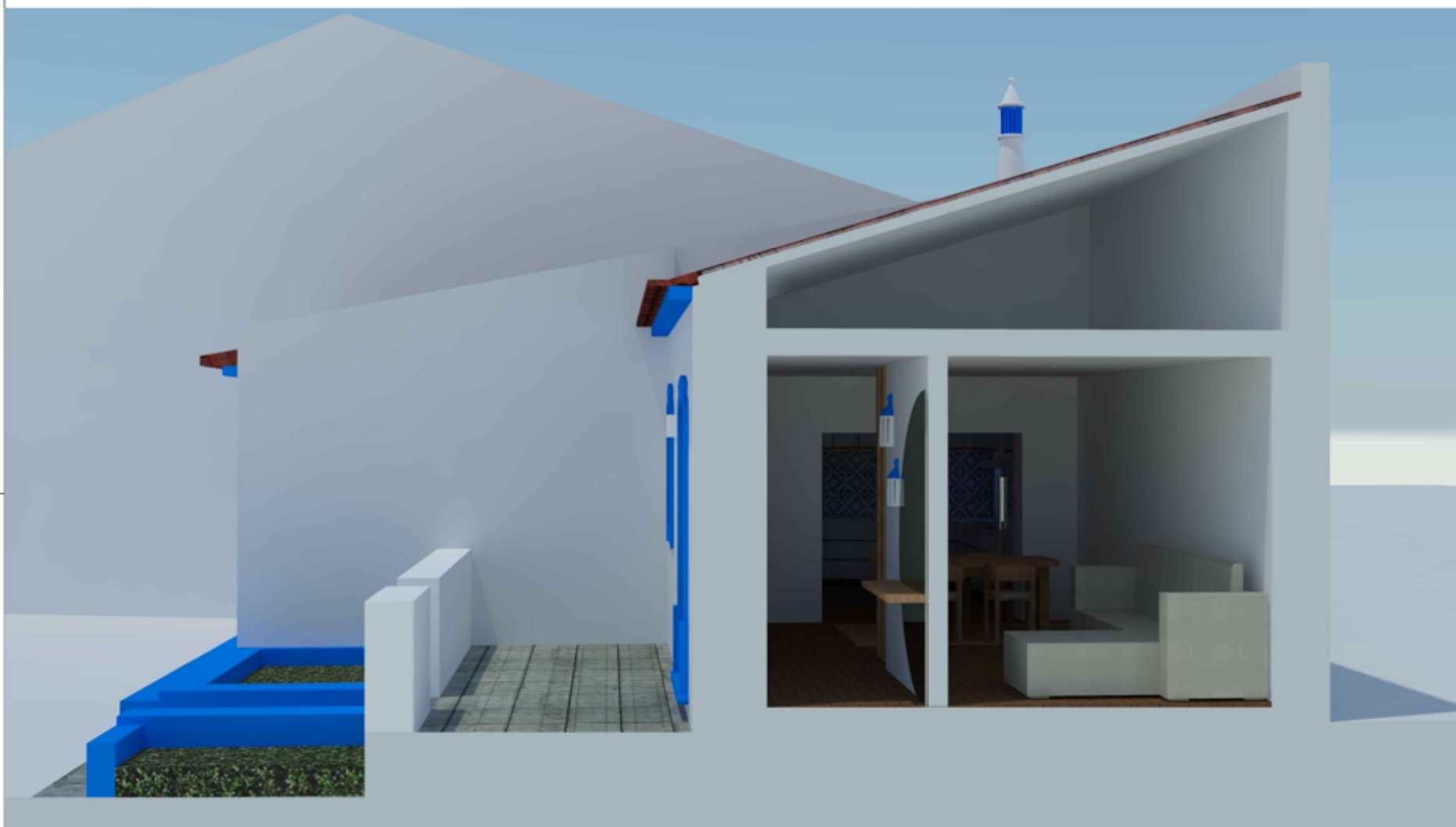
Proposto - Corte AA'

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte AA'	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 18



Proposto - Corte BB'

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte BB'	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 19



Proposto - Corte CC'

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte CC'	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 20



Proposto - Corte DD'

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte DD'	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 21



Proposto - Corte EE'

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte EE'	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 22



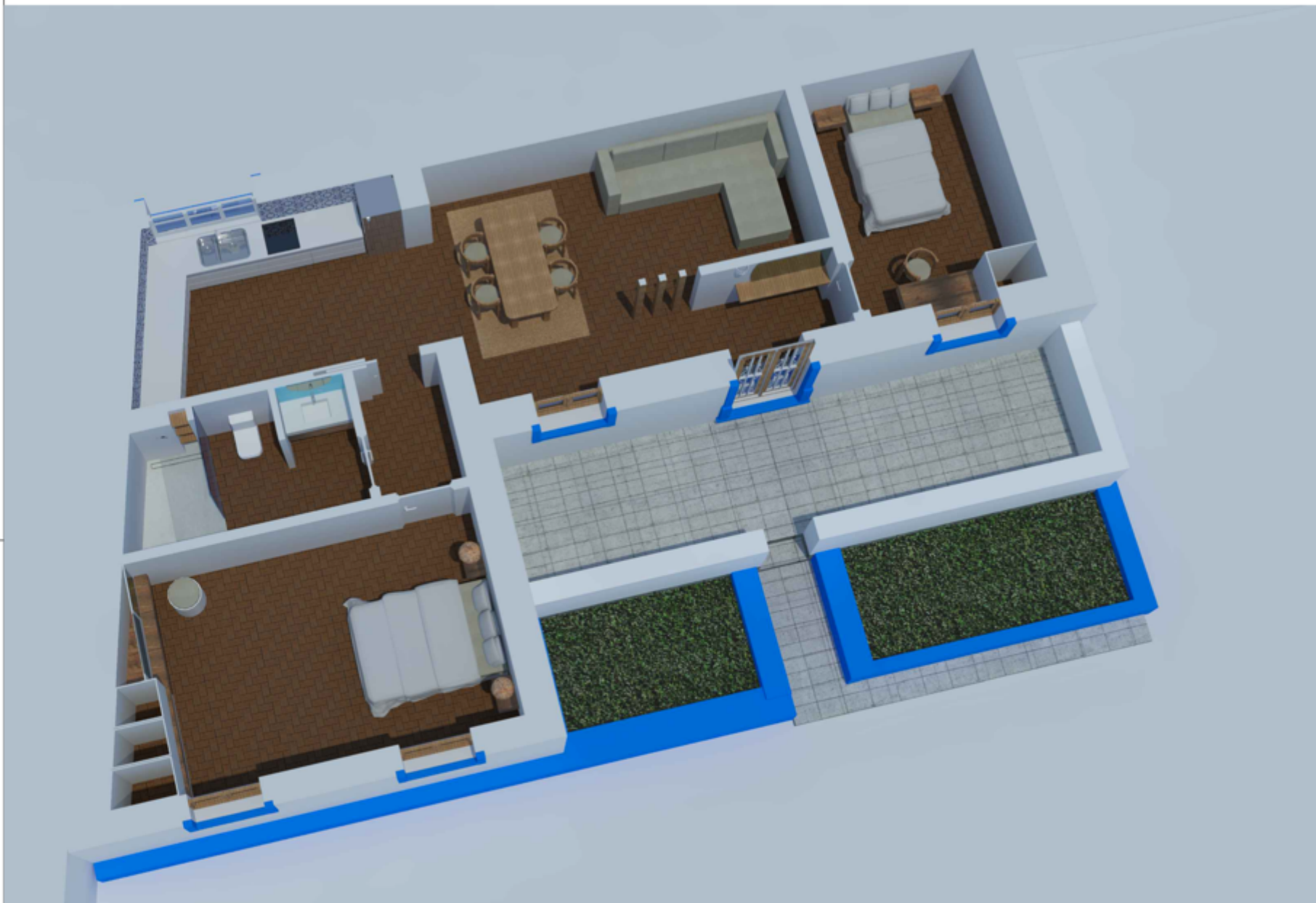
Proposto - Corte FF'

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte FF'	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 23



Proposto - Corte GG'

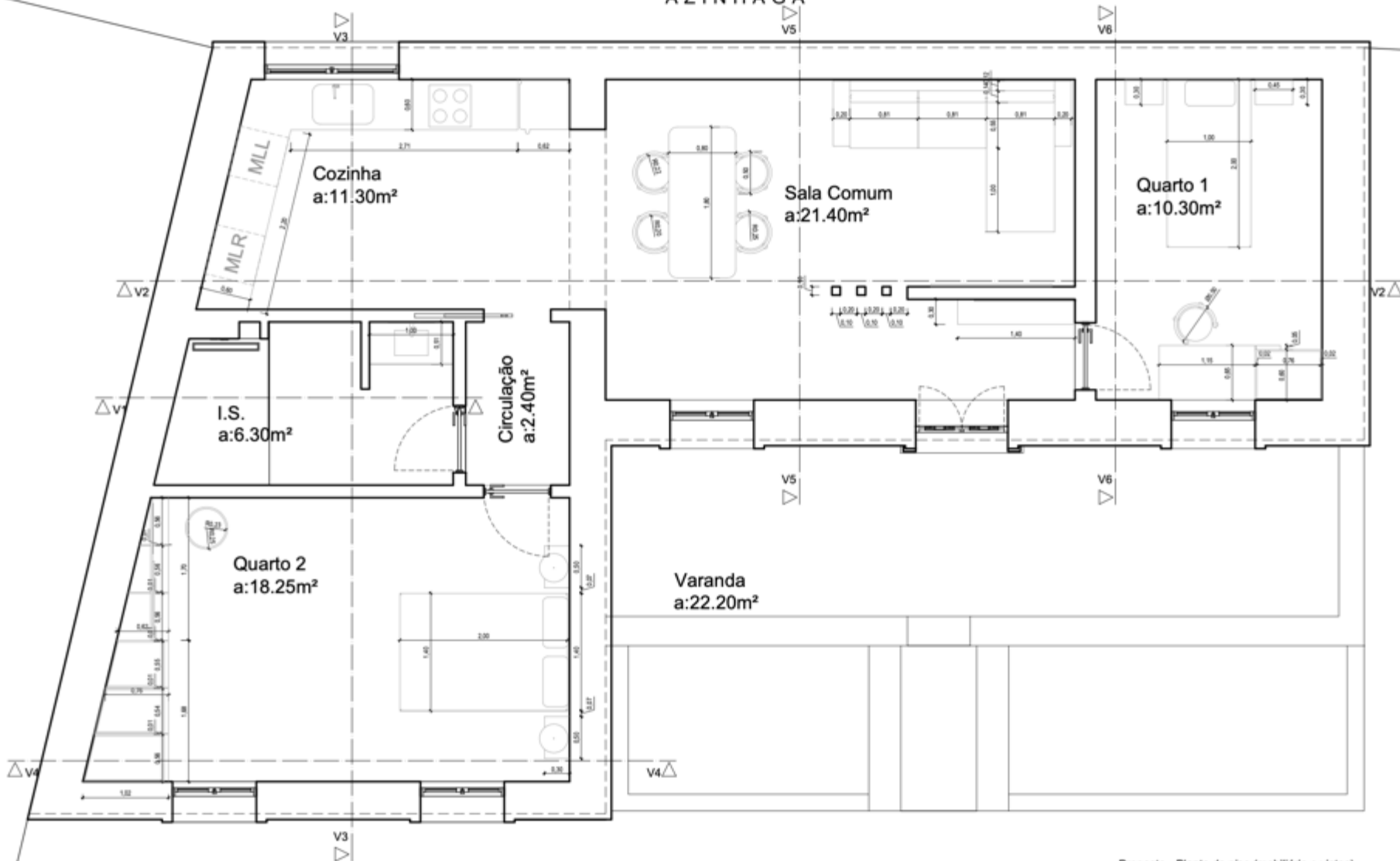
Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte GG'	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 24



Proposto - Corte / Perspectiva

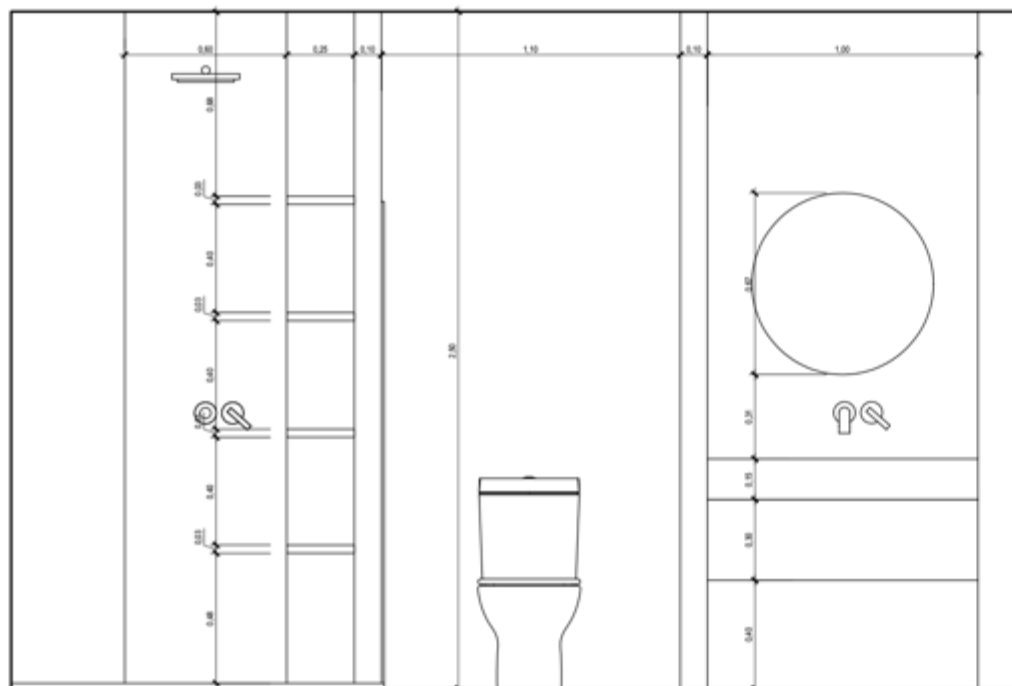
Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: S/E
Título: Proposto - Corte / Perspectiva	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 25

AZINHAGA

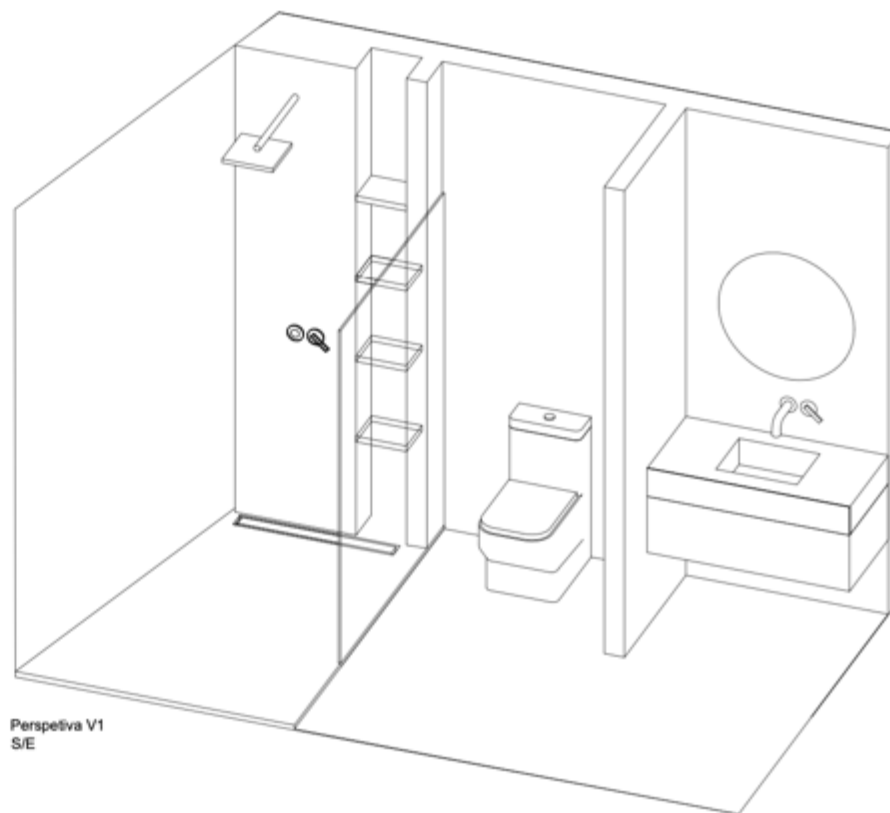


Proposto - Planta do piso (mobiliário e vistas)

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/50
Título: Proposto - Planta do piso (mobiliário e vistas)	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 26

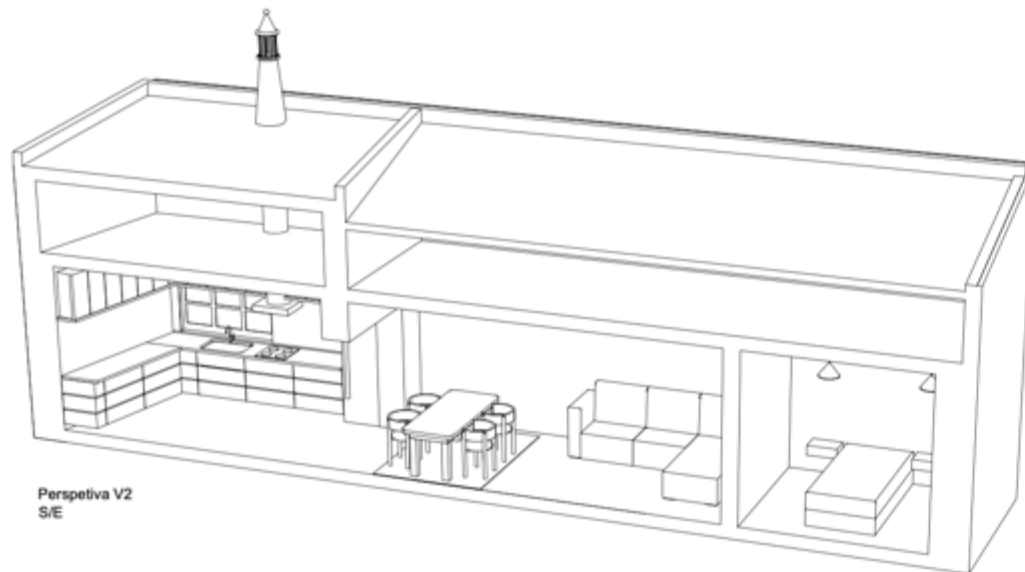
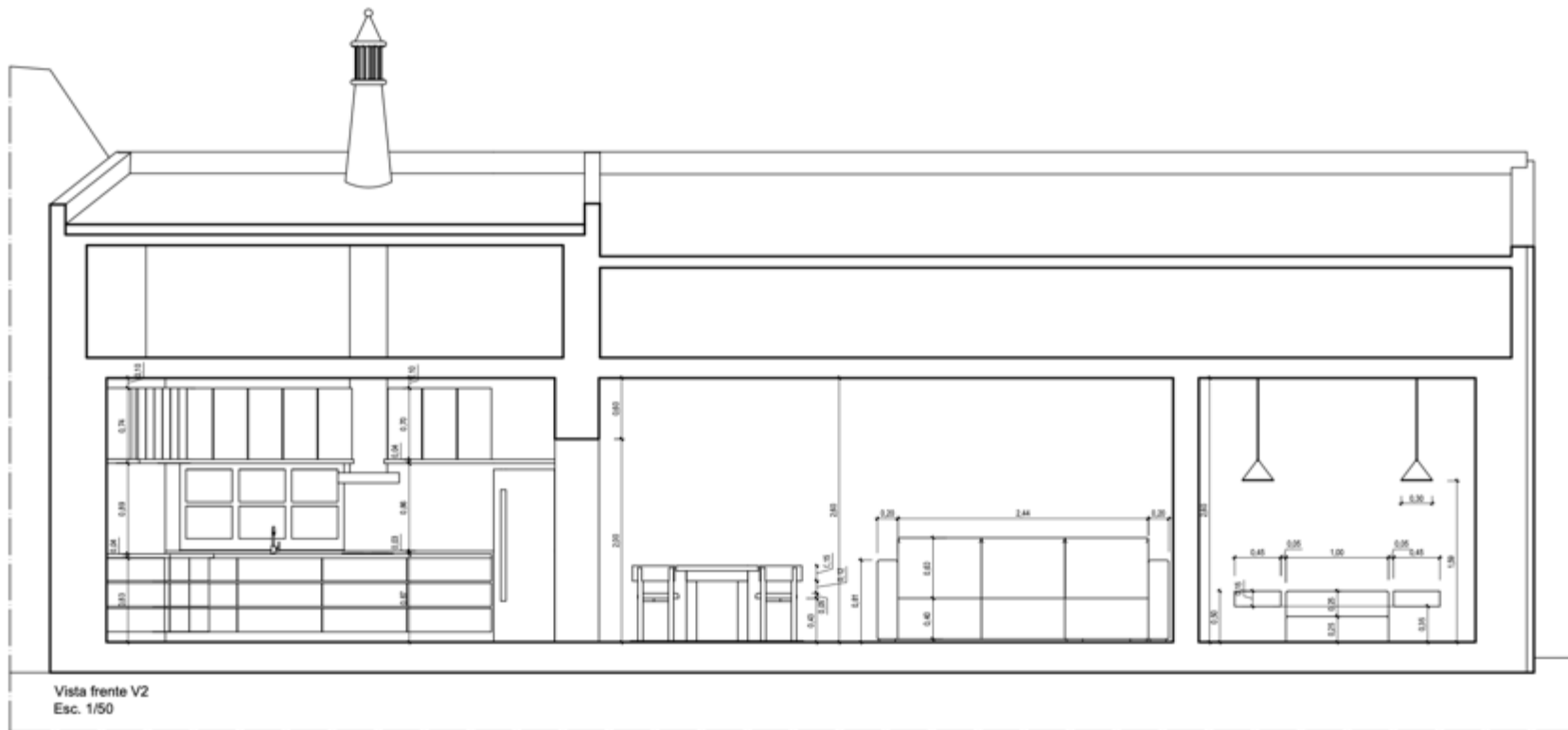


Vista frente V1
Esc. 1/20

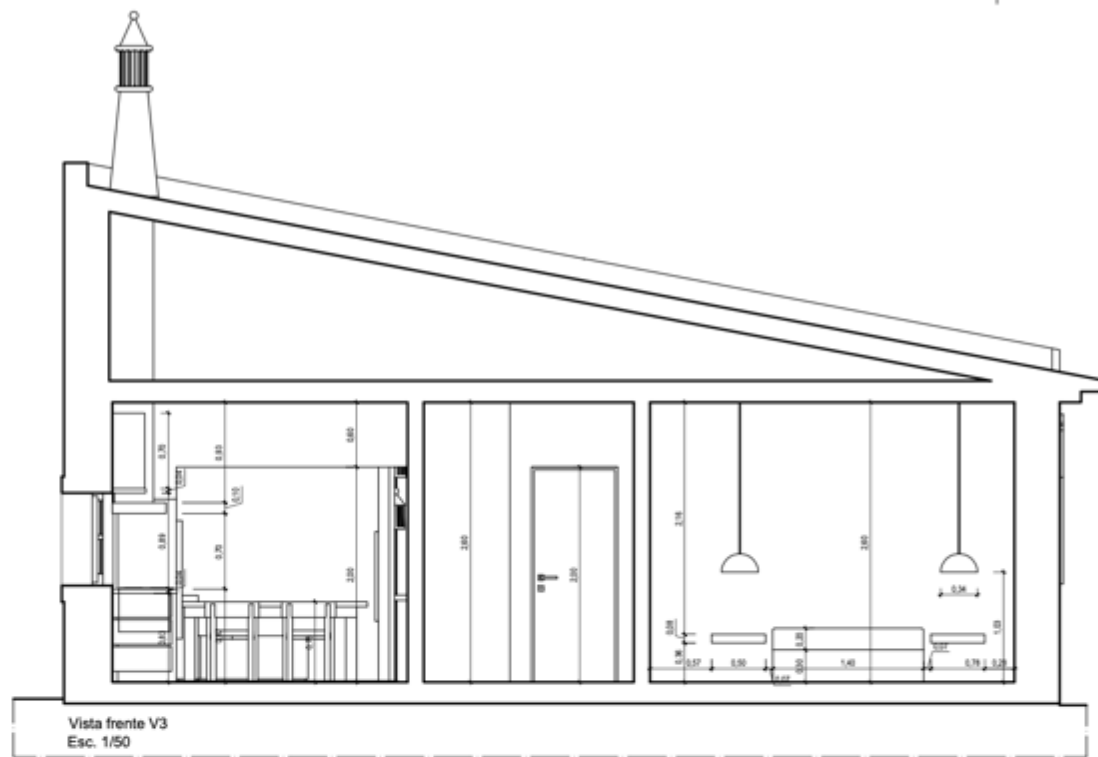


Perspetiva V1
S/E

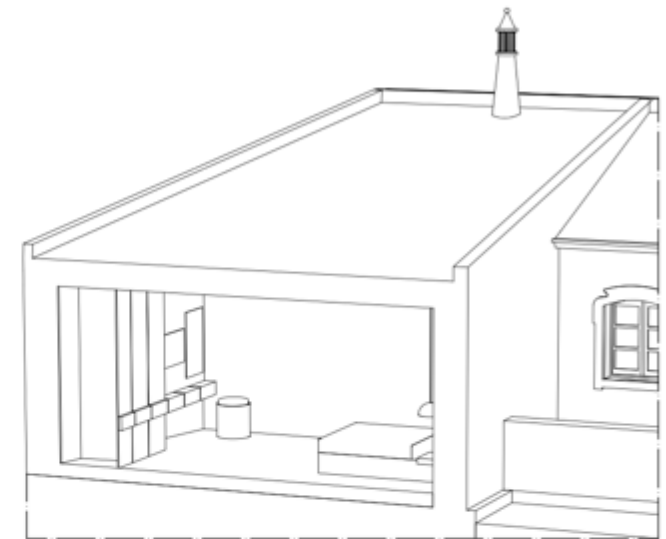
Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/50
Título: Proposto - Vista e perspetiva V1	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 27



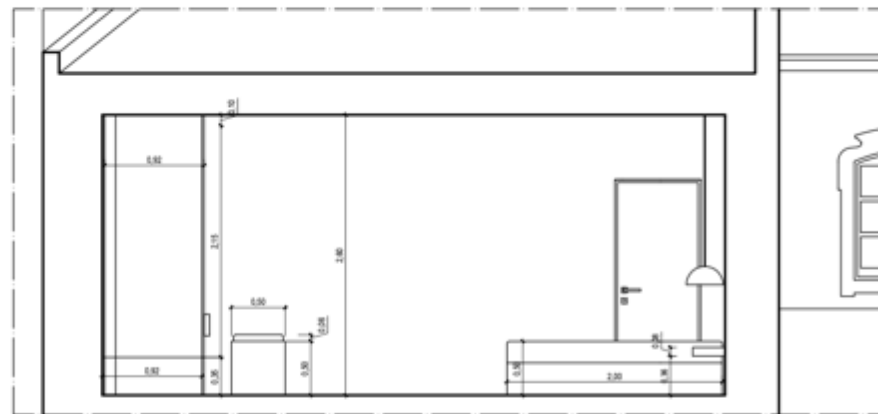
Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/50
Título: Proposto - Vista e perspetiva V2	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 28



Vista frente V3
Esc. 1/50

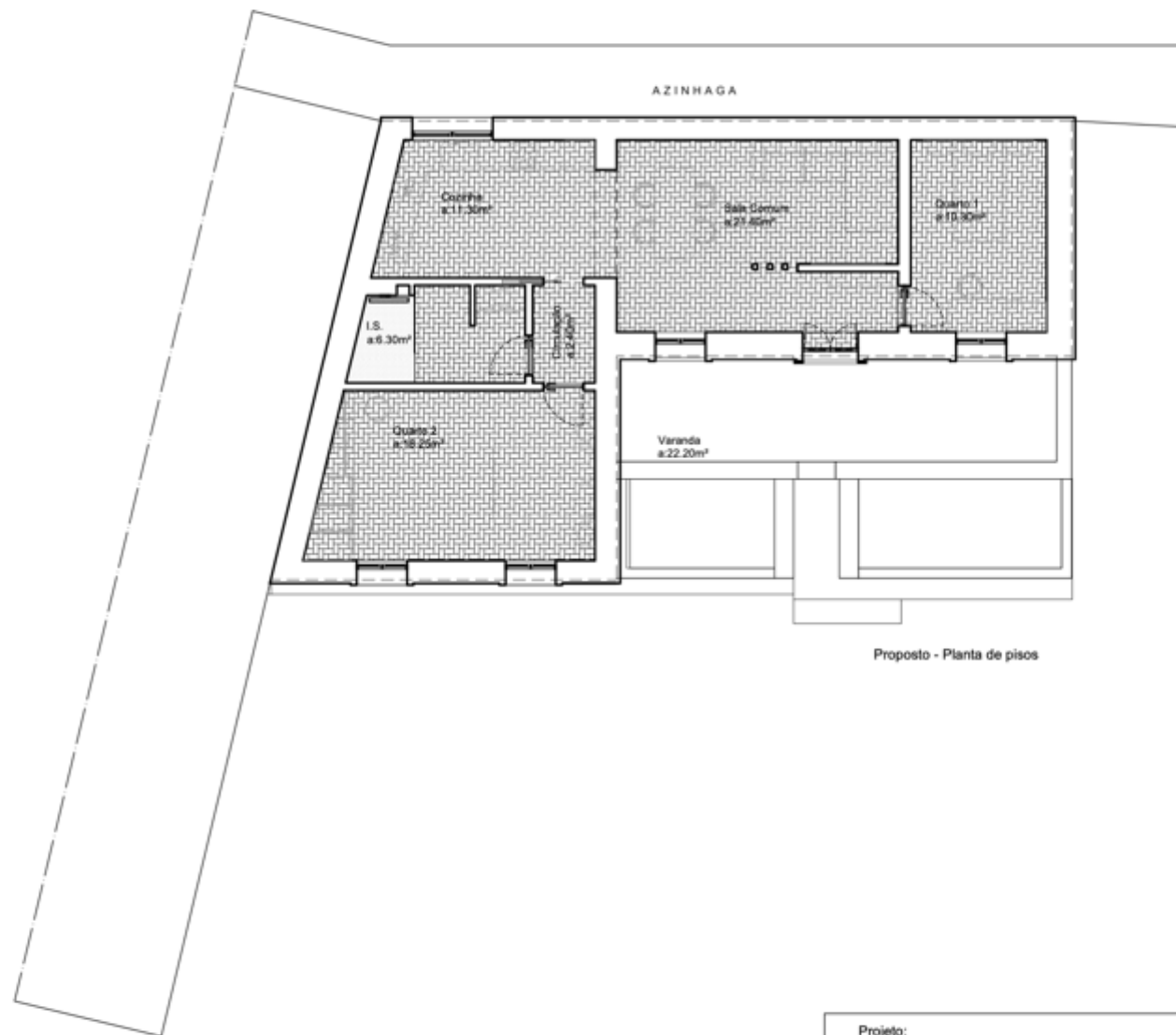


Perspetiva V4
S/E





Vista frente V4
Esc. 1/50

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/50
Título: Proposto - Vista V3, V4 e perspetiva V4	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Disign de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 29

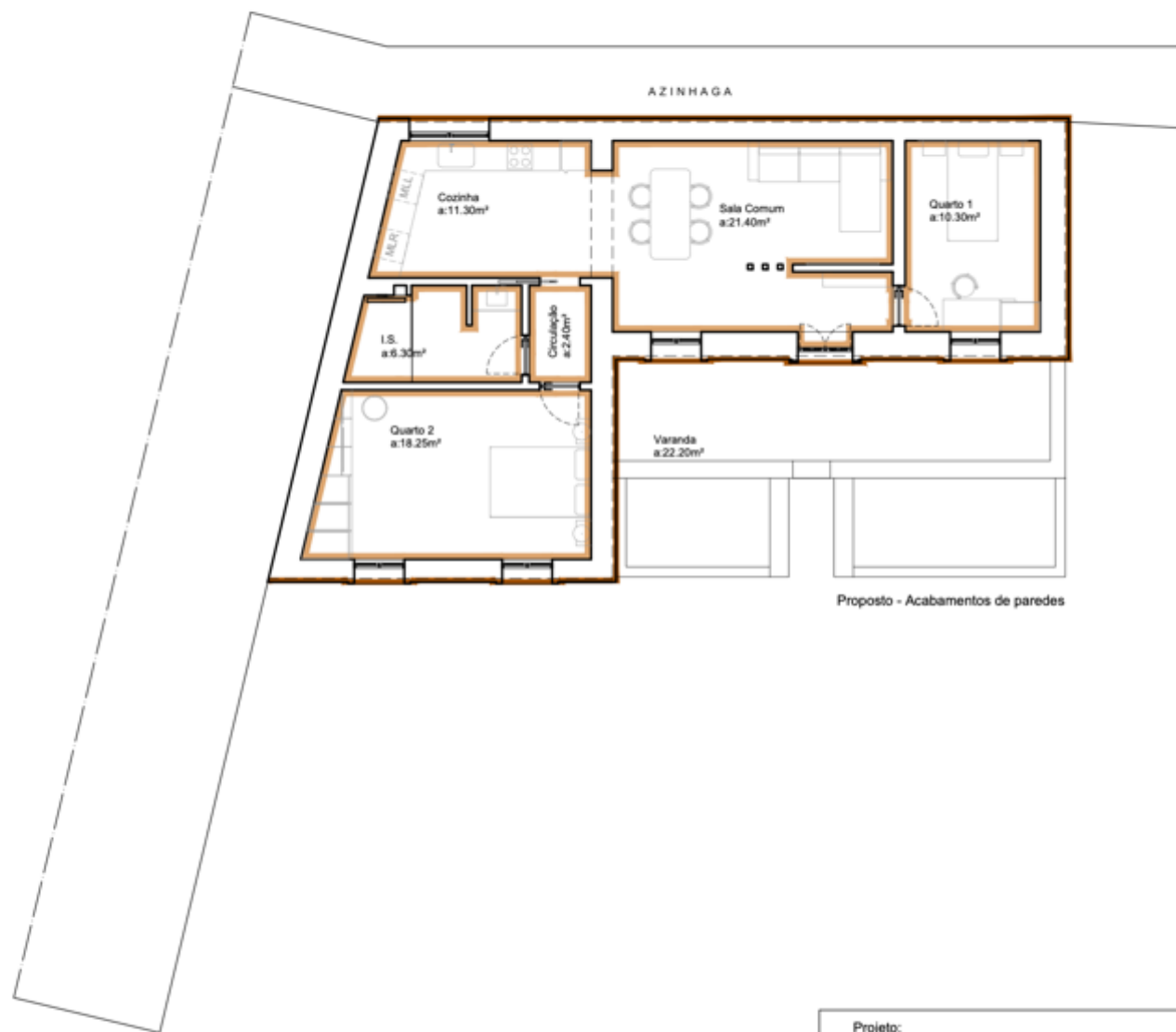


Legenda:

-  Tijoleira de barro maciço colocado a em ângulo de 90° na cor natural.
-  Acabamento em micro-cimento afagado à colher cor cinza claro.

Proposto - Planta de pisos

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Planta de pisos	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 31

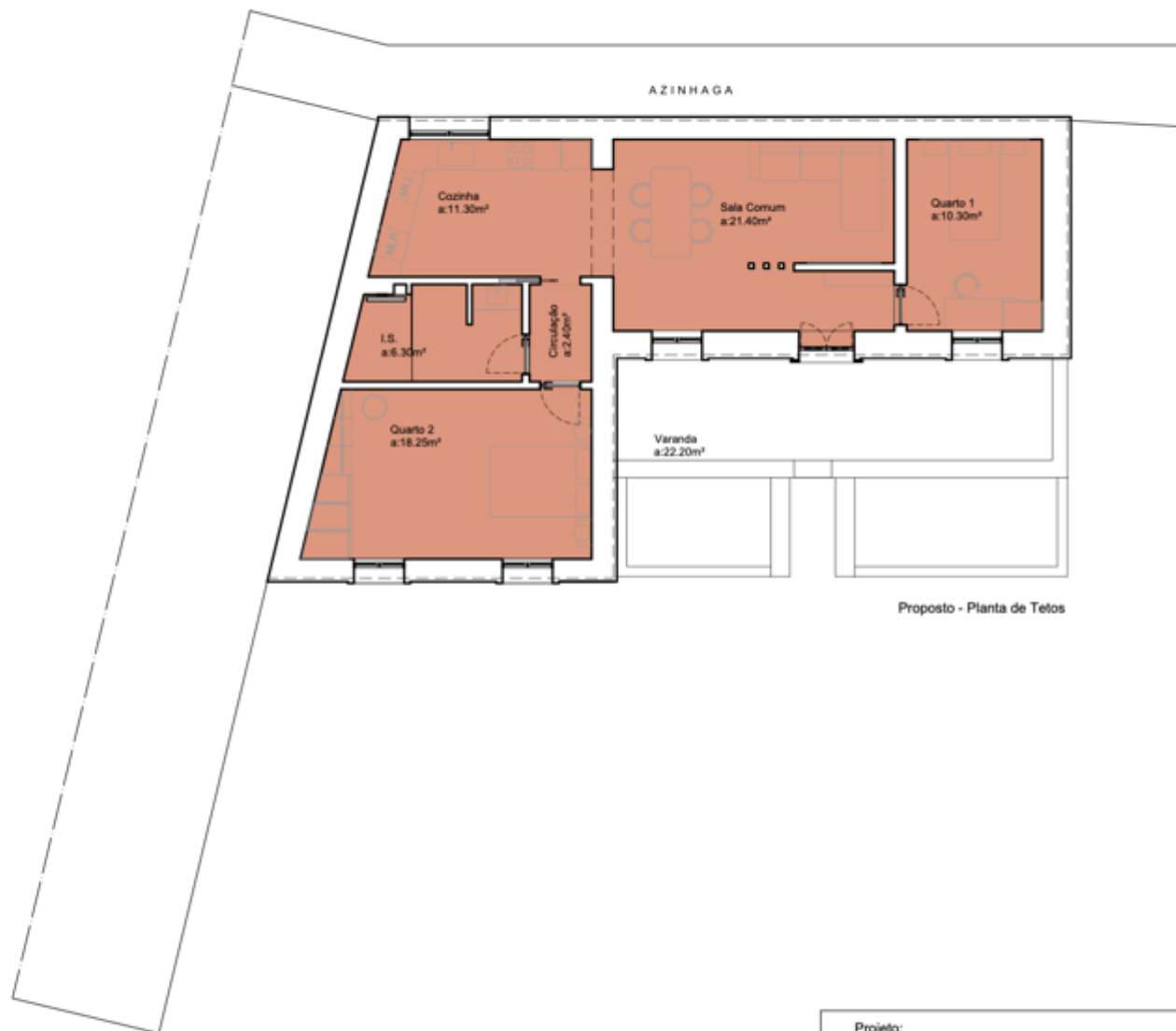


Legenda:

- Reboco areado fino com acabamento fino à colher, cor branca com tratamento anti-fungos.
- Reboco areado fino com acabamento areado, cor branco e azul nos rodapés e molduras.

Proposto - Acabamentos de paredes

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Acabamentos de paredes	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 32



Legenda:

Reboco areado fino com acabamento fino à colher, cor branca com tratamento anti-fungos.

Proposto - Planta de Tetos

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Planta de Tetos	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça: 33



Legenda:

- Iluminação embutida no teto em LEDs
- Candeeiros de teto/parede

Proposto - Planta de Iluminação

Projeto: Reabilitação de Habitação	Projeto: 1/100
Título: Proposto - Planta de Iluminação	Unidade de medida: Metros
Aluna: Barbara Matinhos Piedade	Data: 27/09/2023
Curso: Mestrado em Design de Equipamento com Especialização em Urbano e Interiores.	Peça:

9 Considerações Finais

O presente trabalho surgiu dado a curiosidade da autora por entender a cultura algarvia e a forma como as habitações foram evoluindo ao longo da sua história, observando assim as suas características e respetivos materiais, assim como a influência da habitação no contemporâneo. A investigação proporcionou um elevado conhecimento para a realização do trabalho projeto, que teve como objetivo a reabilitação de uma casa tipicamente algarvia.

No contexto do projeto de reabilitação habitacional, a intervenção enquanto Designer de Interiores pode contribuir para o projeto em questão. Estes foram os pontos de partida desta investigação, que procuraram ir ao encontro de respostas à problemática que motivou a mesma, o modo como o projeto de Design de Interiores contribui para a reabilitação da uma habitação rural para corresponder ao conforto e qualidade de vidas contemporâneas.

Primeiramente, realizou-se um estudo sobre o enquadramento geográfico do Algarve, para nos contextualizarmos a cerca da região. Na opinião da autora, para se conhecer um determinado local é necessário entender os seus antepassados, culturas, povos e costumes. De seguida, houve uma breve caracterização da casa Algarvia, seguindo informação acerca dos materiais e processos construtivos dos mesmos. Depois destas informações, a autora chegou à conclusão que existem dois tipos de habitação no Algarve a habitação rural (comuns no Barrocal Algarvio e no Algarve Calcário) e a habitação urbana (Baixo Algarve), cada uma possui as suas características.

Em seguida, alcançou-se a fase do culminar da pesquisa e estudou-se sobre como estas habitações evoluíram e chegaram à era do contemporâneo, contribuindo assim para o aparecimento de novos estilos arquitetónicos, como foi o caso do modernismo e pós-modernismo, contendo as casas simples com estruturas arquitetónicas mais evoluídas e estaticamente diferenciadas das habituais casas tradicionais, apesar de haver um período de construção em massa entre os anos 50 e 90 devido à influência do turismo na região Algarvia. Nessa altura observou-se construções não tão boas, que aos poucos foram-se refazendo e reabilitando.

Após a determinação destes elementos interiores, houve a análise de três casos de estudo, para ajudar no trabalho, para desenvolver-se um trabalho mais coeso e entender como os arquitetos e designers procedem em certas situações.

Posto isto, este trabalho de projeto teve como objetivo principal a reabilitação de um espaço interior de uma habitação tipicamente algarvia, localizada em São Brás de Alportel. Através do mesmo, verifica-se que existe uma relação intrínseca entre o homem e o espaço, podendo concluir que os dois têm uma grandiosa interação no design de interiores, onde o objetivo final é desenvolver um espaço ideal que corresponda às necessidades do utilizador e que sinta o melhor conforto, ligando o tradicional e contemporâneo.

Bibliografia

Monografias e Artigos

Costa, Jorge Felner. (1965) Algarve: Sua área e limites. Coleção turismo nº13. Lisboa: Editorial publicações turísticas.

Adragão, José Víctor. (1985) Algarve, Novos guias de Portugal. Volume 3. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, LDA.

Arquitetura Popular de Portugal (1988) Volume III: Zona 6 – Algarve. APP. Lisboa: Ordem dos Arquitetos.

Oliveira, Ernesto Veiga e Fernando Galhano (1992) Arquitetura Tradicional Portuguesa. II Casa Térrea. Lisboa: Etnográfica Press.

Palma,F., Costa,M., Correia, J., Pistr A. (2020). Platibandas do Algarve. 1ª Edição: Novembro de 2020. Lisboa: Editora: Argumentum.

Dissertações e Teses

Afonso, Vanessa Alexandra Rosa (2018) Algarve: Tradição Arquitetónica e Contemporaneidade, Um olhar sobre a reabilitação na cidade de Olhão (Tese de Mestrado, Universidade da Ribeira Interior). Repositório comum: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/8291?locale=en>

Trindade, Vanda Rute Nazário Neves (2008) Construção tradicional do Algarve, Caracterização construtiva, análise de anomalias e propostas de intervenção. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa). Repositório comum: <https://run.unl.pt/handle/10362/5080>

Aires, Rui Carlos De Jesus Castro (2014) Reabilitação e construção de edifícios de taipa em espaço rural, na região do Algarve, Sistemas construtivos de taipa e pedra (Dissertação

para obtenção de grau de mestre, em estudos avançados de arquitetura , ISMAT – Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes).

Repositório comum: <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/9244>

Santos, Lydia Soeiro (2021) A(s) chaminé(s) do Algarve. (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em História e Patrimónios, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais).

Repositório: https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/17425/1/5%20tese_corrigido.pdf

Nunes, Mariana Filipe (2021). Um estudo da arquitetura algarvia: tradição, modernidade e atualidade. (Dissertação para obtenção do grau de Mestrado integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada). Repositório:

http://193.136.186.9/bitstream/11067/5940/1/mia_mariana_nunes_dissertacao.pdf

Webgrafia

INE. *Instituto Nacional de Estatística de Portugal*. Consultado em 24 de Maio de 2022. Disponível em https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

Imobiliária Portugal. *Algarve, região sul do país*. Consultado a 6 de Janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.imobiliariaportugal.com/algarve/>

OpenEdition Books. *Arquitetura Tradicional Portuguesa. II. Casa Térrea – Zona Algarvia*. Consultado a 19 de Março de 2023.

Disponível em: <https://books.openedition.org/etnograficapress/6563>

Couto, Nuno (10 de Julho de 2018) Jornal do Algarve. *Algarve ganha 5.545 “novos cidadãos num ano”*. Consultado a 15 de Outubro de 2023.

Disponível em: <https://jornaldoalgarve.pt/algarve-ganha-5-545-novos-cidadaos-num-ano/>

Santos, Fábio (08 de Abril de 2021) Ponto de Partida. *Algarve, o que visitar? Roteiro de 7 dias*. Consultado a 15 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://opontodepartida.com/algarve-o-que-visitar/>

Visit Algarve Portugal (2018) *Serra de Monchique*. Consultado em: 15 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://www.visitalgarve.pt/pt/7427/serra-de-monchique.aspx>

Loja do azulejo (2023) Terracota artesanal, tijoleira em barro natural. Consultado a 22 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://ladrilhosantacatarina.pt/>

Urbana (2023) Casa da Açoteia. Disponível em: https://urbana.com.pt/2023/04/casa-da-acoteia/?doing_wp_cron=1698768753.6813030242919921875000

Anexos

Anexo I



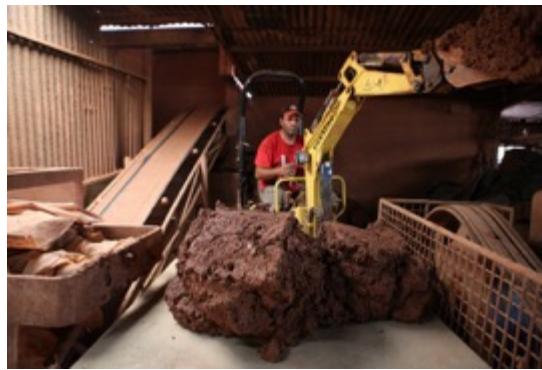
1 - Local onde se extrai a matéria
Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



2 – Argila antes de ser moída
Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



3 - Máquina que mói a argila
Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



4 – Argila amassada (Só se utiliza de máquinas até esta etapa, nos antepassados este processo de amassar era todo feito à mão). Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



5 – A partir daqui, utiliza-se apenas as mãos. Depois de amassada a argila, junta-se o granel e areia à mesma.
Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



6 – Depois da mistura feita, junta-se a água.
Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



7 – Mistura concluída, contabiliza-se o peso e a medida. E começa-se o ato de criação do ladrilho.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



8 – Escolher a forma o mestre deseja e de seguida colocar a mistura na mesma.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



9 – Colocação da mistura na forma sob a pedra.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



10 – Este processo é opcional, colocação de cré (variedade de calcário, de cor esbranquiçada, amarelada).

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



11 – Colocação dos ladrilhos na eira.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



12 – Telheiro é o local onde se faz a secagem natural dos ladrilhos.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



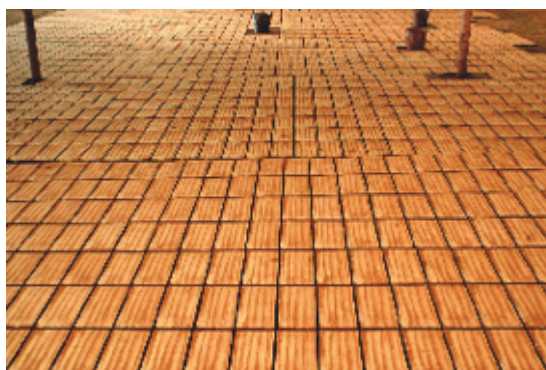
13 – Deve-se ir batendo nos ladrilhos, para ver o seu estado da sua secagem.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



14 – Fazer as contas de quantos ladrilhos foram produzidos e que estão prontos para a cosedura.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



15 – Quando os ladrilhos, já se encontram devidamente depurados do excesso de humidade são devidamente acondicionados.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



16 – Colocação dos ladrilhos no forno, para a respetiva cosedura.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



17 – Terminar de enforar e preparar o fogo.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



18 – Alimento para o forno

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



19 – Visão da cozedura.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



20 – Ladrilhos prontos.

Fonte: Fotografia de Felipe da Palma



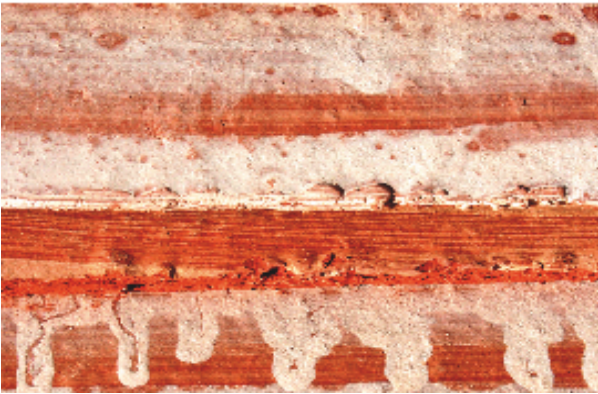
21 – Alguns exemplos de formas de ladrilhos típicos no Algarve.

Fonte: Website Loja do Azulejo

Anexo II

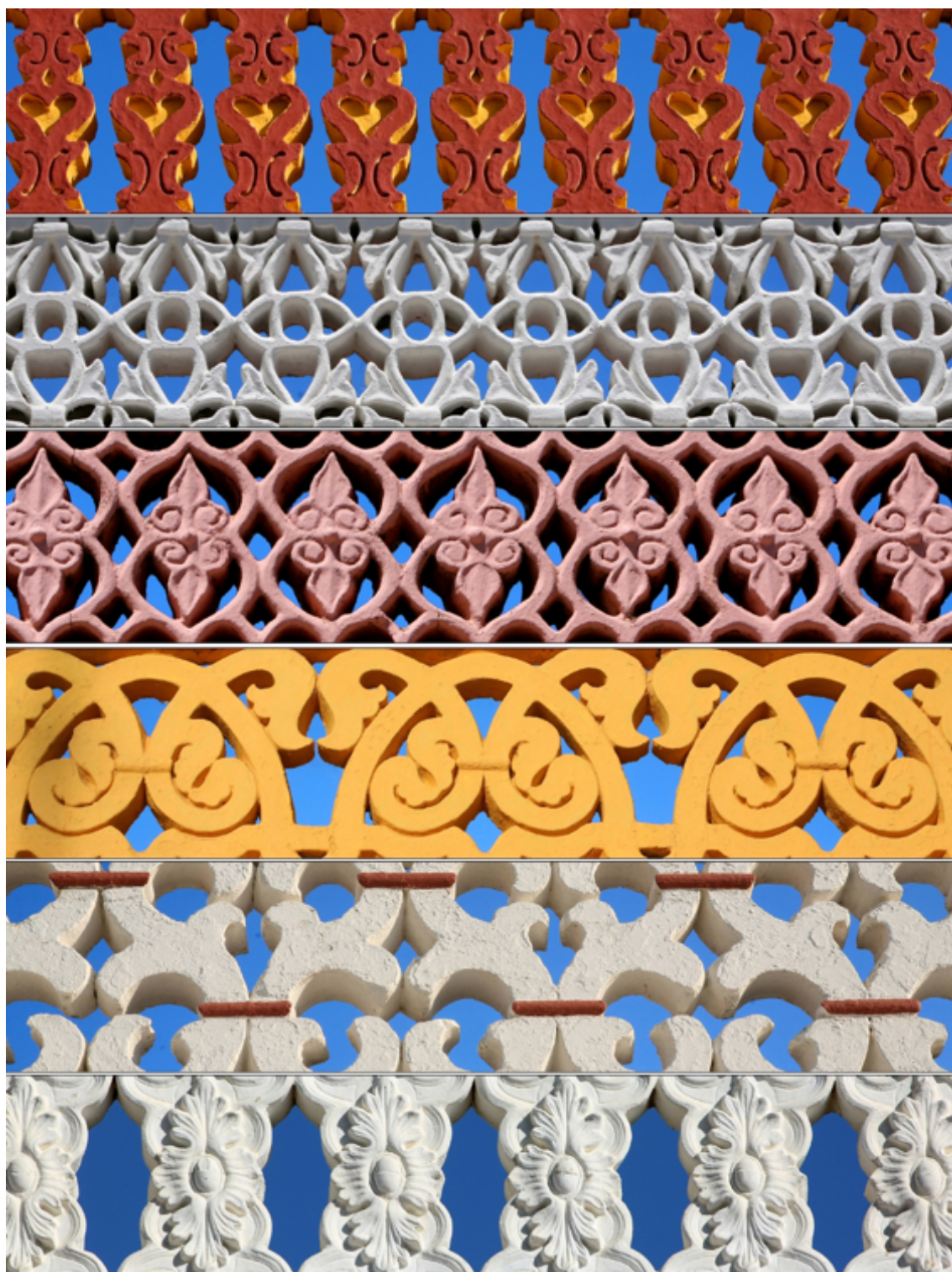
Processo da produção da telha de Santa Catarina, Algarve.





Anexo III

Exemplos de platibandas algarvias, imagens do fotografo Filipe da Palma.









Anexo IV

Imagens do interior da casa da Açoteia, Quinta do Lago.



